



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM LETRAS

ELBA SILVEIRA CHAGAS SILVA

**O DISCURSO ETARISTA SOBRE O SUJEITO FEMININO: EFEITOS DE SENTIDO
DA ORDEM DO POLÍTICO E DO IDEOLÓGICO MOBILIZADOS PELA INSCRIÇÃO
“#ATUALIZAPORCHAT” NO AMBIENTE DIGITAL**

São Cristóvão-SE

2023

ELBA SILVEIRA CHAGAS SILVA

**O DISCURSO ETARISTA SOBRE O SUJEITO FEMININO: EFEITOS DE SENTIDO
DA ORDEM DO POLÍTICO E DO IDEOLÓGICO MOBILIZADOS PELA INSCRIÇÃO
“#ATUALIZAPORCHAT” NO AMBIENTE DIGITAL**

Tese de Doutorado apresentada para Exame de Defesa no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Linguagem: Identidade e Práticas Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni.

São Cristóvão-SE

2023

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586d Silva, Elba Silveira Chagas
O discurso etarista sobre o sujeito feminino : efeitos de sentido da ordem do político e do ideológico mobilizados pela inscrição "#ATUALIZAPORCHAT" no ambiente digital / Elba Silveira Chagas Silva ; orientador Fábio Elias Verdiani Tfouni. – São Cristóvão, SE, 2023.
177 f. : il.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Linguagem e línguas. 2. Análise do discurso. 3. Etarismo. 4. Mídia digital. 5. Mulheres na comunicação de massa. 6. Fala em público. I. Tfouni, Fábio Elias Verdiani, orient. II. Título.

CDU 81'42-055.2

ELBA SILVEIRA CHAGAS SILVA

**O DISCURSO ETARISTA SOBRE O SUJEITO FEMININO: EFEITOS DE SENTIDO
DA ORDEM DO POLÍTICO E DO IDEOLÓGICO MOBILIZADOS PELA INSCRIÇÃO
“#ATUALIZAPORCHAT” NO AMBIENTE DIGITAL**

Aprovada em: 14/08/2023.

Tese de Doutorado apresentada para Exame de Defesa no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora à seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni (Orientador)

Prof. Dr. Wilton James Bernardo dos Santos (Membro Externo ao Programa)

Prof^a. Dr^a. Sônia Pinto de Albuquerque Melo (Membro Externo à Instituição)

Prof^a. Dr^a. Bethania Sampaio Corrêa Mariani (Membro Externo à Instituição)

Prof. Dr. Anderson de Carvalho Pereira (Externo à Instituição)

São Cristóvão-SE

2023

Dedico este trabalho aos meus queridos
filhos: Eloisa e Elias.

AGRADECIMENTOS

Cada linha desta pesquisa reflete as concepções, os saberes e os costumes de onde eu vim e dos livros que li, e, desse modo, nada seria da forma que é se eu não tivesse raízes na família em que nasci, nas pessoas com as quais convivo e convivi e nos mestres que atravessaram o caminho da minha história como sujeito, desde o nascimento, passando pela minha infância, percorrendo os estudos do Ensino Básico e alçando voo na busca pelo conhecimento pelos caminhos da universidade.

Nesses seis anos, entre o curso de mestrado e o de doutorado na Universidade Federal de Sergipe, conheci pessoas que tenho como referência de compromisso, dedicação à pesquisa e cuidado com o outro, no sentido de acreditar que a pesquisa e o conhecimento só têm relevância em ser se, de fato, mudar a vida dos sujeitos para melhor.

Durante os dois primeiros anos da década de 2020, no percurso de constituição desta pesquisa, as instituições brasileiras passaram por uma crise, da ordem do político e do ideológico, pautada por uma desvalorização da Ciência, abertamente discursivizada e materializada nos espaços de poder e nas redes sociais, em meio a uma calamidade de saúde pública de efeitos mundiais devido à epidemia de Covid-19. Assistimos, enclausurados, em nossas casas, à perda de muitas vidas e fomos fragilizados pelo discurso de alguns negacionistas que atacaram a Ciência das formas mais vis possíveis.

Respirando essa atmosfera de um período de políticas públicas que estabeleciam um Estado mínimo, um negacionismo da Ciência, muitas mentes e muitos corpos sucumbiram à triste realidade desse tempo. Semelhante a muitos, eu adoeci física e mentalmente. No entanto, dois fatores foram decisivos para que eu saísse desse lugar chamado desesperança e retomasse o meu posto como protagonista da minha história: a fé em Deus e a rede de apoio que tive por parte de meus familiares mais próximos.

Portanto, parafraseando um verso da música “Sujeito de sorte”, composta por Belchior, digo explicitamente que, nos primeiros anos de 2020, eu morri, mas esse ano eu não morro mais. Novos e bons ventos sopram na democracia brasileira, e, junto com ele, a fé e a esperança em dias melhores, não sem paradoxos, renascem. Avante!

Sigamos gratos e embebidos pelas experiências e pelos encontros e desencontros com as pessoas certas, nos momentos certos, que atravessaram nosso caminho até aqui! Dessa forma, sou grata por todo suporte e apoio a mim direcionados por parte do meu orientador, o professor Dr. Fábio Elias Verdiani Tfouni. Um homem que sempre foi pedagógico em suas atitudes e seus gestos em seis anos de parceria nas orientações de mestrado e do doutorado e pelos conhecimentos adquiridos durante as disciplinas as quais ministrou. Gratidão por sua paciência e pelo respeito para com o meu processo de amadurecimento com relação ao meu trabalho e ao tema de pesquisa.

Agradeço também às coordenadoras do Programa de Pós-Graduação em Letras, professoras Dr^a. Raquel Meister Ko. Freitag e Dr^a. Isabel Cristina Michelan de Azevedo, sempre dedicadas ao crescimento da pesquisa na Universidade Federal de Sergipe. Agradeço aos demais professores que passaram pela minha trajetória acadêmica.

Ao querido professor Dr. Wilton James Bernardo dos Santos, agradeço imensamente por todos os ensinamentos sobre a teoria da AD francesa durante as aulas da disciplina e por ter aceitado compor a Banca de Defesa deste trabalho. Seus apontamentos na Qualificação foram decisivos para que eu chegasse até aqui: sou uma admiradora do seu trabalho!

À professora Dr^a. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho, meu muito obrigada. Gravo na memória aquela aula ministrada por ti, no início do curso do mestrado, no ano de 2016, a partir de um texto crucial, fazendo um paralelo entre as principais diferenças entre análise de discurso e análise de conteúdo: foi marcante!

Agradeço imensamente à professora Dr^a. Bethânia Sampaio Corrêa Mariani pela contribuição teórica e pelos apontamentos em minha Banca de Qualificação. Sua criticidade ajudou a significar o meu objeto de pesquisa.

Agradeço à professora Dr^a. Sônia Pinto de Albuquerque Melo por aceitar compor minha Banca de Defesa. Seu olhar crítico e sua disponibilidade para analisar meu trabalho de pesquisa também foram essenciais para que este momento se tornasse possível.

Um agradecimento também especial ao meu companheiro José Fernando Silva – já são 15 anos de parceria! Gratidão por ter me compreendido e sempre me ajudado a cuidar das nossas joias preciosas – nossos filhos: Eloisa e Elias – durante esse período intenso em que me dividia entre os estudos, o trabalho e a família.

Estendo, ainda, a minha gratidão aos meus pais Josefa S. P. Chagas e José Rodrigues Chagas por todos os ensinamentos e compreensão – vocês são minhas preciosidades, exemplo de sabedoria, fé e amor.

Agradeço imensamente às minhas irmãs queridas: Edinelma – Nena, Elma e Elizeni: elas sempre torceram e torcem por mim! Agradeço ao meu estimado cunhado João Francisco, sempre pronto para me ajudar nas ocasiões em que necessitei. Agradeço também aos poucos amigos que contribuíram para aliviar o caminho trilhado quando tudo estava bem difícil.

Agradeço também ao querido amigo Éverton Santos pelo apoio enquanto eu elaborava meu trabalho de pesquisa.

Do amigo da pós-graduação da UFS Samuel Santos também não posso me esquecer: obrigada pelas conversas profícuas e sempre engrandecedoras sobre a vida e sobre as formas de ser do discurso nos corredores na UFS.

Enfim, agradeço a todos que compõem o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe pelo apoio e pela compreensão no caminho para a realização deste empreendimento científico de significados e sentidos.

“Compreender, eu diria, é saber que o sentido pode ser outro.”

(Eni Orlandi)

RESUMO

Esta pesquisa está embasada na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, fundada pelo francês Michel Pêcheux (1960), e seu *corpus* foi delimitado a partir de recortes de comentários nas plataformas virtuais *Facebook* e *YouTube*, a partir dos quais foi analisado o funcionamento das discursividades em torno do etarismo relacionado ao gênero feminino. O objeto foi recortado a partir de um vídeo intitulado “#ATUALIZAPORCHAT”, postado nas referidas redes sociais, em resposta a um outro vídeo intitulado “RESPONSÁVEL”, que originou uma série de comentários nas duas plataformas citadas. Para ampliar os gestos de análise, utilizou-se também a teoria da análise do discurso digital, cujos pressupostos são dispositivos teóricos que auxiliaram nos processos de produção analítica. O objetivo geral deste estudo é promover uma análise do *corpus* nascido no universo digital, mobilizando determinadas categorias da Análise do Discurso francesa, levando em consideração uma visão pós-dualista e ecológica do discurso, que considera as formas tecnodiscursivas como elementos essenciais para a produção e instauração dos sentidos sobre o etarismo referente à mulher que circulam no espaço virtual. Como objetivos específicos, tem-se compreender as formas de produção dos efeitos de sentido dos discursos em torno do sujeito feminino, constituídos por dizeres sobre o etarismo, apontando o confronto de formulações discursivas materializadas no espaço virtual, observando a operação da ideologia, das formações discursivas e da historicidade na produção da linguagem. Objetiva-se enfatizar também que os gestos de interpretação dos discursos são materializados por “deslizamentos de sentidos” e que o recurso à paráfrase e à polissemia significa a inscrição da língua na história, uma vez que é constitutivo da memória discursiva reformular e atualizar os dizeres que circulam nos ambientes sociais. Intenta-se ainda compreender, por meio do gesto descritivo e analítico, o movimento das ideias dos sujeitos em suas posições de leitor e de enunciador com base na perspectiva ecológica do discurso, com sua dimensão tecnolinguageira, constitutivamente integrada aos contextos de linguagem. Por fim, objetiva-se desestabilizar, através da análise do processo de significação, os “universos logicamente estabilizados”, mostrando que os sentidos são múltiplos e inalcançáveis em sua totalidade, pois a língua é aberta a múltiplas interpretações. Utiliza-se como aporte teórico, além de Pêcheux (2010, 2014, 2015) e Paveau (2013, 2021), a epistemologia de Orlandi (2012, 2015, 2016), Malidier (2003), Mazière (2017), Possenti (2018), entre outros estudiosos. Através das análises dos recortes dos vídeos e das Sequências Discursivas que compõem o *corpus*, constatam-se o caráter opaco da linguagem, as diversas formações discursivas advindas das formações ideológicas e também o sentido político e material que move os dizeres sobre o etarismo, entrecruzando a língua, o sujeito e a história. É possível testemunhar, assim, que as materialidades analisadas se historicizam, gerando a revivência de ideologias que tentam se impor em meio a formas de pensar e de agir diversas, e isso provoca o confronto de pensamentos dos sujeitos no meio social, materializando as discursividades no espaço virtual.

Palavras-chave: Etarismo. Análise do Discurso francesa. Discurso Digital. Dimensão tecnolinguageira.

ABSTRACT

This research is based on the theory of French Discourse Analysis, founded by the French scholar Michel Pêcheux (1960), and its *corpus* was delimited from excerpts of comments on the virtual platforms Facebook and YouTube, from which the functioning of discourses related to ageism was analyzed concerning the female gender. The object of analysis was extracted from a video entitled in portuguese language "#ATUALIZAPORCHAT," posted on the aforementioned social networks as a response to another video titled "RESPONSÁVEL," which triggered a series of comments on both platforms. To expand the analytical approach, the theory of digital discourse analysis was also employed, whose assumptions are theoretical devices that aided in the processes of analytical production. The overall objective of this study is to conduct an analysis of the corpus originating in the digital universe, employing specific categories from French Discourse Analysis, while considering a post-dualistic and ecological perspective of discourse. This perspective regards technodiscursive forms as essential elements for the production and establishment of meanings pertaining to ageism concerning women that circulate in virtual space. Among the specific objectives is the understanding of the production of meaning effects in discourses about the female subject, constituted by statements on ageism, pointing out the clash of discursive formulations materialized in the virtual space, observing the operation of ideology, discursive formations, and historicity in language production. It is also intended to emphasize that the interpretations of discourses are materialized through "slippages of meaning" and that the use of paraphrase and polysemy signifies the inscription of language in history since reformulating and updating statements circulating in social environments is constitutive of discursive memory. Furthermore, the study aims to comprehend, through descriptive and analytical approaches, the movement of subjects' ideas in their positions as readers and enunciators based on the ecological perspective of discourse, with its technolinguistic dimension, integrally linked to language contexts. Finally, the goal is to destabilize the "logically stabilized universes" through the analysis of the process of signification, demonstrating that meanings are multiple and unattainable in their totality since language is open to multiple interpretations. The theoretical framework draws upon Pêcheux (2010, 2014, 2015), Paveau (2013, 2021), Orlandi's epistemology (2007, 2012, 2015, 2016), Malidier (2003), Mazière (2017), Possenti (2018), among other scholars. Through the analysis of video excerpts and Discursive Sequences comprising the *corpus* are revealed, the opaque nature of language, the diverse discursive formations arising from ideological formations, and the political and material sense that drives statements about ageism, intertwining language, the subject, and history. It becomes evident that the analyzed materialities become historicized, giving rise to the revival of ideologies attempting to impose themselves amidst diverse ways of thinking and acting, provoking clashes of ideas among individuals in the social sphere, materializing discourses in the virtual space.

Keywords: Ageism. French Discourse Analysis. Digital Discourse. Technolinguistic Dimension.

RESUMEN

Esta investigación está basada en la teoría del Análisis del Discurso de línea francesa, fundada por el francés Pêcheux (1960), y su corpus fue delimitado de recortes de comentarios en las plataformas virtuales *Facebook* y *YouTube*, a partir de los cuales se analizó el funcionamiento de las discursividades en torno al edadismo relacionado al género femenino. El objetivo está recortado de un video titulado "#ATUALIZAPORCHAT", publicado en las mencionadas redes sociales, en respuesta a un otro video titulado "RESPONSÁVEL", lo que ha originado múltiples comentarios en las dos plataformas antes citadas. Para ampliar los gestos de análisis, se utilizó también la teoría del análisis del discurso digital, cuyos supuestos son dispositivos que auxiliaron en los procesos de producción analítica. El objetivo general de este estudio es promocionar el análisis del *corpus* originado en el universo digital, lo que moviliza determinadas categorías del Análisis del Discurso francés, considerándose una visión posdualista y ecológica del discurso, la cual estima las formas tecnodiscursivas como elementos esenciales para la producción e instauración de los sentidos sobre el edadismo concerniente a mujeres que circulan en el espacio virtual. Como objetivos específicos, se comprende las formas de producción de los efectos de sentido de los discursos en torno al sujeto femenino, constituido por dichos sobre edadismo, indicando la confrontación de formulaciones discursivas materializadas en el espacio virtual, observándose la producción del lenguaje. Se tiene como meta enfatizar también que los gestos de interpretación de los discursos son materializados por "deslizamientos de sentido" y que el recurso a la paráfrasis e a la polisemia significa la inscripción de la lengua en la historia, una vez que es constitutivo de la memoria discursiva reformular y actualizar los dichos que circulan en los ambientes sociales. Se intenta, aún, comprender por medio del gesto descriptivo y analítico, el movimiento de ideas de los sujetos en sus posiciones de lector y de enunciador, basado en la perspectiva ecológica del discurso con su dimensión tecnolenguajera, constitutivamente integrada a los contextos de lenguaje. Por fin, se busca desestabilizar, a través de análisis del proceso de significación, los "universos lógicamente estabilizados", que muestra que los sentidos son múltiples e inalcanzables en su totalidad, pues la lengua es abierta a numerosas interpretaciones. Es utilizado como aporte teórico, además de Pêcheux (2010, 2014, 2015) y Paveau (2013, 2021), la epistemología de Orlandi (2007, 2012, 2015, 2016), Maldidier (2003), Mazière (2017), Possenti (2018), entre otros estudiosos. A través de los análisis de los recortes de los videos y de las SDs que componen el *corpus*, es constatado el carácter opaco del lenguaje, las diversas formaciones discursivas advenidas de las formaciones ideológicas y también el sentido político y material que mueve los dichos sobre edadismo, entrecruzando la lengua, el sujeto y la historia. Al fin, es posible atestiguar que las materialidades analizadas se historizan, generando la reavivación de ideologías que se intentan impor en medio a formas de pensar y de agir distintas, y esto provoca la confrontación de pensamientos de los sujetos en el medio social, materializándose las discursividades en el espacio virtual.

Palabras clave: Edadismo. Análisis del Discurso francés. Discurso Digital. Dimensión Tecnolenguajera.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vídeo “RESPONSÁVEL”	82
Figura 2: <i>Print screen</i> do vídeo “RESPONSÁVEL”	83
Figura 3: Caixaão vazio.....	85
Figura 4: Meme com o ex-Presidente.....	87
Figura 5: Olho verde e amarelo chorando.....	88
Figura 6: <i>Print screen</i> do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”.....	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA E SEUS FUNDAMENTOS BASILARES PARA A CONFIGURAÇÃO DESTA PESQUISA	18
1.1 O conceito de discurso em AD para produção dos sentidos formulados nos recortes analíticos.....	31
1.2 O estatuto do sujeito e a força motriz da ideologia.....	35
1.3 A formulação dos discursos – o lugar da paráfrase e da polissemia.....	24
1.4 Breves considerações sobre a teoria da Análise do Discurso no Brasil.....	41
2 O MÉTODO EM AD – A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E OS PROCEDIMENTOS TEÓRICO E ANALÍTICO PARA A FUNDAMENTAÇÃO DESTA PESQUISA	47
2.1 A metodologia aplicada no empreendimento das análises.....	55
2.1.1 <i>Questão norteadora da pesquisa</i>	56
2.1.2 <i>Das regularidades e da ampliação dos sentidos produzidos nos fios discursivos do corpus em análise: o ambiente digital</i>	56
2.1.3 <i>Das modalidades tecnodiscursivas e das práticas da violência verbal inscritas nas materialidades discursivas da Web 2.0</i>	64
2.1.4 <i>Das modalidades tecnodiscursivas e dos efeitos de sentido materializados pelas respostas tecnodiscursivas nas redes sociais fonte desta pesquisa</i>	71
3 CONSTRUÇÃO DISCURSIVA SOBRE O FEMINISMO: UMA BREVE ATUALIZAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS	78
3.1 As condições de produção dos discursos analisados.....	80
3.1.1 O vídeo “ <i>RESPONSÁVEL</i> ”.....	82
3.2 O vídeo “ <i>#ATUALIZAPORCHAT</i> ”.....	92
3.3 O humor e a polêmica do “politicamente correto” – os sentidos produzidos nas diferentes formas de interpretar o objeto em análise.....	101
4 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS EM CIRCULAÇÃO NO FACEBOOK: OS SENTIDOS PRODUZIDOS ACERCA DO ETARISMO	108
4.1 Primeira parte das análises.....	108
4.2 Segunda parte das análises.....	141
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
REFERÊNCIAS	174

INTRODUÇÃO

As palavras são atravessadas e instituídas por sentidos no processo de enunciação, e, em meio a uma perspectiva discursiva e ideológica da língua, os sujeitos produtores de linguagem evocam e reivindicam, através dos signos, discursos que aparentemente são transparentes; contudo, nenhum discurso é neutro, e eles apresentam outros sentidos possíveis. Diremos, imbuídos por essa afirmação, que toda e qualquer produção da materialização dos discursos carrega consigo a historicidade dos acontecimentos, que, no arcabouço teórico do tempo e da história, comporta as ideologias discursivas que revelam as filiações dos dizeres inscritos na linguagem.

Desse modo, o presente estudo analisa os discursos inseridos no ambiente virtual, numa arqueologia de vozes que representam substancialmente as ideologias que emanam das inscrições perspectivadas pelas questões de gênero, mais especificamente os discursos etaristas sobre a mulher. Em particular, este trabalho foca na maneira como o envelhecimento é discursivizado na mídia e como os processos de instauração de sentidos acontecem utilizando a rede social *Facebook* e a plataforma de vídeos *YouTube* como dispositivos de materialização de ideologias provindas de várias formações discursivas.

Mediante os objetivos geral e específicos desta pesquisa, o que me motivou a trabalhar a questão do etarismo materializado na linguagem, ou seja, nos discursos que caracterizam e dão sentidos às nossas vivências, foi a vontade de mobilizar discussões pertinentes a esse tema, pois a expectativa de vida do brasileiro tem aumentado, segundo dados de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e, junto com esse fato, há a necessidade de problematizarmos sobre a sociedade que temos e a sociedade que queremos para incluir as pessoas idosas. Também penso que a nós, pesquisadores do campo científico da linguagem, convém interpretar as várias formas de produção de sentidos, no âmbito do campo discursivo, sobre o etarismo e, dessa forma, provocar reflexões sobre o papel da mulher madura nos espaços de poder numa sociedade patriarcal, conservadora e que advoga pelo “mito da beleza”.

O objetivo geral do estudo ora proposto é promover uma análise do *corpus* nascido do universo digital, mobilizando determinadas categorias da Análise do Discurso francesa, levando em consideração uma visão pós-dualista e ecológica do

discurso, que considera as formas tecnodiscursivas como elementos essenciais para a produção e instauração dos sentidos sobre o etarismo referente à mulher que circulam no espaço virtual.

Vale salientar, segundo Paveau (2013), que a abordagem ecológica do discurso trabalha com os elementos languageiros levando em consideração o conjunto do ambiente em que os dizeres estão inseridos. Seguindo a linha da estudiosa, temos como ponto de partida que os discursos são “constitutivamente integrados a seus contextos” (Paveau, 2021, p. 159), sendo incompleto analisar a produção dos seus sentidos se apenas considerarmos a matéria languageira sem a dimensão dos tecnodiscursos, uma vez que eles são verdadeiros compósitos que abarcam o languageiro e o tecnológico, bem como os elementos culturais, políticos, éticos, ideológicos, entre outros, como assevera a referida autora. Dessa forma, sabemos que os pressupostos da AD pecheutiana considera aspectos sócio-históricos, a base linguística e a ideologia como essenciais na historicização discursiva da língua; contudo, o que se amplia nesta pesquisa é uma vertente de análise do discurso digital que comporta o tecnolanguageiro como coadjuvante nos processos de significação da linguagem nas instâncias sociais e de poder.

Um dos objetivos específicos para fins deste estudo intenciona representar e reforçar, à luz da AD, a acepção de que os dizeres são formas complexas e constituídas de múltiplos significados que impossibilitam os sujeitos de apreenderem um sentido estanque da linguagem.

Um outro objetivo específico é compreender as formas de produção dos efeitos de sentido dos discursos em torno do sujeito feminino, constituídos por dizeres sobre o etarismo, apontando o confronto de formulações discursivas materializadas no espaço virtual, levando sobretudo em consideração a operação da ideologia, das formulações discursivas e da historicidade na produção da linguagem.

Objetivamos enfatizar também que os gestos de interpretação dos discursos são materializados por “deslizamentos de sentidos” e que o recurso à paráfrase e à polissemia significa a inscrição da língua na história, uma vez que é constitutivo da memória discursiva reformular e atualizar os dizeres que circulam nos ambientes sociais e, em particular aqui, no *Facebook* e no *YouTube*.

Prosseguimos nesta empreitada com os dois últimos objetivos específicos propostos, que são: compreender, por meio do gesto descritivo e analítico, o movimento das ideias dos sujeitos em suas posições de leitor e de enunciador,

levando em consideração a perspectiva ecológica do discurso, com sua dimensão tecnolinguageira, constitutivamente integrada aos contextos de linguagem. E, por fim, objetivamos desestabilizar, por meio da análise do processo de produção dos sentidos, os “universos logicamente estabilizados”, mostrando que os sentidos dos dizeres são múltiplos, inalcançáveis em sua totalidade, pois a língua é aberta a múltiplas interpretações de sentidos.

No limiar desta pesquisa, urge ressaltar que a epistemologia aplicada, como já foi colocado na introdução, advém de uma abordagem filiada à Análise do Discurso de origem francesa (AD), pautada na teoria de Michel Pêcheux (1960) e de outros estudiosos que, ao longo dos anos, mantêm essa teoria discursiva sagaz e viva. Por conta de o conhecimento científico da linguagem possuir um caráter dinâmico e se desenvolver ao longo do tempo, com vistas a atender às necessidades de compreensão dos fenômenos linguageiros postos pelos sujeitos que integram uma comunidade falante de determinada língua, também abarcamos aqui a teoria da análise do discurso digital, em desenvolvimento por Marie-Anne Paveau (2021), e elencamos aqui algumas categorias relevantes para a análise do *corpus* digital nativo, uma vez que muitos dados observáveis promovem sentidos a partir dos tecnodiscursos.

Portanto, sem abrir mão dos pressupostos preconizados pela AD francesa, e sabendo que ela mantém uma intrínseca relação com a episteme de outras áreas, como a psicanálise, a sociologia e crucialmente as ciências da linguagem, demandamos tratar o tema do *corpus* em questão por uma via transdisciplinar da linguagem e do conhecimento.

A partir dessas palavras preliminares, destacamos que o objeto de pesquisa em questão trata-se de recortes discursivos de um vídeo postado no *YouTube* com a hashtag “#ATUALIZAPORCHAT”, que em janeiro de 2021 teve uma repercussão expressiva no espaço virtual, com 4,4 mil curtidas, 54.618 visualizações e 480 comentários até a data de 28 de fevereiro de 2021, época em que começamos a delinear o estudo em questão. Vale salientar que, também na rede social *Facebook*, o mesmo vídeo foi postado em 19 de janeiro desse mesmo ano, alcançando 93 mil curtidas, milhares de visualizações e mais de 20 mil comentários. Dessa forma, além de analisar os sentidos discursivos do vídeo, faremos uma análise, à luz da epistemologia da AD, de recortes de comentários sobre o vídeo

“#ATUALIZAPORCHAT”, arquivado na memória metálica¹ da rede social *Facebook* e da plataforma *YouTube*.

Para um melhor entendimento dos sentidos produzidos pelas materialidades em análise, se faz necessário evidenciar que o ponto nodal que construiu os sentidos discursivos reverberados no vídeo intitulado “#ATUALIZAPORCHAT” foi um vídeo publicado nas redes sociais em janeiro de 2021, de autoria do Porta dos Fundos, intitulado “RESPONSÁVEL”. O vídeo obteve 648.566 visualizações, 59 mil likes e 5,5 mil dislikes até a data da escritura desta pesquisa.

Vale frisar, mais uma vez, que a intenção é analisar o discurso proferido pelo sujeito-autor do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, bem como alguns comentários relacionados às questões levantadas sobre como os sujeitos significam o processo do envelhecimento, principalmente quando se trata do sujeito feminino. Nesse contexto, é necessário explicar o porquê de o vídeo vir em letras garrafais com a inscrição acompanhada do sobrenome Porchat. Esse fato diz respeito à questão de que o episódio “RESPONSÁVEL”, gatilho gerador de discursos outros, especialmente o aqui analisado, é protagonizado pelo humorista Fábio Porchat, protagonista do vídeo e membro fundador do Porta dos Fundos. Na cena, o episódio “RESPONSÁVEL” se desenrola juntamente com duas atrizes coadjuvantes.

Situando mais o leitor no universo do texto em questão, o episódio intitulado “RESPONSÁVEL” encena uma reunião de trabalho on-line dirigida por Porchat, que a todo momento é interrompido por sua mãe, uma senhora de 57 anos. Perguntas como “Você deixa ela sozinha? Sem supervisão?” são elencadas no vídeo de Porchat pelas coadjuvantes e são gatilhos para a discursivização da autora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” e dos comentários dos internautas.

Diante das considerações preliminares postas aqui, a pesquisa está dividida em quatro capítulos, em que apresentamos no primeiro os aspectos principais da Análise do Discurso de linha francesa e seus fundamentos basilares que corroboram esta pesquisa. No capítulo dois, trazemos o método em AD, especificamos como se deu a constituição do *corpus*, além dos procedimentos teórico e analítico para a

¹ Paveau (2021, p. 276) salienta que a noção de Memória Metálica foi cunhada por Eni Orlandi, em meados de 1990, dizendo que, “a partir do computador, e não da Internet; a partir do aparelho, e não da conectividade”. Entretanto, sua abordagem é fecunda para refletir sobre a memória tecnodiscursiva nos ambientes conectados. Pode-se pensar que on-line a memória metálica seria ressubjetivada pelos procedimentos de redocumentarização que introduzem, ao mesmo tempo, a reflexividade e a historicidade.

fundamentação do trabalho do analista na operacionalização do *corpus*. No capítulo seguinte, trazemos uma breve construção discursiva sobre o feminismo e as Condições de Produção dos discursos em análise. Já no capítulo quatro temos uma seção dividida em dois momentos de análise dos comentários em circulação no ambiente digital para fins comparativos dos dados analisados.

Por fim, apresentamos as conclusões das análises do objeto em questão, asseverando que, no constructo teórico da AD, não interessa estabelecer um sentido único para a significação do objeto, pois nessa teoria levamos em consideração que a significação dos discursos depende do estatuto do enunciador e da sua posição ideológica em relação à sua leitura de mundo. Dessa forma, as posições-leitores também são importantes para a significação dos discursos materializados nas instâncias de poder, e o que concluímos com os estudos é o seguinte: assim como existem vários campos de estudo em todas as áreas da Ciência, os discursos aqui analisados, pela força da sua forma e de seus dizeres, reivindicam dos sujeitos leitores serem considerados como um campo – que é o do humor e que obedecem às regras desse meio, como bem ressalta Possenti (2018). E é natural desse campo despertar a polêmica em volta do tema que esteja sendo retratado. Mas tais polêmicas são muito pertinentes para a AD, uma vez que materializam discursos de toda ordem, que são normalizados na sociedade, como o próprio exemplo do etarismo com relação à mulher na sociedade.

Através das análises dos recortes dos vídeos e das SDs que compõem o *corpus*, constatamos o caráter opaco da linguagem, as diversas formações discursivas advindas das formações ideológicas e também o sentido político e material que move os dizeres. Os enunciados parafrásticos e polissêmicos também foram decisivos nos processos de criação dos sentidos materializados nos comentários analisados no *Facebook* e no *YouTube*, bem como a dimensão tecnolinguageira dos discursos, que foram aliados na produção material dos sentidos. Ademais, pudemos testemunhar que os dizeres institucionalizados se historicizam, gerando a revivência de ideologias.

1 A ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA E SEUS FUNDAMENTOS BASILARES PARA A CONFIGURAÇÃO DESTA PESQUISA

Na visão de Pêcheux (2014), a concepção de língua enquanto “instrumento de comunicação” é vista como limitante, pois possibilita ao sujeito a comunicação e também a não comunicação, isso porque, a depender do processo enunciativo, podemos ter “a aparência da unidade, em razão do fato de não se estar tratando, em primeira instância, da comunicação de um sentido” (Pêcheux, 2014 [1988], p. 83). A partir dessa informação, talvez seja mais coerente concebermos “tal instrumento de comunicação” também de forma figurada.

Pensando a língua como um sistema que obedece a leis internas estruturais, percebemos que a Linguística, de forma recorrente, confronta-se com questões exteriores ao seu domínio, como, por exemplo, os efeitos de sentido produzidos pelos atos de linguagem entre sujeitos produtores dos discursos e também leitores. Esse fato nos possibilita compreender que o sistema linguístico, para além da sua composição fonológica, morfológica e sintática, apresenta, no âmbito de outras teorias, como as do campo da semântica, da retórica e, particularmente aqui, da Análise do Discurso de linha francesa, princípios e procedimentos da ordem dos sentidos, percebendo, também, uma relação com domínios científicos diversos, a exemplo da ciência das formações sociais (Pêcheux, 2014 [1988]).

Em Pêcheux, podemos atestar que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes” (2014, p. 82). Sendo assim, esse estudioso nos mostra que, mesmo os enunciados obedecendo a uma base ou estrutura linguística, não há uma unicidade capaz de produzir um sentido unilateral ou homogêneo ao produzirmos os discursos. Devido a isso, a língua se apresenta como a base comum de processos discursivos diferenciados à medida que são os processos ideológicos que simulam os processos científicos no campo da enunciação (Pêcheux, 2014 [1988]), cabendo a compreensão da dependência entre base linguística e processo discursivo, influenciados por fatores extralinguísticos de uma teoria materialista do discurso, geradora de sentidos.

Não pretendemos expor de maneira exaustiva a história da Análise do Discurso, uma vez que teríamos de considerar um enfoque mais abrangente, pois a AD francesa passou por diversas fases e configurações. Contudo, queremos mostrar

alguns marcos importantes que ajudarão os leitores desta pesquisa a se situarem melhor para a compreensão das análises realizadas.

Em 1969, Michel Pêcheux escreve a obra *Análise Automática do Discurso* (AAD 69), que representa um verdadeiro laboratório para a configuração de uma teoria discursiva que interferirá nos modelos de como lidamos com e tratamos os mecanismos de sentido dos textos. Nela, se inaugura um novo estudo tendo como objeto o discurso. Essa obra é considerada uma “máquina discursiva” pelo próprio Pêcheux alguns anos depois. A AAD 69 tem um caráter fundador, e seus pressupostos sofrem diversas críticas, o que faz com que a teoria desenvolvida nela seja remodelada, corrigida continuamente e por vezes abandonada, mas sempre é uma obra de referência para os estudos que surgiram ao longo dos anos.

Segundo Malidier (2003), mesmo sendo uma espécie de laboratório de uma teoria do discurso, com suas ingenuidades ou ambiguidades, o livro *Análise Automática do Discurso* é uma obra que impressiona justamente por levantar questões fundamentais com relação ao estatuto dos textos, da leitura e do sentido. Ainda de acordo com essa estudiosa, Pêcheux foi membro-pesquisador do CNRS no Laboratório de Psicologia Social, em parceria com Canguilhem e Althusser, e seus estudos refletiam sobre a história das ciências e da ideologia.

A elaboração da AAD 69 é contemporânea das escritas de Thomas Hebert (pseudônimo de Michel Pêcheux) em *Cahiers pour l'Analyse*, revista do círculo de epistemologia da École Normale. Em 1966 e 1968, sob esse pseudônimo, Pêcheux escreve dois artigos em que considera questões sobre o materialismo histórico e a psicanálise. Ainda em 1968, Pêcheux escreve o artigo “As ciências humanas e o momento atual”. Vemos nessa época questões importantes, a saber:

[...] sublinham terreno sobre o qual emerge Análise Automática do Discurso: o terreno da epistemologia e da crítica das ciências humanas e sociais. Elas esclarecem a estranheza (premonitória) do recurso à informática e permitem não se desgarrar: o dispositivo, o conjunto de procedimentos informatizados, só valem em sua relação com a teoria (Malidier, 2003, p. 20).

Através da AAD 69, Pêcheux, segundo Malidier (2003), concebe a elaboração de uma análise automática como um estatuto de um dispositivo informatizado e faz considerações sobre as práticas e os instrumentos científicos. Esse filósofo acreditava

que as simples técnicas precedem os instrumentos científicos, até mesmo no campo da linguagem.

Para Malidier (2003), a AAD 69 suscitou mais perguntas que respostas acerca dos processos de linguagem e estabelecimento de sentidos. Para essa estudiosa, foi por conta desse primeiro trabalho que Pêcheux se tornou linguista, e vale destacar que em 1968 ele acompanhara os trabalhos de Antoine Culioli e Catherine Fuchs, os quais influenciaram em sua teoria. Cabe salientar que Culioli nessa época desenvolveu trabalhos em que marca o ponto de encontro entre a linguística e a informática, da qual Pêcheux era entusiasta, como aponta Malidier (2003).

“Em 1972, Michel Pêcheux encontra Jacqueline Léon. Ela será a colaboradora segura, o ponto de ancoragem sólido de todas as aventuras informáticas” (Malidier, 2003, p. 26). Nesse sentido, sempre atento para aprender a epistemologia referente à organização da língua, em 1974 Pêcheux propôs os “Primeiros elementos de um analisador morfo-sintático do francês”, como relata Malidier (2003, p. 26). Neste momento, questões da ordem da enunciação, proposta por Jakobson e Benveniste e colocada na AAD 69, vêm à tona.

Em 1971, os trabalhos de Pêcheux serão orientados por uma crítica ao estruturalismo radical, e isso se referirá às ciências humanas, ao tratamento do texto, bem como a outros aspectos dos sentidos da língua e dos eventos históricos e materiais que atravessam as relações sociais. Dessa forma, vemos que

Esta crítica, já esboçada no livro de 1969, permite melhor situar Michel Pêcheux em seu tempo: ele recusa um método universal de “análise geral do espírito humano” (apresentação de *Communications 4*, citado em *L'Humanité*), uma Ciência das ciências que ignoraria o essencial, as relações sociais, de que fala o materialismo histórico. Seu “estruturalismo” não será desta espécie” (Malidier, 2003, p. 29).

Como dito por Malidier (2003), Pêcheux mostra pontos de fragilidade na obra *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, e problematiza a fala e o sujeito individual. Em seus estudos, Pêcheux destaca um “*funcionamento das línguas em relação a elas mesmas*” (Malidier, 2003, p. 31), e é esse funcionamento que evidencia uma autonomia que permite refletir sobre a construção dos processos discursivos, sendo as questões de ordem da sintaxe um mecanismo muito importante para gerar os sentidos na/pela linguagem.

À época de 1971, Pêcheux evidencia em seus escritos a importância do materialismo histórico em contraposição ao pensamento formal e empirista sobre a língua: “É a partir do materialismo histórico que se faz a indicação de novos objetos, no caso o *discurso*, explicitamente posto em relação com a ideologia” (Maldidier, 2003, p. 32). Em sua obra *Semântica e Discurso*, Pêcheux apresenta o significado e a importância do pré-construído para o entendimento de como se dá a construção e significação da linguagem no âmbito de uma análise linguística de cunho materialista, estabelecendo os processos de discursividade. Logo, vemos que esse “conceito emerge ao mesmo tempo da leitura ‘materialista’ de Frege e da reflexão crítica sobre os trabalhos de Ducrot” (Maldidier, 2003, p. 35), ainda que Pêcheux e Paul Henry se opusessem a Ducrot em relação a algumas questões fundamentais sobre o sujeito e o sentido, como pontua Maldidier (2003).

Em 1975, através de um artigo publicado no número 37 da revista *Langages*, Pêcheux faz atualizações e propõe perspectivas sobre a análise automática do discurso, e, como nos mostra Maldidier (2003), na nova versão da obra de 1969, Pêcheux retomou sua parceria com a linguista Catherine Fuchs, visto que no passado haviam escrito um texto relevante na *Dunod* no ano de 1970. Tanto ele quanto Fuchs acreditavam em uma “gramática do reconhecimento”, e “A gramática do reconhecimento, na qual ele pensava, devia ser ‘susceptível de responder às exigências teóricas internas da linguística às necessidades’ de uma aplicação a ‘um campo exterior’” (Maldidier, 2003, p. 38). Vemos, então, que esse campo exterior, que Pêcheux sempre atualiza, recobre um tratamento de ordem e de procedimentos em relação ao trabalho com os textos, e a marca diferencial da reflexão agora provocada diz respeito às “relações da análise de discurso e da teoria do discurso” (Maldidier, 2003, p. 38), por isso se faz necessário reforçar que Orlandi (2012) expõe essa importância de forma didática, como veremos no capítulo 2, sobre o método em AD presente nesta pesquisa. Vemos que a essa altura a AAD 69 sofre observações e objeções que são fruto do amadurecimento da teoria de Pêcheux junto a outros colaboradores desde 1971, como visto em Maldidier (2003).

Pêcheux promove questões em torno do esquecimento e leva em consideração a relação entre ideologia e inconsciente, frequentemente teorizando suas reflexões e interrogações sobre essas implicações dentro das análises linguísticas de uma ordem e um lugar de uma teoria que nasceu do materialismo e do político na França. Nessa

conjuntura, “Michel Pêcheux aí apresenta a primeira relação estabelecida entre enunciação e imaginário” (Maldidier, 2003, p. 44).

Em 1975, Pêcheux trabalha com profundidade a questão do discurso em seu livro *Semântica e Discurso* e mostra o valor da semântica para a articulação e constituição dos sentidos na língua. Podemos constatar que a evolução da teoria de Pêcheux vai se reatualizando marcada por uma crítica ao logicismo e ao subjetivismo, que não trabalham a contradição, num funcionamento dicotômico do pensamento filosófico, como assinala Maldidier (2003). Nessa mesma estudiosa, encontramos:

É por uma (re)leitura materialista de Frege que Michel empreende (re)trabalha a questão lógico-linguística das relativas. Frege é desses filósofos que fazem pensar. Seu antipsicologicismo constitui o limite de sua lucidez, seu “ponto cego”. Esta análise desemboca na análise de dois funcionamentos: o *pré-construído*, que nós já encontramos, e a *articulação* de enunciados (Maldidier, 2003, p. 47).

Como já posto aqui, essa ideia de pré-construído e a organização dos enunciados permitem a Pêcheux aprimorar o que chamamos de uma teoria do discurso, demarcando na língua, textualizada pelos discursos, produzindo o efeito de anterioridade e de identificação com determinadas formações discursivas.

Dessa forma, exploramos, nesta pesquisa, os pressupostos e as principais categorias discursivas da Análise do Discurso francesa, contemplando, aqui, um estudo teórico e analítico, visando embasar as análises do *corpus* em questão, para, assim, responder às questões elencadas sobre a produção de sentidos dos discursos em circulação no ambiente virtual, que, hodiernamente, constitui um arquivo de memórias e produção de realidades que se perpetuam nos entremeios dos espaços de poder. Sobre isso, Orlandi atesta o seguinte:

Com as novas tecnologias de linguagem, à memória carnal das línguas “naturais” juntam-se as várias modalidades da memória metálica, os multi-meios, a informática, a automação. Apagam-se os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presentes. (2015, p. 8).

A afirmação de Orlandi (2015), destacada acima, chama atenção para a reflexão sobre quais são as relações estabelecidas entre os sujeitos a partir da “linguagem” – aqui tomada no sentido de discurso em nosso cotidiano – e qual o lugar da(s) interpretação(ões) dos sentidos estabilizados ou moventes, que nos colocam

diante da existência do equívoco, do erro, da inconstância, enfim, da incompletude da linguagem. Nesse contexto, cabe a nós a desafiante empreitada de produzir modos de interpretação a partir de lugares nem sempre alcançados por todos os sujeitos, uma vez que “[...] não é todo mundo que pode interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar (logo de ‘atribuir’ sentidos) [...]” (Orlandi, 2015, p. 8). Então, o que se constata é que os discursos que circulam nos espaços de poder obedecem a uma lógica de controle, sendo pautados também pelo interdito e pelo silenciamento.

Ao enfatizarmos os discursos e a sua produção de sentidos nos entremeios da língua, que soam de diferentes perspectivas e formatos, a depender do lugar do sujeito, estabelecemos que há “Movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é discurso [...]” (Orlandi, 2015, p. 8), e, assim, aportamos esta pesquisa sob o arcabouço teórico da Análise do Discurso a fim de apurarmos o nosso objeto de estudo, fazendo um apanhado epistemológico de “quando” e “onde” tudo começou e sobre essas questões da ordem da interpretação e do estabelecimento de sentidos, que inquietam, desestabilizam e produzem realidades concernentes às interações entre os sujeitos diante de determinada realidade.

Mazière (2007) e Orlandi (2015) pontuam que a Linguística passou por diversas fases, pois existem várias maneiras de estudar as formas e os usos da linguagem, em que a língua é concebida tanto do ponto de vista de um sistema de signos, como também sob o estatuto de que a língua é um sistema que possui regras. Partindo da perspectiva de que há várias maneiras de significar a língua, surge, na década de 1960, a disciplina Análise do Discurso, que, de lá para cá, vem se constituindo e se refazendo, sem deixar para trás as bases epistemológicas desenvolvidas por Michel Pêcheux e outros estudiosos do discurso.

Foi na França, entre os idos de 1960 a 1970, que surgiram os primeiros estudos no campo da Análise do Discurso. Segundo Mazière (2007), o linguista americano Z. S. Harris foi um dos precursores de uma teoria que vai além da descrição da frase e que mostra a importância da construção do discurso para atender às especificações do contexto de usos, focando na importância da estrutura do texto, sem negligenciar o papel de cada elemento no sistema linguístico para a tessitura dos sentidos

impregnados nos usos da língua, em questionamento, assim, aos preceitos da linguística descritiva.

Em seus primórdios, na tentativa de estabelecimento de uma teoria sólida que desse um lugar institucional para a Análise do Discurso, seus precursores investiam na análise formal, semântica e sintática da língua. Amadurecendo e refletindo sobre os elementos conceituais dominantes dos anos 1960, percebe-se que a língua abstrata e uniforme, em suas dualidades língua versus fala, como caracterizadas por Saussure (1916), não davam conta da significação dos enunciados para além da palavra e do texto. Dessa forma, constantemente a Linguística abre suas fronteiras para o campo da pragmática, para a semântica, para a análise de conteúdo, entre outras áreas.

Mazière (2007) mostra que a AD estabelece uma tríplice relação em que concebe o sujeito como assujeitado, nos moldes de uma perspectiva de raiz estruturalista herdados de Foucault, Althusser e Lacan. Ao discorrer sobre a composição dessa tríade, temos a historicidade do enunciado, vinda de Foucault, e, também, não menos importante que as outras características, temos a herança da materialidade das formas de língua estabelecidas por Saussure, Harris e Chomsky. Todos esses elementos elencados serviram de base para a origem da AD, embora essa teoria – em constante resignificação de seus dispositivos – tenha sofrido deslocamentos de sentidos e, constantemente, a relação da AD com a Linguística como ciência seja frequentemente questionada.

Mazière (2007) atesta que com frequência a Análise do Discurso, com o passar do tempo, passou a ser interrogada pelas disciplinas da comunicação, da história, da sociologia e também da psicologia, e, ainda, se percebe que a AD, dentro da grande área da Linguística, por vezes é questionada e atacada pelas teorias e práticas ligadas à análise da conversação, à análise textual, à pragmática, em detrimento da conceitualização da língua como um objeto ideal e formal. Com base nisso, não é do nosso interesse explorar os pressupostos de tais teorias, tampouco as suas incontestáveis relevâncias para a Linguística, no entanto se faz primordial diferenciar a Análise do Discurso das demais áreas citadas, uma vez que esta área não menospreza o valor e o uso da palavra, dos sintagmas, das proposições, enfim, do texto. Mas, como salienta Mazière (2007), a AD coloca como núcleo de suas análises a língua e o sujeito. Sendo assim, a AD segue alguns princípios, a saber:

- toda AD leva em conta a língua enquanto objeto construído pelo linguista, e as línguas particulares enquanto situadas em um espaço-tempo;
- toda AD tem uma dupla relação com as heranças descritivas das línguas. Ela leva em conta a gramática, as sintaxes e os vocabulários de línguas particulares, contra uma sintaxe lógica universal. Ela leva em conta produções datadas, a partir de uma herança filológica, aquela que descreve os acoplamentos repetíveis e moduláveis que fazem de todo enunciado um conjunto semântico singular;
- ela configura os enunciados a analisar em *corpora* construídos, geralmente heterogêneos, segundo um saber assumido, linguístico, histórico, político e filosófico;
- ela propõe interpretações que constrói levando em conta dados de língua (s) e de história, tomando em consideração as capacidades linguísticas reflexivas dos sujeitos falantes, mas também recusando pôr na fonte do enunciado um sujeito enunciador individual que seria “senhor em sua própria casa”. (Mazière, 2007, p. 9-10).

Com base nos sentidos referidos acima, acerca da epistemologia e dos pressupostos da AD, elencaremos, a seguir, os principais dispositivos analíticos dessa disciplina, bem como as categorias fundamentais para levar os leitores desta pesquisa a compreenderem o objeto em análise, que são os discursos acerca do etarismo, no âmbito do universo feminino, que circulam na internet, em particular os recortados da rede social *Facebook* e do *YouTube*, pois, para o analista do discurso, importa interpretar os sentidos produzidos pelos sujeitos no processo de comunicação nos espaços de poder.

Como ressalta Mazière (2007), os primeiros *corpora* analisados em AD eram textos de cunho político e textos fundadores, e “A ideia de ‘condições de produção’ estáveis e homogêneas estava então calcada sobre a problemática das situações de comunicação, mesmo que a AD tenha herdado mais a noção de marxismo que a comunicação, ainda pouco pensada no início dos anos 1960” (Mazière, 2007, p. 15). Posteriormente, a AD passa a conceber seus *corpora* a partir de uma certa heterogeneidade, utilizando o arquivo em seus estudos “por uma abertura aos fragmentos do cotidiano [...], por uma confrontação via informática com os ‘grandes corpora [...]’”, como pontua Mazière (2007, p. 15). Vale frisar que o desenvolvimento de uma teoria que tem como objeto o discurso só foi possível, em parte, pelas pesquisas das teorias da enunciação, as quais, por sua vez, deram importância ao sujeito e também definiram os conceitos de língua e linguagem dentro de uma nova abordagem.

Mazière expõe a questão de que a Análise do Discurso se estabeleceu por meio do uso de métodos linguísticos americanos, e seu objeto de estudo é organizado “pelo conceito de língua e pelos métodos distribucionais, fiadores de cientificidade, e pela ideologia como objeto a revelar” (2007, p. 32). Visto desse ângulo, esse estudioso também ressalta que, além dessa transferência de métodos linguísticos, foram fundamentais o contexto epistemológico e o momento político da época, que abriram caminho para a ampliação da Linguística dentro das universidades no final dos anos de 1960.

Entre os anos de 1967 a 1972, o professor Jean Dubois, da Universidade de Paris X – Nanterre, cunhou o termo “Análise do Discurso”, possibilitando o movimento de estudos e pesquisas da “Escola Francesa de Análise do Discurso”, conforme Mazière (2007).

A partir do apanhado até aqui realizado sobre os primórdios da AD, embasados por Mazière (2007), percebemos que o rumo da Linguística, em relação à ampliação da AD, teve novos contornos, referidos pelo uso dos sentidos das palavras microtexto e microglossário, cunhadas por Dubois, que, em seus estudos, passa da análise em língua para a análise em uso. Com isso, temos a “estruturação do enunciado”.

Três datas são consideradas muito importantes, a nosso ver, para a abertura da Linguística ao estudo do discurso, a saber: o ano de 1968, em que acontece o colóquio de lexicologia política, e, no ano seguinte, 1969, a publicação de Cahiers de *Lexicologia*, em que Dubois ressalta a importância do estudo do enunciado. Nesse mesmo ano, é publicada uma tradução da obra *Discourse Analysis*, de Harris, juntamente com uma apresentação de Dubois. Isso representou um impulso para a passagem do enunciado ao discurso como forma de constituição de um *corpus*. Vemos também que “em 1970 (com publicação em 1971), o prefácio à primeira tese de AD defendida em Nanterre, a tese de Marcellesi, na qual ele expõe uma nova forma de interdisciplinaridade” (Mazière, 2007, p. 35). De fato, se chegarmos ao conjunto dos dispositivos epistemológicos de observação que temos hoje, poderemos notar que a AD percorreu trajetórias marcadas por interrogações teóricas, apontando dispositivos de análise que ampliaram ou criaram novos conceitos que instrumentalizam a Análise do Discurso de linha francesa.

Em virtude das contribuições de Harris, vieram outros pesquisadores, a exemplo de G. Provost, com destaque para os deslocamentos operadores em relação à constituição do *corpus*, estabelecido em função da presença do léxico selecionado

na observação do *corpus*. Dessa forma, a AD atravessa momentos de reconfiguração que, por vezes, provocam paradoxos, crises e cisões, evidenciando que

A querela entre apreensão do sentido “sob a superfície” em um texto sem progressões, desalinhado, e construção do sentido a partir de um complexo “superfície, linearidade, dinâmica” vai ressurgir no trabalho dos historiadores, mas também dos linguistas a partir de 1975, como o atestam a problemática dos “momentos de corpus” (J. Guilhaumou) e o trabalho sobre o “fio do discurso” (J.-M. Marandin). (Mazière, 2007, p. 41).

Com base no que foi exposto anteriormente, os estudiosos do discurso mais recentes têm, nas bases da vulgata da AD inicial, uma epistemologia que se amplia e se ressignifica, solidificada pelos pressupostos estabelecidos pela ciência mãe, que é a Linguística, que se abre metaforicamente como um guarda-chuva em outros campos de investigação, promovendo concepções e saberes sobre a língua cada vez mais capazes de interpretar os sentidos dos dizeres, colocando em pauta a importância da historicização do discurso, em diferentes épocas e contextos, para atender a diferentes realidades. Como diz Mazière (2007), a questão da semântica, do sentido, é recorrente nos trabalhos de Pêcheux, afastando-a da sintaxe, mas Dubois a integra como prática metodológica em AD. Nessa perspectiva,

Que fosse inspirada por Jean Dubois ou por Michel Pêcheux, esta prática disciplinar comportava a aplicação a um corpus discursivo de métodos de análise linguística. O recurso aos procedimentos ditos harrissianos permitia, nos dois casos, uma abordagem da “superfície discursiva” segundo a expressão de Michel Pêcheux, às antípodas da pesquisa de uma estrutura semântica dos textos. O desenvolvimento impetuoso de uma análise de discurso, que pode ser caracterizada como “francesa”, marca o campo da linguística na primeira metade dos anos 70 (Maldidier, 2003, p. 36).

Em 1970, como pontua Mazière (2007), a AD vivencia um novo deslocamento, com a valorização da “classe dos predicados”, com os estudos feitos a partir de “termos-pivô” e de frases de base, e essa noção seguirá até os anos de 1980.

Os trabalhos de Pêcheux giram em torno da preocupação sobre o funcionamento da linguagem, uma vez que, para esse estudioso, ela não pode ser limitada à dicotomia língua versus fala. Para Pêcheux (1967), as regras às quais é submetida a linguagem não servem, por si sós, para explicar os efeitos discursivos no âmbito da produção de sentidos, pois intervêm no processo as propriedades de uma

formação social. Nesse sentido, Pêcheux pondera considerações sobre as formações discursivas, estas ligadas às superestruturas, de ordem marxista. Ao ressaltar o valor das determinações linguísticas advindas do caráter extralinguístico das produções da linguagem, os discursos são produtores e produtos de efeitos e causas.

Em Mazière, vemos que Pêcheux se aproxima, através dos pressupostos de Culioli, “de uma descrição semântica e enunciativa das línguas que não equivale a ‘reescrever a superfície’ como na distribuição” (2007, p. 51-52). Ao fazermos uma leitura atenta de Mazière (2007), observamos que Pêcheux é um ferrenho crítico das teorias gerativas, ao mesmo tempo que se aproxima das pesquisas acerca da heterogeneidade de J. Authier, que teve como inspiração M. Bakhtin, assim como da ciência da psicanálise, e os estudos de Marandin com relação aos algoritmos e aos “espelhamentos” léxico-sintáticos produzidos em 1982, que deram um novo impulso à teoria de Pêcheux, com vistas a perspectivas promissoras nas análises de sentidos produzidos na e pela linguagem.

Um bom exemplo sobre as constantes ressignificações dos métodos de Pêcheux é evidenciado em suas próprias descrições linguísticas, com o uso das relativas em *Les Vérités de La Palice*, em que o estudioso defende uma análise discursiva, ao invés de lógica ou gramatical, da oposição determinativa/explicativa, mostrando o efeito de apoio que a construção da relativa supõe, dando ênfase à função do pré-construído na análise da produção do sentido, como aponta Mazière (2007).

As orações subordinadas também foram amplamente usadas, significando, para Pêcheux, que “elas são lugares de inclusão, manifestam como um sentido pensado e expresso noutro lugar, antes, discursivamente separado, afeta a sintaxe ao se inserir lateralmente na frase, naquilo que ele chama de ‘chamada lateral’” (Mazière, 2007, p. 53).

A partir das pesquisas, vemos que o método teórico de Pêcheux sobre o lugar da Linguística e a concepção de língua como objeto se distinguem do pensamento de Dubois, como atestamos na sequência:

Enquanto a AD de Dubois tenta uma articulação entre língua e sociedade no enunciado atestado pelo deslocamento de métodos distribucionais e pelo recurso às teorias enunciativas, os pesquisadores do grupo de Pêcheux querem pensar a língua como aquilo que permite constitutivamente o equívoco (e não a ambiguidade) e, portanto, garante a única possibilidade de “fazer

sentido” e até mesmo a única possibilidade que importa, a que opera no discurso comum, fora das normas de gênero, aquela que não faz do teórico ou do poético um “momento extraordinário” (Mazière, 2007, p. 55).

Constatamos que, no bojo de uma concepção que se abre para o simbólico, numa teoria que autentica a materialidade da língua, Pêcheux traz para o seu campo de estudo pressupostos das pesquisas de J. Authier, abarcando para os próprios estudos sobre o discurso a “heterogeneidade constitutiva” em oposição à teoria de Chomsky, e “instala o trocadilho, o humor, mas também a alteração e a contradição como o comum do discurso, permitindo desestabilizar a partir de dentro os universos ‘logicamente estabilizados’” (Mazière, 2007, p. 56).

A língua, em Pêcheux, não é somente um sistema de regras convencional e estabilizado. Para ele, a língua só é significada em seu funcionamento, pois somente assim é possível extrair a materialidade requerida pelos estudos dos discursos, e “A partir do pré-construído, e pelo recurso aos *parsers* sintáticos (*ver infra*), a sintaxe pôde vir a ser o lugar de percepção do sentido” (Mazière, 2007, p. 57). Nessa perspectiva, Pêcheux defende que, na análise, deve haver o que denominou “leitura trituração”, feita pelo historiador e pelo linguista a partir do arquivo. Um método destacado por ele é a observação a partir de frases-exemplo, girando em torno de um ponto gramatical (Mazière, 2007).

Nesse importante cenário em que se estabeleceu a teoria do discurso pecheutiana, vemos os usos e os conceitos de condições de produção, formação discursiva e tipos de textos no âmbito das pesquisas dos analistas do discurso.

Os pesquisadores ligados ao grupo de Pêcheux concebem a língua como um “fato teórico”, a base de todo enunciado, com sua estrutura, mas as palavras só adquirem relevância quando atreladas a um sentido, posto pelas configurações das formações discursivas e das condições de produção. Não há oposição entre língua e linguagem, como inferimos à luz de Mazière (2007).

Quando apontamos aqui a essencialidade da formação discursiva para a teoria da AD, herdada de Foucault, asseveramos que ela sofreu deslocamento de sentido, uma vez que, em Foucault, a FD é homogênea e não linguística. Embora esse estudioso conclame uma dispersão dos tipos de enunciação, é em Pêcheux que a formação discursiva é atualizada e reconfigurada sob a perspectiva do intradiscurso e

do interdiscurso, através de novas formas de construir o *corpus*. A leitura interpretativa que se faz do objeto discurso ganha novas acepções, como aponta Mazière (2007).

A história de uma teoria da Análise do Discurso de linha francesa sofre recuos e reconfigurações em suas diversas fases: se, antes, a constituição do *corpus* se dava através de uma soma de dados preestabelecidos, baseando-se numa análise contrastiva do sentido, com condições de produção previsíveis, controláveis, Mazière (2007) nos mostra uma transformação com base em procedimentos de sequências discursivas ligadas a uma “rede de memória”, expressão oriunda de Courtine. Como antes fora citado o uso do termo-pivô como prática de análise dos pesquisadores anteriores, agora vemos uma nova perspectiva de tratamento do objeto discurso, observando que “dão lugar a uma construção dinâmica de *corpus*, móvel, gerida em interação com a progressão da análise” (Mazière, 2007, p. 60). Segundo essa autora, temos o “estado de corpus”, de 1980, expressão cunhada por Guilhaumou e Maldidier, e é reiterada a importância da “rede de memória”, que dá um estatuto diferenciado ao trabalho do analista, tendo em vista que

[...] o *corpus*, transformado em “rede de memória”, se torna uma espécie de “dicionário discursivo” que integra continuamente o efeito das aberturas, reconfigurações, mudanças de estado do *corpus* ao longo da análise. A construção inclui as “maneiras de falar”, rotinas, esquematizações. Simultaneamente, essa rede de memória deverá, no curso da escrita da análise, construir novos enunciados abrindo novas regiões de *corpus* (Mazière, 2007, p. 60-61).

Depreendemos, também, à luz de Mazière (2007), que os algoritmos propuseram diferenciadas formas de leitura e estudo do *corpus* pela via do intradiscurso, bem como pelo surgimento de várias temáticas nos fios discursivos das análises, em que temos, pela via do intradiscurso, o material e o simbólico dos discursos em que se podem encontrar regularidade e dispersão da língua. Essa dispersão nos mostra que tais sentidos podem ser desestabilizados com base nas diferentes interpretações, e isso nos possibilita ver a incompletude da linguagem, com sentidos e lugares outros, consubstanciados pelas condições de produção e pela posição do analista ao reunir e analisar o(s) seu(s) *corpus/corpora* em AD, com o peso das forças de interpretação.

O que verificamos, em face do percurso atravessado pelos estudos dos métodos em AD, é que o olhar mecânico, automático, computacional – assim como

as pesquisas teóricas sobre o sujeito – contribuiu de maneira excepcional para a abertura da Linguística ao que temos hoje acerca das teorias que têm como seu objeto de estudo o discurso.

Veremos, nas próximas considerações sobre os dispositivos e categorias em AD, a importância da leitura, da ideologia e do sujeito para a prática do analista, pois essas três categorias estão entrelaçadas para que ocorra o funcionamento do sentido na língua.

1.1 O conceito de discurso em AD para produção dos sentidos formulados nos recortes analíticos

Na teoria analítica da AD, temos uma noção de discurso diferente de outras disciplinas do campo da Linguística, pois, na abordagem de ordem materialista da língua, a função do discurso vai além da pressuposição de comunicação de algo ou de alguma coisa a alguém ou a uma instituição. No sentido sobre o qual advogamos, não se destaca um esquema linear, com os elementos denominados emissor, receptor, código, referente e mensagem, como observa Orlandi (2015) ao tratar sobre a perspectiva discursiva diante dos modos de funcionamento da linguagem e, também, da produção dos sentidos. Desse modo, há uma clara diferenciação no tratamento do discurso em AD, como destacamos abaixo:

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. [...]. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. (Orlandi, 2015, p. 19).

Como exposto no apanhado inicial acerca da teoria da AD, vemos que Orlandi (2015) reafirma os pressupostos de Pêcheux (2014) ao defender uma semelhança no tocante a um conceito sobre comunicação no âmbito do discurso e observa que o

funcionamento da língua se dá nos processos regidos pelas formas de interpretação. A autora ressalta o poder da linguagem na relação entre os sujeitos e pontua que ela, a linguagem, serve para estabelecer, ou não, um processo de comunicação. Vemos também que a fala não pode ser colocada na mesma ordem de valor do discurso.

Em Orlandi (2015), inferimos uma relação de interdependência entre língua e discurso, uma vez que todo processo discursivo utiliza uma base linguística, contudo o discurso operado por efeitos de sentido entre os interlocutores é afetado por determinações históricas. A própria língua, tanto em Pêcheux (2014) quanto em Orlandi (2015), tem suas aberturas para a significação, com sentidos abertos e diversos, sujeita a falhas e a equívocos. Então, ao pensarmos em discurso, o tomamos como um objeto regido por palavras semanticamente categorizadas e interpretadas numa rede de relações e filiações, não seguindo uma acepção formalista, emanada da teoria de Saussure.

Ao referenciar o discurso como o objeto de estudo da AD, observamos que, nessa teoria, o sujeito é interpelado pela ideologia, a qual destacaremos mais à frente, bem como dizemos que a memória/interdiscurso possui características estruturantes na produção dos dizeres. Estes, aqui tomados como discursos, são essencialmente originados pelas condições de produção, que, na concepção de Orlandi (2015), englobam o sujeito e a situação.

Em Orlandi (2015), vemos que as condições de produção podem se referir a um contexto imediato, que se dá por meio da enunciação, já que, quando falamos, interagimos através da língua; e também por um contexto mais amplo, partindo do pressuposto de que nenhum discurso existe do nada, ele é reflexo de influências experienciadas das nossas vivências, afetadas pelos fatos e saberes anteriores. Dessa forma, essa condição de produção também advém de um sentido mais amplo, que engloba o contexto sócio-histórico, de caráter ideológico.

Ainda refletindo sobre as condições de produção sob o ponto de vista de um contexto mais amplo, temos que os sentidos são produzidos e refletidos pelas estruturas sociais, organizadas pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (veremos em Althusser), e essa organização social coloca os sujeitos em determinadas posições, numa escala de status social e, conseqüentemente, de poder de fala, numa hierarquia que demonstra também posições políticas.

Segundo Orlandi (2015), a memória é fundamental para a produção dos sentidos; ela é o interdiscurso, com seu caráter estruturante, uma vez que os dizeres

estão relacionados a pré-construídos. Ainda que o sujeito não reconheça isso, ele fala a partir de algum lugar, influenciado por uma estrutura ideológica construída em torno dele, pois, ao nascer, já somos recepcionados por uma sociedade fundada por valores, crenças, atitudes e comportamentos moldados pelo assujeitamento às ideologias cristalizadas nas estruturas sociais. Sendo assim, constatamos que “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua” (Orlandi, 2015, p. 30). Vemos que as nossas palavras, o nosso modo de conceber e fazer sentido à linguagem, partem da ilusão de que somos donos e autores dos nossos discursos, acreditando serem voluntárias as nossas atitudes perante a realidade material dos sentidos.

A partir dos já-ditos, depreende-se, na concepção discursiva da AD de filiação francesa, que o sujeito é afetado pela história e não possui o controle dos sentidos produzidos ao falar, nos fios discursivos do intradiscorso, demonstrando, com isso, a predominância da historicidade, que representa “o saber discursivo que foi-se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres, a memória que tornou possível esse dizer para esses sujeitos num determinado momento [...]” (Orlandi, 2015, p. 31). Temos, então, dois eixos que estabelecem os sentidos dos dizeres, que são a memória, que é estruturante, constituinte, e o processo de atualização dos discursos por meio da formulação de processos discursivos historicizados e que mobilizam conhecimentos enraizados nas estruturas de poder, nas esferas sociais, constituídos pela história.

Salientando que “O interdiscorso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (Orlandi, 2015, p. 31), é comum vermos discursos atualizados sempre que o sujeito é interpelado a dizer ou opinar sobre determinada questão ou assunto polêmico nos processos de interação. O sujeito fala a partir do interdiscorso, por meio de uma memória já esquecida ou apagada, produzida por outros sujeitos. Na verdade, já há um sentido preexistente, alguém produziu determinado discurso em outros lugares e contextos já esquecidos. Com isso, inconscientemente, somos afetados pela ideologia, na ilusão de que inauguramos um certo dizer sobre uma dada questão.

Segundo Orlandi (2015), o interdiscorso mobiliza relações de sentidos e faz parte do saber discursivo, em que opera um mecanismo fundador de discursos, que é o esquecimento. O sujeito, a partir de um já-dito, de um pré-construído, ainda que tenha a ilusão de construir um dizer totalmente novo, faz atualizações discursivas

baseadas na interpelação ideológica das suas condições de produção. A partir dessa constatação, Orlandi (2015), citando Pêcheux (1975), descreve e salienta duas importantes formas de esquecimento, a saber:

O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro. Ao falarmos “sem medo”, por exemplo, podíamos dizer “com coragem”, ou “livremente” etc. Isto significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso. Este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento. (Orlandi, 2015, p. 33).

Orlandi (2015), ainda enfocando o esquecimento número dois, nos mostra que ele faz com que o sujeito tenha uma ilusão referencial, a ponto de achar que há uma relação sem interferências e influências nos dizeres que produzimos, numa relação direta entre o que pensamos, a linguagem e o mundo. Dessa forma, estabelecemos uma ligação natural entre os dizeres e o mundo que nos cerca. Orlandi (2015) pontua que o esquecimento dessa ordem é um fenômeno parcial, semiconscente, pois frequentemente trabalhamos a produção dos discursos recorrendo aos sentidos através de “famílias parafrásticas” para fundar e fundamentar os dizeres: “É o chamado esquecimento enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos” (Orlandi, 2015, p. 33).

A mesma autora faz considerações e destaca um outro esquecimento responsável pela elaboração dos nossos dizeres e pelos efeitos de sentido estabelecidos por eles, afetados pelo contexto e pelas relações estabelecidas com outros pares, utilizando a língua como base de manifestação dos sentidos discursivos. Dessa maneira, destacamos esta citação:

O outro esquecimento é o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos. Na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade. (Orlandi, 2015, p. 33).

A partir das noções colocadas anteriormente sobre os dois tipos de esquecimentos essenciais para a produção dos discursos que circulam em nosso meio, afirmamos que os esquecimentos destacados nos estudos da AD são estruturantes, isso porque o homem, ao nascer e adquirir os processos de prontidão biológicos concernentes à aquisição da linguagem, é tomado pelos discursos já existentes em nossa sociedade. Nós falamos de maneira particular, singular, mas a língua e a história intervêm nesse curso, e esse fato é o que possibilita aos sujeitos a produção e a reformulação dos sentidos, baseados nos interdiscursos. Somos afetados pela língua e pela história, como expõe Orlandi (2015).

Somos afetados pela história e pelos valores incutidos na língua pela ideologia, no entanto esse é um processo natural para que os sentidos signifiquem, assim como também os sujeitos dão significado à sua existência pela interpelação ideológica. Como já posto a partir de Orlandi, os sujeitos possuem a ilusão de serem senhores dos seus dizeres, e o são em parte, justamente por se esquecerem involuntariamente de que são afetados por outros discursos. No entanto, esse acontecimento não é um defeito, mas sim um ato inconsciente. Isso faz parte do mecanismo de produção dos sentidos, visto que o discurso é significado “retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras” (Orlandi, 2015, p. 34).

A partir das concepções sobre o discurso ora elencadas, vemos que a produção dos sentidos e o modo como o sujeito se significa e se constitui na e pela linguagem seguem considerações em relação à utilização de recursos linguísticos que mobilizam os sentidos de produção da linguagem – que são os processos parafrásticos e os processos polissêmicos.

1.2 O estatuto do sujeito e a força motriz da ideologia

Em AD, encontramos que a ideologia é um mecanismo que interpela os indivíduos em sujeito, acepção essa que vem da teoria althusseriana, que, em sua autocrítica, faz revisão da sua tese sobre esse conceito, admitindo, sobremaneira, a interpelação do sujeito pela ideologia, contudo “passa a considerar que essa interpelação ocorre em conformidade com as formações sociais ou ideológicas de

determinado contexto histórico, com a luta de classes e com a resistência dos indivíduos” (Silva, 2013, p. 100).

No sentido exposto, Brandão (2012) também estabelece que o mecanismo de interpelação ideológica faz com que cada indivíduo (interpelado em sujeito), através do inconsciente, se perceba senhor das suas vontades e “seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social” (2012, p. 46-47).

Vale ressaltar que a noção de sujeito que Pêcheux desenvolve na teoria discursiva da AD foi sendo revista ao longo de seus estudos, e, assim como Althusser reviu alguns de seus conceitos, “Pêcheux também revê a tese de que os indivíduos são assujeitados pela interpelação ideológica de modo inconsciente e propõe que o inconsciente é um elemento constituinte da resistência da classe trabalhadora” (Silva, 2013, p. 100). Isso posto, vemos, a partir de Silva, e, claro, nos debruçando sobre a teoria de Pêcheux, que a produção de sentidos nos espaços intradiscursivos depende de fatores linguísticos e extralinguísticos. Daí, mais adiante, considerarmos o mecanismo da dispersão de discursos para posteriormente fazer sentido no interior das formações discursivas. É relevante também pontuar que a produção de polissemia e paráfrase, no *corpus* analisado, concorre para a existência de uma “maquinaria discursiva” que aponta para várias interpretações e produções de sentidos, não somente o do etarismo, mas em relação a temas que corroboram para o entendimento de que a língua é atravessada por processos históricos, políticos e socioculturais.

De acordo com Chauí (2012, p. 7), “a ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política”. Do ponto de vista sociológico e filosófico desse conceito, a referida estudiosa, que estuda com afinco a teoria materialista para explicar as relações sociais e a influência dos processos históricos, políticos e econômicos, que interferem e ditam o modo de sociabilidade dos sujeitos, é bastante pertinente porque responde as indagações do seu campo de atuação. No entanto, ao longo do tempo, o conceito de ideologia é redefinido e estudado por vários estudiosos de diversos campos, como mencionamos neste estudo.

O termo ideologia, segundo Chauí (2012), surgiu pela primeira vez no início do século XIX, em 1801, na França, após a Revolução Francesa em 1789, através da

obra de Destutt de Tracy, chamada *Eléments d'Idéologie* (Elementos de Ideologia). De lá para cá, diversos campos tentam explicar o termo, e, para a Análise do Discurso de linha francesa, a ideologia é um conceito fundante, uma vez que, como essa disciplina articula conhecimentos do campo das Ciências Sociais e do domínio da Linguística (Orlandi, 2015), Pêcheux dá uma nova abordagem ao conceito de ideologia, ligado, essencialmente, às questões discursivas da linguagem no mundo, com seus efeitos de sentido.

Chauí (2012), dentro de seu campo de estudo, conceitua ideologia como ocultamento da realidade, porém a função da ideologia no campo da AD não é ocultar a realidade, mas sim estabelecer uma relação imprescindível entre a linguagem e o mundo. Nesse contexto, entram em cena outros elementos importantes, como o sujeito, a própria língua e a história, para se produzir sentidos (Orlandi, 2015).

Nesse viés em que consideramos a ideologia, entra também em cena para a materialização discursiva de todo dizer a questão da importância dos gestos de interpretação à luz da historicidade e do processo de interpelação dos sujeitos, e, desse modo, vemos que

Para pensarmos a ideologia, nessa perspectiva, pensamos a interpretação. Para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante. Daí resulta que a interpretação é necessariamente regulada em suas possibilidades, em suas condições. Ela não é mero gesto de decodificação, de apreensão de sentido (Orlandi, 2015, p. 45).

Vemos, de acordo com Orlandi, que os sujeitos são instados a pensar, porém as nossas posições como leitores dependem das formações discursivas e da posição ideológica pelas quais somos afetados nas relações sociais no mundo. É por isso que, como veremos ao longo desta pesquisa, os sujeitos discursivos são afetados por várias vivências e não têm controle de seus dizeres, pois são determinados pelas forças das estruturas materiais da sociedade. Consoante a isso, o tema do objeto de pesquisa ora estudado recebe várias interpretações, e tanto o vídeo “RESPONSÁVEL” quanto o vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” são regulados pelas determinações ideológicas e pelos interdiscursos que materializam os sentidos afetados pela memória institucionalizada e pela memória constitutiva, as quais podemos entender melhor na citação a seguir:

A interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social. Ela é “garantida” pela memória, sob dois aspectos: **a.** a memória institucionalizada (o arquivo), trabalho social da interpretação onde se separa quem tem e quem não tem direito a ela; **b.** a memória constitutiva (o interdiscurso), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo). O gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (o arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso), podendo assim tanto estabilizar como deslocar sentidos. Ser determinada não significa ser (necessariamente) imóvel (Orlandi, 2015, p. 45-46).

Ademais, os discursos, da forma como concebemos pela teoria da AD, não são transparentes, eles são opacos e moventes. Assim como a linguagem, os sentidos e os sujeitos também não o são, “eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente” (Orlandi, 2015, p. 46).

Na episteme da AD francesa, o sujeito discursivo é aquele que é interpelado pela ideologia; além disso, “Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas” (Orlandi, 2015, p. 46). O que percebemos através do constructo teórico a respeito do sujeito é que, nas representações sociais, suas posições, bem como os aspectos da representação da sua identidade, refletem na sua linguagem a sua posição social, em que variáveis como sexo, etnia, classe social, grau de instrução, família em que nasceu, entre outras condicionantes, moldarão sua maneira de materializar o discurso no mundo, isso porque

As estruturas das ideologias vão sendo construídas ao longo da vida das pessoas por meio da sua exposição aos discursos de seus pais e mães, professores, líderes religiosos, escritores, músicos, políticos, jornalistas, colegas, diretores de cinema, radialistas e assim por diante. A influência desses discursos na maneira como os indivíduos representam mentalmente os fenômenos sociais está diretamente ligada às posições de poder ocupadas por quem (re)produz os discursos, o que é óbvio no caso de mães, pais e professores, cuja autoridade é vista como sendo natural por filhos e alunos, fazendo com que os discursos formadores de ideologias sejam mais diretos e explícitos em casa e na escola. No caso de pessoas cuja autoridade não é aceita de forma natural, como, por exemplo, jornalistas e escritores, a influência deve ser feita de forma mais sutil, implícita

nos discursos a que estão expostos os indivíduos com pouco ou nenhum poder (Oliveira, 2013, p. 328).

Desse modo, percebemos que o estatuto do sujeito está condicionado à sua forma histórica, política, cultural e social, e tais sujeitos materializam discursos que não são neutros, mas sim estão ideologicamente marcados, condicionados, como vemos em Oliveira (2013). Mas nem todos os sujeitos têm acesso aos mecanismos que lhes possibilitam ter consciência disso, “o que facilita o trabalho de quem quer manipular as opiniões e as ações das outras pessoas” (2013, p. 329).

O sujeito, na verdade, não tem controle sobre o seu discurso. Ele é interpelado pela ideologia e, ao mesmo tempo, tem a ilusão de que ele é origem e fonte de seu dizer, como bem coloca a teoria de Pêcheux. O papel da ideologia, dentro dos estudos da AD, é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (Orlandi, 2015, p. 44).

No constructo das relações de sentidos materializadas pelos sujeitos pela língua(gem), convém ressaltar que as condições materiais que são decisivas para estabelecer as relações sociais e as trocas discursivas dependem dos Aparelhos Ideológicos de Estado, conceito desenvolvido por Althusser (2022 [1983]), em que os indivíduos são moldados, por meio da interpelação, de modo hierárquico e através de posições sociais. Os Aparelhos Ideológicos de Estado são representados por instituições como escolas, igrejas, instituições jurídicas, sindicatos, a mídia, entre outros.

Dentro desses Aparelhos Ideológicos de Estado, a ideologia está cristalizada e materializada nos discursos dos sujeitos. Pêcheux, na terceira parte de seu livro *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*, descreve com pormenores e ressalta pontos de atenção sobre a função dos Aparelhos Ideológicos de Estado como propulsores, através das suas estruturas, da ideologia que interpela os indivíduos em sujeitos e da sua função no contexto da teoria discursiva abordada neste trabalho.

Diante da relevância dos Aparelhos Ideológicos dentro da AD, que abarcam as ideologias, descrevemos na íntegra, a seguir, as considerações de Pêcheux (2014 [1988]) sobre esse assunto, com a finalidade de embasar o leitor desta pesquisa para a compreensão do objeto analisado. Nas palavras desse estudioso, ao adotar o conceito *aparelho ideológico de Estado*, ele pretendia dar evidência aos vários

aspectos que são decisivos para a constatação de que as ideologias têm uma função prática dentro das relações sociais e que elas não são constituídas de ideias, mas de atuações da ordem prática. Portanto:

- 1) a Ideologia não se reproduz sob a forma geral de um *Zeitgeist* (isto é, o espírito do tempo, a “mentalidade” da época, os “costumes de pensamento” etc.) que se imporia de maneira igual e homogênea à “sociedade”, como espaço anterior à luta de classes: “os aparelhos ideológicos de Estado não são a realização da Ideologia em geral...”
- 2) “...nem mesmo a realização sem conflitos da ideologia da classe dominante”, o que significa que é impossível atribuir a *cada classe sua ideologia*, como se cada uma delas vivesse “previamente à luta de classes” em seu próprio campo, com suas próprias condições de existência e suas instituições específicas, sendo a luta de classes ideológicas o encontro de dois mundos distintos e preexistentes, cada um com suas práticas e suas “concepções do mundo”, seguindo-se a esse encontro a vitória da classe “mais forte”, que imporia, então, sua ideologia à outra. Isso significaria, em última análise, multiplicar por dois a concepção da Ideologia como *Zeitgeist*.
- 3) “A ideologia da classe dominante não se torna dominante pela graça do céu...”, o que quer dizer que os aparelhos ideológicos de Estado não são a *expressão* da dominação da ideologia dominante, isto é, da ideologia da classe dominante (sabe Deus onde a ideologia dominante obteria, então, sua supremacia!), mas sim que eles são seu lugar e meio de realização: “é pela instalação dos aparelhos ideológicos de Estado, nos quais essa ideologia [a ideologia da classe dominante] é realizada e se realiza, que ela se torna dominante...”
- 4) mas os aparelhos ideológicos de Estado não são, apesar disso, puros instrumentos da classe dominante, máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes: “... este estabelecimento [dos aparelhos ideológicos de Estado] não se dá por si só, é, ao contrário, o palco de uma dura e ininterrupta luta de classes...”², o que significa que os aparelhos ideológicos de Estado constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista). *De onde, a expressão “reprodução/transformação” que empregamos* (Pêcheux, 2014 [1988], p. 130-131).

A partir das considerações de Pêcheux (2014 [1988]) sobre sua acepção acerca da ideologia e dos Aparelhos Ideológicos de Estado, compreendemos que há várias formações ideológicas que concorrem entre esses AIEs, por isso as formações discursivas são heterogêneas nas entrelinhas dos espaços intradiscursivos, e “Segundo Pêcheux, em um mesmo texto podem-se encontrar várias formações

discursivas, estabelecendo-se uma relação de dominância de uma formação discursiva sobre a(s) outra(s)” (Brandão, 2012, p. 83).

Veremos a atuação do estatuto do sujeito e a importância do mecanismo da ideologia para a produção de sentidos nos fios discursivos das materialidades do *corpus* analisado no capítulo 4. Por ora, fiquemos com o subtópico 1.3, que nos mostra como a linguagem opera sentidos nas estruturas da língua, fazendo com que haja a ressignificação, que concorre para o mesmo ou para o diferente, com a materialização de sentidos possíveis através das estratégias de uso dos recursos à paráfrase e à polissemia.

1.3 A formulação dos discursos – o lugar da paráfrase e da polissemia

Orlandi (2015) nos mostra que a linguagem, tomada do ponto de vista discursivo, não apresenta uma delimitação sobre o mesmo e o diferente. Essa característica dos discursos – de sempre se relacionar com a memória e a história – faz com que o funcionamento da linguagem mantenha formulações de dizeres que se constituem tanto pela paráfrase quanto pela polissemia. Para essa estudiosa do discurso, a paráfrase se relaciona com o mesmo, na medida em que, ao produzir os discursos, os sujeitos retomam dizeres já cristalizados na memória discursiva, ainda que não pertencentes ao contexto imediato do sujeito, por isso “A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (Orlandi, 2015, p. 34). Pensando nos processos parafrásticos que produzem determinados sentidos da linguagem, vemos que ela possibilita uma estabilização que atualiza os dizeres, com base na rede de filiação de sentidos, a partir da memória, dos já-ditos.

A linguagem também se materializa através de processos de construção que utilizam a polissemia. Sobre ela, Orlandi (2015) nos mostra que, nos discursos em que há esse recurso linguístico, o sujeito, para produzir sentidos, provoca deslocamento e ruptura de processos de significação, de modo a demonstrar que a língua é sujeita à falha, ao equívoco. Numa tensão assentada entre a polissemia e a paráfrase, vemos que os dizeres representam “o mesmo e o diferente” nos fios discursivos, tendo em vista “que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história” (Orlandi, 2015, p. 35). Daí a importância de observarmos os modos de produção dos

discursos na materialização do sentido através da língua, no jogo em que transitam tanto o recurso da paráfrase quanto o da polissemia.

1.4 Breves considerações sobre a teoria da Análise do Discurso no Brasil

Assim como em outras partes do mundo, a teoria do discurso pecheutiana se estabeleceu no Brasil como uma disciplina dentro das Ciências da Linguagem, às custas de encontros e desencontros, marcados por pontos polêmicos acerca de conceitos fundantes em AD, como as noções, entre outras, de sujeito, ideologia, língua e história.

Embora os estudiosos dessa área tenham tendências e preferências que se dividem em grupos que advogam segundo os pressupostos de uma análise do discurso, de um lado americana, de outro europeia, em que no primeiro grupo há uma prática com tendência linguístico-pragmática, de caráter empirista, e o segundo grupo, do lado europeu, segue uma tendência materialista, “que desterritorializa a noção de língua e de sujeito (afetado pelo inconsciente e constituído pela ideologia) na sua relação com discurso em cuja análise não se procede pelo isomorfismo” (Orlandi, 2003, p. 6), em muitas regiões do Brasil, a teoria de Pêcheux segue viva e ampliando os seus horizontes ao sabor da historicidade e da capacidade imanente da língua de significar perante as estruturas de poder e pelos elementos sociais e culturais da sociedade.

De acordo com Piovezani e Sargentini (2016), no Brasil, como na França, a consolidação da AD se deu tomando o discurso como o objeto teórico, dando uma distinção especial a esse objeto em relação aos conceitos de fala, comunicação e demais fenômenos do campo da Linguística desenvolvidos pelos estruturalistas.

Na concepção dos estudiosos citados, ações importantes para a consolidação da epistemologia do discurso na França foram feitas também no Brasil como uma desterritorialização disciplinar que apontava as fissuras dos campos de saber até então consagrados, que eram a Linguística e as Ciências Sociais. Sendo assim, podemos ver que

A articulação entre a linguística e a psicanálise, sob a égide do materialismo histórico, ocasionou a emergência de um domínio teórico em que a língua, o sujeito, a história e o sentido são concebidos no interior de relações sociais em que saberes e poderes não se

dissociam no processo discursivo. Esses princípios provenientes da Análise do discurso de Pêcheux e seu Grupo e dos aportes de Foucault são hoje incontornáveis para boa parte da AD praticada no Brasil e tornaram-se fundamentais a partir do qual se desenvolveram as reformulações e os aprofundamentos em nossas reflexões teóricas e em nossas práticas analíticas (Piovezani; Sargentini, 2016, p. 16).

Depois de Pêcheux, os continuadores dos estudos em Análise do Discurso francesa, segundo Piovezani e Sargentini (2016), não deram tanta importância aos elementos histórico-críticos introduzidos por seus antecessores. No entanto, no Brasil o legado pecheutiano considera fortemente “o princípio de que o discurso é o encontro entre a língua e a história” (2016, p. 17).

Ainda de acordo com esses dois estudiosos, tem-se em vista que há grupos de pesquisa no Brasil que estudam a dimensão histórica e também enfatizam a importância de diálogos interdisciplinares entre a Análise do Discurso e as novas tendências historiográficas do nosso tempo. Dessa forma, vemos menção a dois trabalhos: o projeto História das ideias linguísticas no Brasil, desenvolvido de maneira interinstitucional por meio de pesquisadores brasileiros, muitos deles da Unicamp, da USP, da Unesp, da UFRGS, da UFMG e da UFSM, com parceria com pesquisadores europeus do Laboratoire d'histoire des théories linguistiques, com destaque para a ENS de Lettres et Sciences Humaines de Lyon e da Université Paris VII. Através dessas parcerias científicas, até o ano de 2016, havia quatro projetos e uma quantidade razoável de pesquisas sólidas com o objetivo de dar continuidade à teoria discursiva da qual Pêcheux foi pioneiro na França.

Compondo o segundo grupo de estudos do discurso no Brasil, o qual dá relevância também à história na produção e interpretação dos discursos, como pontuam Piovezani e Sargentini (2016), temos os grupos LABOR (Laboratório de Estudos do Discurso), que fica localizado na Ufscar, e também o grupo GEADA (Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara), localizado na Unesp de Araraquara. Os pesquisadores desses dois grupos estudam e desenvolvem pesquisas acerca dos fundamentos epistemológicos da AD e discutem também sobre a importância e a influência, juntamente com seu alcance, do legado de Michel Foucault para a Análise do Discurso. Tais discussões e estudos foram uma iniciativa da docente Maria do Rosário Gregolin, que é adepta aos trabalhos de Pêcheux e de Jean-Jacques Courtine. Dessa forma,

Particularmente no interior do LABOR/Ufscar, têm sido desenvolvidos trabalhos com base numa constante interlocução com Courtine, a partir da qual se tem buscado aprofundar a dimensão histórica do discurso, com vistas a considerar as formulações sincréticas das discursividades políticas contemporâneas (Piovezani; Sargentini, 2016, p. 18-19).

Advogamos que, no Brasil, o estatuto de caráter político, histórico e ideológico do sujeito continua sendo a força motriz que dá impulso à continuação da episteme alicerçada por Michel Pêcheux e seu grupo nos idos anos de 1960. Piovezani e Sargentini (2016), na obra *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*, também nos mostra que a consolidação da AD nas instituições de pesquisa no Brasil é um acontecimento importante para a ampliação das pesquisas nessa área porque “não há alma das ideias sem o corpo das instituições [...]. E, ainda, não se pode, portanto, dissociar a escrita da história de um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (Piovezani; Sargentini, 2016, p. 19-20).

Os estudiosos ainda atentam para a percepção de que todo discurso é influenciado pelas amarras dos valores culturais e sociais de seu tempo, porém a história das ideias teóricas sobre o discurso não é a mesma em toda parte do mundo e se diferencia ao sabor das perspectivas e das mentalidades de cada geração. Nessa perspectiva,

Entre tais condições, encontra-se a especificidade dos diálogos entre França e o Brasil, que começaram já em nosso período colonial, com a tentativa de se estabelecer por aqui uma *France antarctique*, e que se intensificaram sobretudo desde o começo de nossa Segunda República. De certa maneira, o pensamento francês, principalmente no campo das humanidades, foi formador de gerações de intelectuais brasileiros. Na própria constituição da Universidade de São Paulo, fundada em 1934, por exemplo: professores franceses, como o antropólogo Claude Lévi-Strauss e o historiador Fernand Braudel, vieram lecionar nos primeiros anos da USP. Esse diálogo acentuou-se ao longo do século XX, tendo em vista a expansão do ensino universitário e a formação de pesquisadores brasileiros na França (Piovezani; Sargentini, 2016, p. 20).

Em relação aos estudos e ao desenvolvimento do discurso no âmbito da linguagem, encontramos ainda a informação em Piovezani e Sargentini (2016) de que, paralelamente ao estruturalismo norte-americano, os estudos do discurso de origem francesa influenciaram e constituíram o alicerce e as bases para a pesquisa em AD no território brasileiro.

Foi em 1970, segundo esses dois estudiosos, que a AD chegava definitivamente ao Brasil, e os pesquisadores da época já repetiam o que Pêcheux e seu grupo afirmaram no passado: Saussure e os estruturalistas não deram importância ao estatuto do sujeito, à história e aos sentidos produzidos e materializados pela língua, ou seja, ao próprio discurso como objeto de estudo. Vemos que Piovezani e Sargentini ressaltam que trabalhar com o campo de análise do discurso nessa época era uma tarefa desafiadora, isso porque esse campo tinha como pressupostos teóricos embasadores a articulação da linguística e do materialismo histórico em face de uma tradição filológica enraizada, que também supervalorizava as descrições linguísticas formais com a hegemonia do estruturalismo norte-americano. E ainda mais um agravante no Brasil: era o período da ditadura militar.

Diante do exposto, compreendemos que a AD no Brasil é fruto de resistências tanto da ordem das teorias contrárias em vigor na época quanto do período conturbado política e historicamente. Ressaltam Piovezani e Sargentini (2016) que a resistência contra a ordem política e ideológica no Brasil já vinha sendo semeada pelos pesquisadores de outros campos da ciência, que já difundiam as ideias de Althusser e Foucault em meados do início dos anos de 1970.

Ainda conforme Piovezani e Sargentini (2016), foi nos anos de 1980, depois do período conturbado da ditadura no Brasil, e com o restabelecimento da democracia, que a AD se consolida com muita força e deixa de estar na condição marginal, se tornando um campo consolidado e forte no país. O aporte teórico de Pêcheux foi essencial para a consolidação institucional da AD na Unicamp, com os estudos da teoria pecheutiana, assim “A emergência da Análise do discurso como disciplina promoveu grande estabilidade institucional e possibilitou, enfim, o surgimento de grande e consistente produção intelectual” (Piovezani; Sargentini, 2016, p. 22).

Destarte, como nos mostram Piovezani e Sargentini (2016), a teoria francesa do discurso permanece profícua e dando frutos nas instituições de pesquisa do país, e as condições para que isso fosse possível se deram graças às bases teóricas advindas da consideração da importância da ideologia, que interpela os indivíduos em sujeitos, e da relevância que tem a historicidade para a produção dos sentidos, que, por sua vez, mobiliza sentidos políticos não estabilizados numa sociedade em que encontramos, na aceção desses dois estudiosos, adversidades, mas também a força de uma sociedade para superá-las, e com capacidade de “adaptar o estranho e a

fraqueza de nossa inaptidão para escapar à reprodução de nossas limitações” (Piovezani; Sargentini, 2016, p. 22).

Face ao exposto, é nessa atmosfera profícua que desenvolvemos esta pesquisa, em que encaramos as contradições permeadas pelas condições materiais e sociais em que estão inseridos os sujeitos interpelados pela ideologia, produzindo discursos e fazendo significar os espaços de poder à sua volta.

2 O MÉTODO EM AD – A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E OS PROCEDIMENTOS TEÓRICO E ANALÍTICO PARA A FUNDAMENTAÇÃO DESTA PESQUISA

Em consonância com os postulados epistemológicos da teoria pecheutiana, alicerçamos a construção desta pesquisa partindo do princípio de que só é possível desenvolver uma prática de compreensão dos modos e funcionamentos dos sentidos circunscritos à teoria discursiva que norteia esta pesquisa se partirmos da concepção de linguagem como sendo opaca, sujeita à falha e ao equívoco, como assevera Orlandi (2012, 2015). Entendemos, assim, que não basta olharmos para o significado literal das palavras, considerando apenas os traços e as marcas da superfície linguística, numa “falsa-aparência de um real natural-sócio-histórico homogêneo coberto por uma rede de proposições lógicas”, como bem pontua Pêcheux (2015, p. 32). Antes, pois, se faz necessário ressaltar que há uma corporeidade da linguagem que atravessa a materialidade da história, permitindo que os discursos signifiquem no ato da interpretação, da demonstração de como a linguagem se textualiza no processo de formulação. Desse modo, temos que

Na formulação há um investimento do corpo do sujeito presente no corpo das palavras (E. Orlandi, 1999). O momento em que o sujeito diz o que diz. Em que se assume autor. Representa-se na origem do que diz com sua responsabilidade, suas necessidades. Seus sentimentos, seus desígnios, suas expectativas, sua determinação (Orlandi, 2012, p. 10).

Vemos, a partir da ideia acima, que os elementos da formação discursiva influenciam, sobremaneira, no modo como o analista concebe o seu objeto de trabalho, e isso, por sua vez, interfere na escolha do dispositivo analítico, fundamentado no dispositivo teórico a partir do qual ele, o analista, irá descrever, interpretar e compreender os mecanismos que geram os sentidos do texto, numa perspectiva que evoca o confronto do político com o simbólico.

Em se tratando da produção da escrita das análises sobre um determinado recorte, reiteramos a importância dos processos de textualização dos discursos no espaço intradiscursivo dos textos, levando em conta a historicidade e a memória, uma vez que os processos de formulação operam por meio da memória discursiva, e “Pela noção de gesto, temos a prática simbólica como prática do corpo e que se corporifica no textual” (Orlandi, 2012, p. 10). Desse modo, há sempre, na produção de novos

discursos, de novas análises, a atualização da memória discursiva, pela formulação, pela produção dos sentidos, através da textualização.

Quando abordarmos nesta pesquisa os discursos veiculados no espaço virtual, lembramos que os gestos de escolha do analista frente aos recortes e lugares de enunciação desses discursos farão toda a diferença no resultado de seu trabalho, visto que:

[...] a importância da instância da circulação onde os dizeres são como se mostram. Os trajetos dos dizeres. E isto nos interessa pois, como procuraremos mostrar, os “meios” não são nunca neutros. Ou seja, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam (em que meios e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música etc.) (Orlandi, 2012, p. 11-12).

Nessa perspectiva, o recorte do analista tem a ver com os modos de enxergar o mundo vislumbrando as suas análises. Os procedimentos analíticos irão provocar rupturas nos modos de compreensão da linguagem no fio discursivo materializado no intradiscurso. Veremos, a partir dos procedimentos analíticos instalados, a discursividade que só é possível perceber com base na relação entre descrição e interpretação.

O analista desenvolve a compreensão dos modos de significação e produção dos sentidos nos recortes discursivos, demonstrando que sempre há a incompletude do sentido, de modo que o que está posto em suas considerações não se fecha a uma única interpretação e compreensão porque o analista constrói um dispositivo com vistas a levar o sujeito-leitor à compreensão do discurso e, por conseguinte, manifesta a sua relação com os sentidos explicitados, sob a conjectura da importância de desnaturalizar e desautomatizar os sentidos, na observância de que em AD não se toma o discurso em sua forma literal, como em alguns campos das ciências da linguagem ou, particularmente, nas ciências exatas.

No campo da Análise do Discurso, vemos que o fazer do analista está para desmistificar a “falsa-aparência da homogeneidade lógica”, como destaca Pêcheux (2015, p. 41), e observamos que em AD não vislumbramos a estabilidade discursiva inerente ao campo das ciências da natureza, como nos informa esse mesmo estudioso. Sendo assim, o fazer do analista se recusa a pensar a língua “dentro da caixinha”, na qual prevalece uma “homogeneidade lógica” pronta para atender às demandas de comunicação urgentes do cotidiano:

Ora, esta homogeneidade lógica, que condiciona o logicamente representável como conjunto de proposições suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas, é atravessado por uma série de equívocos, em particular termos como lei, rigor, ordem, princípio, etc. que “cobrem” ao mesmo tempo, como um patchwork heteróclito, o domínio das ciências exatas, o das tecnologias e o das administrações (Pêcheux, 2015, p. 32).

A partir da ideia proposta por Pêcheux (2015), percebemos que os discursos estabelecem sentidos múltiplos, uma discursividade não estabilizada logicamente, em que o real e o sócio-histórico complementam os sentidos a serem produzidos, constituídos. “Logo: um real constitutivamente estranha à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” (Pêcheux, 2015, p. 43).

Aos que não são familiarizados com os pressupostos da AD, tentamos mostrar que é possível perceber que o analista de discurso pertencente à epistemologia francesa joga com os sentidos e a ideologia, pois é esta que interpela os indivíduos em sujeitos, tanto o sujeito-autor quanto o sujeito-leitor. Diante disso, vemos, na linguagem analisada sob a perspectiva da AD, que esse campo apresenta estados do processo discursivo em que os sentidos serão diversos, sempre condicionados às circunstâncias da enunciação, à comunicação imediata, às novas condições de produção, à própria metalinguagem, no compasso da descrição e da interpretação, em que se vislumbra não a transparência dos sentidos, mas uma configuração em que se evidencia a importância do efeito-leitor, ou seja, os modos como a análise é compreendida, lida, como vemos em Orlandi (2012).

A Análise do Discurso se distingue de muitos campos das Ciências da Linguagem, uma vez que “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso” (Pêcheux, 2015, p. 53).

A partir das considerações de Orlandi, vemos que o analista toma como unidade ou dispositivo de análise “o texto e como objetivo da análise a sua compreensão enquanto discurso. Ele vai então, com sua escrita, tornar possível essa compreensão” (2012, p. 33). Na observância de uma teoria material da linguagem, sob o olhar da linguística histórica, vemos que a teoria da AD pecheutiana desloca-se

de uma perspectiva automatizada, formalista, da língua para uma filiação materialista, como pontua Orlandi (2012).

Orlandi herda de Pêcheux a consideração da não transparência da linguagem, e, sobre a importância na análise do *corpus*, faz revigorar de forma pujante a aceção de que é preciso considerar, sobremaneira, a opacidade dos discursos e da língua na hora de acionar o dispositivo analítico de compreensão da constituição dos sentidos. Percebe-se, assim, que a língua, os discursos, apresentam-se e se materializam em uma diversidade de funcionamentos em que se pode lançar mão de diversas estratégias de produção de sentidos. Como exemplos, temos as reformulações através de paráfrases, maneiras de encadeamento do texto, ganchos enunciativos, ou seja, a Análise do Discurso é posta como um campo que leva em consideração o modo como o sujeito-leitor interpreta os discursos, bem como o lugar a partir do qual fala e produz interpretação, evitando, com isso, a politização de caráter militante, partidário, como pondera essa estudiosa, partindo e argumentando do lugar de Pêcheux. Sobre essa ressalva, trazemos o seguinte:

Mais do que isso, interessa-me, na ordem do significante, a relação língua/discurso/texto. Tampouco privilegiei um dos lados (o do enunciador ou do leitor) mas a relação entre eles. E, sobretudo, trabalho o fato da *interpretação*, observando seus limites, nos seus limites, aliando interpretação e ideologia, considerando o político enquanto relações de força que se simbolizam, ou em outras palavras, o político reside no fato de que os sentidos têm direções determinadas pela forma da organização social que se impõem a um indivíduo ideologicamente interpelado. E, por fim, não recuso o fato de que a Análise de Discurso é uma disciplina da interpretação (e não uma ciência natural) (Orlandi, 2012, p. 34).

Observamos, diante de tudo o que expomos até aqui, que a Análise do Discurso em que embasamos esta pesquisa manifesta um estatuto de jogos de ordem simbólica em que se apresentam sentidos outros, e não a univocidade de um pensamento. Aqui impera a força da interpelação ideológica do sujeito, manifestando nas análises o confronto discursivo, a construção de múltiplas significações, proporcionados por jogos metafóricos e estratégias discursivas nos espaços de memória, em que a linguagem não se apresenta transparente.

Com base numa proposta que denega uma verdade absoluta ou única da transparência e do sentido da linguagem, a AD prioriza e valida em sua proposta os estatutos dos discursos produzidos a partir da relação entre enunciador e leitor,

colocando como mecanismo de interpretação dos gestos a ideologia e o sentido político dos discursos, que ganham uma nova ordem, uma nova visão, na confluência dos limites da interpretação alicerçada pelas interpelações ideológicas, que produzem um sentido político da linguagem, baseando-se na noção de que “[...] o político enquanto relações de força que simbolizam, ou em outras palavras, o político reside no fato de que os sentidos têm direções determinadas pela forma da organização social que se impõem a um indivíduo ideologicamente interpelado” (Orlandi, 2012, p. 34).

Visto dessa forma, em que o caráter ideológico e a interpretação textualizam o político, percebemos que entra em jogo a determinação de ordem histórica dos processos de significação, como pontua Orlandi (2012), e, dessa maneira, podemos considerar que os recortes analisados nesta pesquisa têm a ver também com os processos de subjetivação do enunciador e também do sujeito-leitor, pois tanto um quanto o outro são tomados/afetados por processos de identificação e de individualização dos sujeitos, em que podemos perceber as elaborações de percepções da chancela dos sentidos, bem como processos de formulação, e, por conseguinte, a circulação dos discursos resultantes da historicização da língua, com base nas relações com os tipos de contextos, tanto imediato quanto amplo, colocados no subtópico quando abordamos o discurso na conjuntura da AD de origem francesa.

É importante ainda ressaltar na especificação deste capítulo sobre os pressupostos metodológicos de análise em AD, em vista do *corpus* aqui apresentado, que a escrita do analista, que é interpelado pela ideologia da qual sofre influência, lhe possibilitará demonstrar o funcionamento de discursos outros, uma vez que a prática do analista e suas formulações não partem da relação pura com a língua. O analista não bebe das águas da fonte que privilegia o idealismo da língua, tampouco do objetivismo da linguagem, como postulam a pragmática e a sociolinguística, pois “A Análise de Discurso não acumula teoricamente, ao estilo das ciências positivas. Ela reinscreve as questões no âmbito mesmo da definição de seu objeto a cada movimento das diferentes práticas” (Orlandi, 2012, p. 36).

É justamente por estar em constante relação entre língua/linguagem/discurso que temos um objeto analítico materializado no texto – o discurso –, que se apresenta de forma heterogênea, em que o dispositivo teórico e o dispositivo analítico de interpretação serão determinantes na lida com o objeto de pesquisa. Diante disso, concordamos que “A análise de Discurso, pela sua natureza material, não pode ser

formal, nem empirista, praticando a interpretação, sem no entanto ignorar a descrição. Além disso, não pode deixar de colocar-se, considerando a interpretação, na posição de questioná-la” (Orlandi, 2012, p. 42).

Dito dessa maneira, a AD se distingue de outras disciplinas ou campos da Linguística porque, como pontua Orlandi (2012), essa teoria de ordem materialista “vive” em constante tensão entre análise e teoria. As análises vão tomando corpo no processo de interpretação dos sentidos, e “Nessa perspectiva é que consideramos que a linguagem é uma prática. Não no sentido de realizar atos mas porque pratica sentidos, ação simbólica que intervém no real” (Orlandi, 2012, p. 44).

Se “O sujeito, por sua vez, ao dizer, se significa e significa o próprio mundo” (Orlandi, 2012, p. 44), diremos que a exterioridade da língua tem a ver com a história que produz interferências e influencia no processo de descrição, interpretação e textualização do *corpus* praticadas pelo sujeito analista.

Um outro aspecto de relevância é que o texto é um dispositivo em que se percebem, por meio da teoria analítica, as ligações e as produções de sentidos promovidas pela articulação da sintaxe com a semântica. E assim são textualizados os discursos, levando em consideração a história no processo de reformulação dos sentidos, com base na memória discursiva que cada texto evoca. Nesse contexto, operam, como já dito, a memória ou saber discursivo – como pontua Orlandi (2012) – e a visão de mundo do sujeito discursivo afetado pelas experiências e pela ideologia que o cerca, o interpela.

Portanto, todo o fazer do analista, desde a elaboração/escolha de procedimentos analíticos até a execução dos procedimentos e a amostragem de como os sentidos são textualizados, bem como a sua produção escrita das análises, encontra-se na confluência entre as formações imaginárias do discurso, e percebemos que há tanto o lugar de enunciação, como também posições do sujeito-leitor, ou os dois ao mesmo tempo. Em virtude do exposto, evidenciamos a relação de reciprocidade entre dispositivo teórico e dispositivo analítico promovida pelo analista, uma vez que:

A escrita é tão importante quanto a teoria porque ela vai formular a relação significativa elaborada entre os dois dispositivos que resultará, em um primeiro tempo, na compreensão do objeto simbólico, o discurso, submetido à análise, e em um segundo tempo, em tornar visível para o leitor o movimento da compreensão do analista e, em

decorrência, a sua própria posição na interpretação (Orlandi, 2012, p. 49).

Vale ressaltar que o fazer do analista não compreende dar uma resposta ou um sentido estanque ao seu objeto de estudo. Ele, o analista, estuda os processos presentes no texto e cabe a ele “Detectar os gestos de interpretação que neles se inscrevem” (Orlandi, 2012, p. 50) para, assim, produzir “sentidos outros” de compreensão, sempre abertos ao simbólico, provocando também no sujeito-leitor modos de ver e marcar na linguagem/discursos pontos de subjetivação, pontos de estabilização referencial, sempre demarcando os sentidos postos a partir da história social, do pré-construído, do efeito de sentido proporcionado pelas formações discursivas de enunciador e leitor, e vale também lembrar que

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar, discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente) (Pêcheux, 2015, p. 53).

Depreendendo que praticar a análise do discurso é uma tarefa meticulosa, em que o *corpus* vai gerando os dispositivos analíticos de interpretação do funcionamento discursivo, ressaltamos, baseados na literatura de Orlandi (2012), três etapas importantes para o processo de análise, que compreendem: o debruçamento sobre a superfície linguística do texto; em seguida, passa-se ao objeto discursivo e, finalmente, há a escritura da compreensão e do estabelecimento de como discurso e sentido são constituídos por meio dos mecanismos linguísticos e também pelos processos histórico-sociais. Diante disso, vemos que

O primeiro momento, fundamental para a análise, nos põe em contato direto com a paráfrase. O analista passa da materialidade linguística para o objeto discursivo porque faz o gesto mínimo que é o de inserir o dizer no domínio da paráfrase, ou seja, estabelece a relação do dizer com outros dizeres (Orlandi, 2012, p. 51).

No *corpus* constituído para esta pesquisa, veremos que a escrita do analista se desenhará ao sabor da alternância entre teoria e análise, na medida em que, como pontua Orlandi (2012), a escritura do analista não é pré-fabricada. Ela é regida pela força esclarecedora de uma teoria do discurso, evitando, assim, se tornar repetitiva

em sua compreensão do funcionamento dos discursos em análise, e é fundamental destacar que, para dar consistência e sustentação teórica à sua prática, “o analista expõe, na arte da palavra, seu dispositivo analítico, em que apoia sua compreensão. Ele deve ter a habilidade de quem mostra, sem orientar a persuasão e nem legitimar-se pela demonstração” (Orlandi, 2012, p. 54). Interessa, assim, ao analista descrever, interpretar e compreender os processos de organização dos discursos e, conseqüentemente, a produção dos sentidos.

O trabalho do analista coloca em evidência que, sobretudo, os sentidos não são transparentes, o que faz o sujeito olhar para a linguagem como sendo opaca. O analista propõe outras formas de leitura dos textos, novas posições-leitor. É claro que a AD não é um instrumento neutro, como bem nos lembra Orlandi (2012). Evidenciamos, nesse contexto, que é a teoria que embasará o trabalho do analista, pois ele é um sujeito com conhecimento estruturado a partir de uma posição social e por determinações ideológicas.

O analista executa gestos de interpretação na observância dos mecanismos estabelecidos pela sintaxe e pela enunciação. O seu procedimento analítico projeta sua escrita a outras leituras do mesmo objeto, jogando com a alteridade. Vale lembrar, também, que um dos primeiros passos para a compreensão leitora é a observação da operação parafrástica dos dizeres, em que encontramos com frequência a metáfora, que produz deslizamentos de sentidos, mostrando que a língua está inscrita na história.

Enfim, cumpre-nos mostrar que a AD, através do trabalho do analista, não determina as possíveis formas de interpretação do leitor. Como assegura Orlandi (2012), parafraseando Pêcheux, “Não se pode pensar do lugar do outro”, e nós diríamos que “não se pode interpretar do lugar do outro”. “O analista de discurso assegura, pela mediação da teoria e da compreensão, que o efeito leitor se produza em suas conseqüências” (Orlandi, 2012, p. 55). Como expõe essa estudiosa, a escrita em AD questiona as maneiras de ler os discursos materializados no texto, e, com isso, esperamos com as análises propostas neste estudo levantar novas formas de compreensão dos funcionamentos e movimentos dos sentidos dentro da história e da sociedade.

Almejamos, propondo a observância das categorias da formação discursiva, da concepção de sujeito em AD, do posicionamento do próprio sentido de discurso, com suas dispersões e regularidades, e de outros mecanismos desenvolvidos pela teoria

pecheutiana, mostrar a historicidade da língua, que faz os sujeitos enunciadore e leitores compreenderem os sentidos como moventes e suscetíveis à ilusão ideológica nos fios discursivos analisados.

2.1 A metodologia aplicada no empreendimento das análises

Esta pesquisa parte da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, a qual observa o caráter qualitativo e interpretativo dos discursos materializados nos recortes discursivos selecionados pela visão analítica do pesquisador. Diante disso, convém ressaltar que o trabalho se dá por meio da intercalação entre teoria e prática analítica que vai se delineando com base nas discursividades estabelecidas pelo material eleito nesta pesquisa.

Face a uma “compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2015, p. 24), elegemos como *corpus* discursos inscritos no *Facebook* e na plataforma *YouTube*, bem como alguns excertos em forma de diálogos, denominados, segundo Paveau (2021), respostas tecnodiscursivas, tomadas como um “compósito” em que vários elementos, tanto textuais quanto imagéticos, significam, e que surgem no ambiente digital em meio ao debate polêmico acerca de um tema, no caso desta pesquisa, a questão do etarismo. Poderemos ver esses tecnodiscursos com mais recorrência na segunda parte das análises.

Ainda segundo a constituição do *corpus*, também analisamos Sequências Discursivas (SDs) recortadas tanto do vídeo “RESPONSÁVEL” quanto do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, a fim de promovermos uma análise mais satisfatória sobre os sentidos mobilizados e escondidos nas entrelinhas da materialidade linguística apresentada no espaço virtual.

Diante do material escolhido para as análises, elencamos o objetivo geral e os objetivos específicos sobre a problematização proposta, com base nas percepções do analista, seguindo um dispositivo analítico. Dessa forma, ao longo das análises, foram mobilizadas categorias importantes para a finalização dos resultados. Como exemplos, trabalhamos os conceitos de ideologia, formação discursiva, discurso, entre outros. Diante disso, consoante a ideia de Orlandi (2015, p. 24), ponderamos que “Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender”. Desse modo,

elencamos a seguir uma reflexão acerca da pergunta/problematização de onde partiu o ponto de origem para a execução desta pesquisa.

2.1.1 Questão norteadora da pesquisa

Os dizeres, do ponto de vista da teoria da Análise do Discurso de vertente francesa, nascem da “vontade de verdade” dos sujeitos interpelados pela ideologia. Na ilusão de ser origem e fonte de seus discursos, como pontua a teoria pecheutiana, percebemos que os sujeitos falam a partir de determinadas formações discursivas, e, diante desse fato, o simbólico e o político se institucionalizam manifestando relações de poder. Dessa forma, as relações entre língua/sujeito/história promovem a mobilização e a inscrição de múltiplas significações no mundo. A partir dessas considerações, e tendo como concepção a não transparência da linguagem, propomos mostrar os gestos de interpretação e as diversas “maneiras de ler” e de se colocarem os sujeitos no espaço virtual sobre a questão do etarismo no contexto feminino. Portanto, cabe a nós a seguinte reflexão: como os discursos sustentam as formulações dos sentidos nos espaços intradiscursivos do *corpus* desta pesquisa, dada a importância de considerar o discurso digital como um compósito em que os elementos tecnolinguageiros e os linguageiros estão em confluência e são essenciais nos processos de produção dos sentidos?

2.1.2 Das regularidades e da ampliação dos sentidos produzidos nos fios discursivos do corpus em análise: o ambiente digital

Como já é sabido, a base teórica desta pesquisa é a Análise do Discurso de linha francesa, e, por se tratar de um *corpus* que nasce no meio digital, aliamos o fazer analítico inscrito aqui aos conhecimentos da teoria de Paveau (2021) sobre o trabalho com o *corpus* do meio digital, uma vez que essa autora traz uma série de contribuições nessa vertente, aliando, sobretudo, novas formas de conceber e atuar na análise discursiva numa perspectiva pecheutiana.

Com base no pressuposto de uma teoria discursiva que se abre e se ressignifica a partir dos contextos históricos e imediatos, tem-se que “O pensamento pós-dualista, o embasamento numa compreensão de Linguística Simétrica e a abordagem ecológica dos discursos ficam evidentes [...]”, como apontam Costa e

Baronas (2021, p. 20) ao fazerem uma introdução à edição brasileira da obra de Paveau *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas* (2021). Com riqueza de detalhes e instrumentos de análise, sobretudo com rigor teórico, acreditamos que o conhecimento de Paveau no campo da AD deve ser uma linha coerente para dar conta das análises com vistas às nuances dos novos discursos e acontecimentos insurgentes na era digital. É de se pensar, também, que essa deve ser uma oportunidade de divulgar e ampliar o diálogo em direção a novas abordagens e práticas analíticas e discursivas das materialidades que emanam desse novo universo representativo das linguagens e das sociedades humanas: as redes sociais.

Costa e Baronas (2021) nos fazem refletir sobre as nossas práticas enquanto analistas do discurso a partir de uma abordagem ecológica que questiona pressupostos teóricos para propor abordagens novas e para sedimentar novos conceitos no campo da AD criados por Marie-Anne Paveau (2021). Nesse contexto, percebemos que o digital adentra o interior da Análise do Discurso e nos motiva a desenvolver outras formas de ver e conceber a linguagem no interior das práticas discursivas no espaço virtual. Asseveramos, assim, que é preciso “ultrapassar os diversos dualismos: linguístico vs extralinguístico, popular vs científico, real vs Virtual, mente vs. Corpo, humano vs máquina etc.”, como assinalam Costa e Baronas (2021, p. 21).

A partir dos pressupostos de Paveau (2021), contemplamos nas análises desta pesquisa a intrínseca ligação entre as materialidades sujeitas às análises e a maneira como os discursos estão cristalizados e falam a priori, sem nos esquecermos de considerar a sujeição da relação entre linguagem e moral no processo de produção dos sentidos que circulam nos discursos das redes sociais e plataformas digitais, em particular, nesta pesquisa, no *Facebook* e no *YouTube*.

Antes de entrarmos, propriamente, nas análises das regularidades e na ampliação dos novos sentidos dos fios discursivos mostrados na pesquisa, há a necessidade de enfatizarmos alguns conceitos e também termos técnicos pensados e aplicados por Paveau (2021) para atender às necessidades das análises dos discursos digitais e que, conseqüentemente, servem essencialmente para o processo de análise do *corpus* em questão neste estudo. Sendo assim, a primeira e importante acepção diz respeito aos tecnodiscursos, pois eles são importantes para a realização da prática analítica de *corpus* digitais. À luz de Paveau (2021), diremos que os

tecnodiscursos são discursos que nascem da imbricação entre os dispositivos técnicos.

A partir de uma abordagem pecheutiana, com a ampliação para uma análise tecnodiscursiva, percebemos que, além da memória/pré-construídos, das posições ideológicas e das formações discursivas, também os acontecimentos ou determinações técnicas são condicionantes para o funcionamento dos sentidos que circulam nas redes sociais. Diante disso, precisamos compreender o seguinte:

O discurso produzido no espaço digital da web 2.0 deve, portanto, segundo Marie-Anne Paveau, ser abordado enquanto tecnodiscurso, sendo o prefixo *tecno* - não apenas um morfema que busca alterar o sentido do radical, mas uma opção teórica que o modifica, alterando também a episteme tradicional das ciências da linguagem. Falar em tecnodiscurso, tecnopalavra, tecnosigno, tecnogênero do discurso, tecnografismo, entre outros termos, é afirmar que os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, mas que as determinações técnicas coconstroem as formas linguageiras (Costa; Baronas, 2021, p. 22).

No viés abordado acima, Costa e Baronas não propõem, com o uso do termo tecnodiscurso, criar mais uma taxonomia para a teoria da AD; antes, propõem que concebamos a linguagem digital como um objeto complexo em seu funcionamento, e ela inexistente sem a ligação entre sujeito, linguagem, máquina e sociedade. A partir desse pensamento, temos a produção dos discursos via dispositivos técnicos, que Costa e Baronas classificam como: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Esses dispositivos técnicos serão de grande valor para subsidiar as análises feitas nesta pesquisa, uma vez que desafiam a nossa prática enquanto analistas.

A partir dos dispositivos técnicos, estabelecemos outras possibilidades de análises que criam instrumentos que vão de encontro às novas exigências do nosso tempo, ou adaptamos os instrumentos e dispositivos de análises já existentes no âmbito da Análise do Discurso que permeiam os universos discursivos digitais.

Como propomos analisar os discursos mobilizados nas redes sociais *Facebook* e *YouTube* a partir da polêmica dos conteúdos do episódio “RESPONSÁVEL” e do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, não operamos por meio de análises logocêntricas, pois a natureza desse viés não comporta dispositivos técnicos, como, por exemplo, ampliação, composição, imprevisibilidade, entre outros, dos quais fazemos uso para

interpretar e compreender a produção de sentidos concernentes ao objeto da pesquisa.

Vale salientar que os dispositivos técnicos se relacionam com as formas tecnodiscursivas que materializam não somente os fios discursivos, mas, sobretudo, a existência dos discursos no âmago dos dispositivos informáticos e digitais. A referência e a utilização de categorias particulares como tecnopalavras, tecnosigno, tecnodiscurso relatado e tecnogênero de discurso, assim como outros elementos presentes nas análises de objetos discursivos digitais, serão decisivas para a compreensão e interpretação dos sentidos postos em cada comentário, sendo considerados modalidades tecnodiscursivas, que são também formas técnicas com funcionalidade técnica.

Por não operarmos de forma logocêntrica, desconsiderando os Parâmetros Tecnodiscursivos e o ambiente digital, todos os elementos tecnolinguageiros, numa perspectiva ecológica da Análise do Discurso, como pontua Paveau (2021), fazem a diferença e significam, pois um simples ato de filtragem lexical, o metadiscurso sobre os comentários, a observação da carga semântica utilizada nos discursos, os processos de ressignificação por apropriação são essenciais para as análises discursivas empreendidas nesta pesquisa.

Nas análises dos recortes discursivos que abarcam nosso objeto de pesquisa, orientados pela teoria de Paveau, destacamos que tanto o texto verbal, como também os elementos não verbais, materializados nos vídeos e nos comentários veiculados no espaço virtual, até mesmo a própria apresentação gráfica das páginas dos enunciadores dos discursos, bem como o próprio sistema de moderação do *Facebook* e do *YouTube*, constituem elementos a serem observados e considerados, visto que ajudam a estabelecer sentidos.

Consoante os dispositivos técnicos a serem observados e que serão descritos neste capítulo, observamos a constituição das materialidades que corroboram para uma hibridização tecnodiscursiva, que está nos discursos on-line, os quais são, a partir da sua origem, compósitos tecnolinguageiros, nascidos de um ecossistema digital conectado, como aponta Paveau (2021). O fio dos comentários refletem, ressoam e significam acontecimentos discursivos que podem estabelecer e/ou estabelecem corriqueiramente sentidos que promovem em rede social a ciberviolência discursiva. Essa questão também será abordada em alguns recortes do *corpus* analisado. Dessa forma, é indispensável a reflexão de que

Se quisermos dar conta dos discursos nativos da internet, devemos adotar uma perspectiva que vá além da ideia de uma separação entre o linguístico e seus exteriores, sobretudo técnicos, e modificar a concepção de língua para pensa-la como constituída com o outro (Paveau, 2021, p. 119-120).

Na perspectiva apontada anteriormente, compreendemos que todos os elementos tecnolinguageiros são recursos analisáveis, uma vez que ampliam a enunciação e a discursividade. Nossa proposta nesta pesquisa não é “dar conta dos discursos nativos da internet”, como assinala Paveau (2021). Um dos objetivos deste estudo é produzir análises que colaborem para a ampliação das novas perspectivas teóricas que trabalham com os discursos provenientes dos universos digitais. A teoria de Pêcheux tem bases sólidas e deve ser o centro desta pesquisa, contudo deve ser ampliada pelas exigências de conversacionalidade e de recursividade nas quais os discursos atualmente se corporificam com o advento das redes sociais.

Como evidencia Paveau (2021), os textos on-line apresentam um caráter evolutivo e se caracterizam por manifestar instabilidades estruturais e estruturantes. Na verdade, essa instabilidade, essa incompletude e essa opacidade já são conceitos estruturantes na teoria pecheutiana, mas, quando reforçamos essas questões à luz também de Paveau (2021), chamamos atenção para as novas características e a possibilidade de estratégias discursivas que o ambiente virtual permite com os discursos nativos, materializados pelos tecnodiscursos, e propomos a ampliação dos estudos nesse sentido.

Vale salientar que o processo de leitura, composição do *corpus* e interpretação de tais materialidades só é possível, na perspectiva de uma análise ecológica digital, por meio dos observáveis, que “resultam de um dispositivo de observação definido a partir das escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas e constituem a matéria de trabalho do analista” (Paveau, 2021, p. 135).

Como se vê, reiteramos as práticas teóricas e metodológicas do analista do discurso neste capítulo, já tão difundidas por Eni Orlandi em seus trabalhos da teoria em AD, e reafirmamos que

O corpus é constituído por um conjunto de observáveis e não por uma simples coleção de dados. Os observáveis serão situados em seus ambientes discursivos e serão classificados a partir de categorias

linguísticas correspondentes aos objetivos e às hipóteses (Paveau, 2021, p. 136).

Desse modo, os dados languageiros referentes aos discursos provenientes dos comentários postados nas redes sociais são relacionados ao universo feminino e discursivizam a questão dos sentidos postos pelo etarismo. Na perspectiva pós-dualista trabalhada aqui à luz de Paveau (2021), abandonamos a oposição radical entre objetividade e subjetividade. O propósito da análise do discurso praticada nesta pesquisa é operar simultaneamente com a coleta de dados nas telas, sem deixar de lado os conhecimentos práticos e a experiência digital dos analistas do discurso e também a dos internautas – os escreitores, como nos orientam os pressupostos de Paveau (2021).

Até aqui nos situamos um pouco a respeito do embasamento teórico-metodológico que sustenta as análises das regularidades discursivas achadas no *corpus*, como veremos mais adiante através das análises. Como expomos a importância dos dispositivos técnicos para o processo de produção dos discursos digitais, nos cabe explicitá-los e caracterizá-los, pois são suportes para a explicação e compreensão de como os sentidos são produzidos na/pela linguagem, sobremaneira na escrita digital, pela web 2.0.

De certo modo, os discursos digitais nativos, como escreve Paveau, nos fazem repensar novos procedimentos e instrumentos de cunho teórico e metodológico para a área da Análise do Discurso, uma vez que a linguagem se apresenta sob várias facetas e o processo de escrita digital requer novas formas de consideração sobre os elementos tecnolinguageiros. A seguir, mostraremos seis características dos discursos digitais pontuadas por Paveau (2021), as quais recobrem e dão suporte para as análises neste estudo. Vejamos:

- a) Composição – Os discursos que nascem no ambiente digital são chamados de compósitos justamente por se constituírem por uma linguagem material mista, em que se misturam o languageiro e o tecnológico. Há uma fusão entre a própria tecnologia e as palavras que produzem sentidos em rede, que promovem a comunicabilidade, e “Esse tipo de composição tecnolinguageira é desenvolvida por um hibridismo semiótico: os tecnodiscursos podem ser plurissemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagem fixa ou animado, som [...]” (Paveau, 2021, p. 58).

Então, ao considerarmos os discursos digitais nativos como verdadeiros compósitos dotados de significações, temos de considerar o aspecto desses dispositivos de natureza informática porque, de modo indissociável, agregam sentidos e são dotados de ícones interpretativos. É sabido que um discurso impresso tem diferentes funções/sentidos em relação àqueles discursos inscritos ou produzidos nas redes sociais, ou, bem dizendo, no espaço virtual.

- b) Deslinearização: Não há como controlar um fio discursivo seguindo um processo linear de enunciação, uma vez que no ambiente virtual os discursos digitais podem não se desenvolver em um eixo sintagmático no intradiscorso. Isso acontece porque a presença de links hipertextuais podem direcionar o texto fonte e seu leitor para outras postagens, com outros discursos, “em outra janela do navegador e outra situação de enunciação” (Paveau, 2021, p. 58). O fenômeno da deslinearização proporciona, em certa medida, o desdobramento sintagmático do enunciado, que pode afirmar, confirmar ou manifestar uma aceitação do discurso que foi enunciado e/ou se contrapor ao discurso primeiro enunciado. Também pode produzir a polêmica, e, mesmo assim, são mecanismos de conversacionalidade e recursividade que ampliam a enunciação e os significados.
- c) Ampliação: Esta característica dos discursos digitais nativos permite uma conversacionalidade inerente à web social, primordialmente pelos comentários. Aqui nós temos a presença de escritores que se identificam por meio de um perfil, que pode ser ou não subscrito com a sua identidade original, mas, muitas vezes, são enunciadores que criam uma identidade digital com a adoção de formas tecnolinguageiras, com a finalidade de expor seus discursos, sua posição ideológica, sua formação discursiva. Assim, usam o recurso da denominação, e, nos comentários, podemos ver “Os nomes de pessoas modificados, nomes e patronímicos, constituem igualmente indicadores” (Paveau, 2021, p. 217). Dessa maneira, a ampliação é um recurso que se caracteriza como um dispositivo sociotécnico.
- d) Relacionalidade: Este mecanismo permite aos escritores, ou apenas leitores, se interligarem numa teia de relações estabelecidas pelos fios discursivos e pela máquina. Como estabelece a teoria pecheutiana, não há um discurso adâmico, todos somos coprodutores de discursos, somos absorvidos pela influência dos pré-construídos para a existência de “discursos outros”.

Ampliando esse modo de conceber a linguagem/discursos nessa vertente, quando fazemos referência às materialidades nativas digitais, vemos que:

Os discursos digitais nativos estão todos inscritos numa relação: com outros discursos, por causa da reticularidade da web; com os aparelhos, por causa da sua natureza compósita que faz com que os enunciados sejam coproduzidos com a máquina; com os escreitores e os (escri) leitores, que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura) (Paveau, 2021, p. 59).

- e) Investigabilidade: Os discursos digitais nativos são passíveis de rastreabilidade através de ferramentas de busca e de redocumentação. Essas características também ampliam a propagação dos discursos, concorrendo também para a imprevisibilidade, que é o último dispositivo técnico que nos interessa nesta pesquisa e o qual descrevemos a seguir.

Em Paveau (2021, p. 59), também atestamos que a “investigabilidade acontece devido à situação dos metadados: enquanto os metadados dos discursos pré-digitais são exteriores a eles (nos paratextos, por exemplo), os metadados dos discursos digitais nativos lhes são interiores (inscritos no código)”. Confirmamos, a partir dessa pressuposição, que todos os enunciados (discursos) inscritos, no sentido material do termo, no espaço virtual não são esquecidos, funcionando como gatilhos para a produção de novos fios discursivos. Um simples print de tela, compartilhado na web social, pode mobilizar diversos dizeres.

- f) Imprevisibilidade: Nos postulados da AD de linha francesa, sabemos que os discursos são constituídos pela textualização e que são afetados por uma historicidade na língua que nos permite não a totalização dos sentidos, mas possíveis interpretações do objeto dado. Dito assim, através das acepções teóricas de Paveau (2021), se amplia essa noção de incompletude da linguagem, dos discursos, também a questão da *Imprevisibilidade* quando estamos trabalhando com os discursos digitais, pois, estes

[...] são parcialmente produzidos e/ou formatados por programas e algoritmos, fato que os torna imprevisíveis para os enunciados humanos, tanto no plano de sua forma (passando automaticamente de um lugar de enunciação pré-digital a um lugar digital, um enunciado muda de forma), quanto no plano de seu conteúdo (algumas

ferramentas, como os programas, redocumentam os discursos nativos dispersos, criando conteúdos originais) (Paveau, 2021, p. 60).

A partir desses seis dispositivos que auxiliam e balizam a interpretação e a compreensão do *corpus* na tarefa do analista, Paveau (2021) propõe algumas categorias da tecnologia discursiva, tornadas por ela gerais, enfatizando a importância dos tecnodiscursos, da forma tecnolinguageira, do tecnosigno, do tecnodiscurso relatado e também do tecnogênero do discurso, como pontos nodais para a compreensão dos discursos digitais, inscritos e socializados nos espaços virtuais.

2.1.3 Das modalidades tecnodiscursivas e das práticas da violência verbal inscritas nas materialidades discursivas da Web 2.0

Neste tópico, à luz de Orlandi e Pêcheux, reiteramos que não há sentido estanque quando analisamos os discursos materializados nos fios discursivos dos intradiscursos. Ver-se-á que ao longo das análises voltaremos sempre às categorias da AD francesa para compreender e expressar as formas de interpretação das materialidades em análise.

Ademais, ampliamos nossa concepção de análise à medida que decidimos eleger como *corpus* o discurso nativo digital, uma vez que, ao adentrarmos as análises de comentários das redes sociais *Facebook* e *YouTube*, refutamos a ideia de que as materialidades discursivas emanadas da instância institucional são as únicas consideradas discursos no âmbito da AD. Essa consideração é feita por Possenti (2009) ao considerar que os dados de conversação comum, os comentários nas redes sociais, são interessantes materialidades de trabalho para o analista, uma vez que passamos a desbravar as nuances das linguagens/discursos nascidas no meio digital. Sendo assim,

Resumindo, diria que para a AD, qualquer evento de fala deveria poder ser um dado. Afinal, discurso é o que as pessoas dizem [e a história é o que elas fazem (Veyne, 1978)] – não porque se trata de pessoas que dizem simplesmente, mas porque, para dizer, elas estão necessariamente inseridas em situações sociais – às quais se poderia chamar de posições de sujeito. (Possenti, 2009, p. 31).

Dessa forma, com base na concepção de discurso elencada por Possenti (2009), bem como irmanados pela concepção discursiva em AD francesa, nos

referimos como dado muito importante ao discurso nativo digital. Consubstanciados e pautados pela ampliação dos dispositivos analíticos difundidos por Paveau (2021), concordamos que os elementos tecnolinguageiros ganham dimensões de sentidos que podem explicitar processos de uso da linguagem elencados pelos enunciadores que concorrem para a produção dos sentidos. Dessa forma, “O comentário como funcionalidade técnica, o status (no Facebook) ou o Twíte estão nesta perspectiva das formas técnicas; o sexismo. O racismo, a homofobia são os domínios semânticos” (Paveau, 2021, p. 61).

Percebe-se que tanto as formas técnicas quanto os elementos languageiros, com seus domínios semânticos, colaboram para a existência dos múltiplos sentidos da linguagem, que não estão postos a priori, mas significam na perspectiva do escritor. Assim, analisamos o discurso digital numa perspectiva “tecnolinguística de ordem ética”, a qual é relevante no contexto em questão, segundo Paveau (2021), para a instauração do efeito de sentido e para o estabelecimento da polêmica, tão necessária e recorrente na prática da ciberviolência verbal.

Como não podemos nos eximir dessa questão, que é também uma das questões centrais em Análise do Discurso – a questão da ciberviolência verbal –, vemos que Paveau (2021) nos traz alguns Parâmetros Tecnodiscursivos que identificam os discursos no meio digital. Essa questão se faz pertinente porque

Se quisermos evitar, de um lado, as análises desconectadas da realidade (o que concerne à análise do discurso em geral, e não somente à digital) e, de outro, o uso de ferramentas e de teorias pré-digitais para dar conta dos discursos nativos da web nos quais as condições de produção são específicas aos ambientes tecnodiscursivos, deve-se observar os parâmetros da comunicação on-line que marcam os discursos digitais com certas características. (Paveau, 2021, p. 69).

Dito dessa forma, cabe-nos salientar o ponto de inflexão que o pensamento de Paveau demarca como sendo uma novidade no fazer analítico da AD: a associação dos elementos tecnolinguageiros como cruciais para a compreensão das flutuações dos discursos, sem, contudo, perder a essência da finalidade da teoria pecheutiana quando tocamos na relevância dos processos de produção dos sentidos, uma vez que

O *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas

posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (Pêcheux, 2014 [1988], p. 146).

Essa noção de Pêcheux traz em seu cerne a questão dos sentidos materializados pela língua, e, entrelaçando-a às considerações e aos estudos de Paveau, vemos que o campo da teoria do discurso aqui postulada se amplifica, com novas perspectivas trazidas pela análise do discurso digital. Os ambientes tecnodiscursivos se apresentam sob a abordagem de um novo formato da linguagem, numa “dimensão compósita” do fenômeno discursivo, conservando os postulados da AD francesa, mas dando evidência aos Parâmetros Tecnodiscursivos elencados a seguir, sendo o primeiro a ser explicitado o *anonimato-pseudonimato*. Na esteira dessa reflexão, nos atentamos à percepção de que, quando nos referimos às contribuições dos processos discursivos que ampliam os modos de analisar as materialidades em AD, especificamente aquelas que nascem da esfera digital, não temos a intenção de dizer que “descobrimos a roda”, mas que ela gira, é constante e nos impulsiona a ressignificar as práticas de pesquisa e análise em AD, com vistas a enriquecer e mobilizar elementos importantes que se impõem no mundo virtual concernentes à linguagem e às várias formas de produzir sentidos outros, que, como afirma Orlandi, são moventes, opacos e historicizados ao longo do tempo.

Ademais, levantamos reflexões e ampliamos nesta pesquisa os instrumentos analíticos já existentes sobre os recursos que viabilizam o trabalho do pesquisador em AD de origem francesa porque determinados Parâmetros Tecnodiscursivos existentes hoje nos convocam a discutir e pensar em situações em que o sujeito discursivo, o escritor, se utiliza deles, a exemplo do parâmetro tecnodiscursivo *anonimato-pseudonimato*, que é um recurso novo no âmbito das análises para significar a si mesmo, os outros e as “coisas” nas redes sociais.

Ao se referir à questão do anonimato, Paveau (2021, p. 69) salienta que “[...] fora dos espaços da *dark web*, e dos processos de encriptação dos dados e da navegação privada, o anonimato não existe na internet, dado que todo rastro é assinado, pelo menos, pelo endereço de IP do computador utilizado”. E, ainda, a estudiosa mostra que é o pseudonimato que prevalece no espaço virtual. Sendo assim, observamos que esse sujeito discursivo que se apresenta no espaço das redes é complexo, instigante e multifacetado. Nesse contexto, nos cabem muitas indagações sobre: quem é o sujeito que fala? Quais as suas posições ideológicas?

Com quais formações discursivas ele “conversa”? Dessa perspectiva discursiva vemos que o pseudonimato “apresenta um amplo inventário de possibilidades de criação e de gestão de identidades on-line, das mais criativas e luminosas às mais nocivas e sombrias” (Paveau, 2021, p. 69).

Como temos mostrado, por meio da teoria da AD e das análises contidas nesta pesquisa, os Parâmetros Tecnodiscursivos no processo de estudo do *corpus* mobilizam vários conhecimentos tanto do ponto de vista da funcionalidade técnica quanto dos vários domínios semânticos. Essa questão nos leva a conceber a linguagem como multifacetada e produtora de vários sentidos, a depender de onde e de como fala o sujeito discursivo.

Ao longo das análises, veremos um outro parâmetro muito eficiente para a interação virtual e para percebermos como os discursos se textualizam, que é o “efeito de ausência e a cultura do quarto”, como pontua a teoria da análise do discurso digital, promovida por Marie-Anne Paveau. Em relação a esses recursos insurgentes nas redes sociais e seu efeito de sentido na criatividade dos modos de significação, temos que “A comunicação on-line, dado que não implica a pessoa física, produz um efeito de ausência ampliado pelo pseudonimato que determina, então, o tipo de resposta ao ataque verbal, e, por conseguinte, o desenvolvimento das interações verbais” (Paveau, 2021, p. 70).

Dessa forma, o sujeito discursivo pode representar diversas posições ideológicas e também materializar em seu discurso várias formações discursivas. Então, por exemplo, os internautas, em sua posição de escritores, fazem com que os discursos mobilizem vários modos de dizeres frente aos acontecimentos reportados no ambiente tecnodiscursivo.

Se os discursos estão ligados intrinsecamente às condições de produção, como mostra a teoria da AD francesa, outro parâmetro tecnodiscursivo importante para interpretar e compreender o processo de constituição dos sentidos é “o efeito cockpit”, expressão utilizada em suas observações por Paveau. Segundo a estudiosa, esse recurso discursivo foi mobilizado no campo digital por Catherine Blaya (2013) e designa “as condições de produção dos discursos fortemente ligadas ao pseudonimato e ao efeito de ausência que implicam modificações notáveis dos esquemas enunciativos habituais” (2021, p. 71). Percebemos que o sujeito se subjetiva por trás de um “personagem” com o intuito de expressar uma ideia e manter

a conversacionalidade em rede, que está sujeita, também, ao cancelamento, a depender dos lugares e das posições ideológicas de que o sujeito fala.

Analisar o discurso digital nos faz repensar as questões concernentes ao poder, uma vez que as materialidades nativas digitais são controladas e moldadas pela técnica, com a interferência dos algoritmos, de acordo com os interesses muitas vezes das grandes empresas, representadas pelos enunciadores e tendo como foco principal o nicho consumidor dos conteúdos postados numa velocidade cada vez mais incontrolável. Nesse sentido, outro parâmetro relevante é o “deslocamento da relação de poder”, que sempre foi um eixo central no processo discursivo para a geração de sentidos e para a interpelação por meio da ideologia, vista da seguinte forma em Pêcheux: “1) Só há prática através de e sob *uma* ideologia; 2) Só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos, [...]” (2014, p. 135). Logo, Paveau (2021), ao falar sobre o poder, assenta um pensamento que amplia essa percepção para além da análise pré-digital, isso porque: “A questão do poder está no centro da análise do discurso em sua tradição francesa e deve ser considerada pela análise do discurso digital. On-line, os esquemas de análise pré-digital não funcionam mais e é preciso integrar o parâmetro tecnológico” (Paveau, 2021, p. 71).

A partir dessas reflexões, enfocamos que o caminhar desta pesquisa tem em seu seio epistemológico a teoria filiada à AD pecheutiana, contudo, através do *corpus*, abrimos nossa prática analítica para integrar os elementos tecnodiscursivos que surgem com o acontecimento do fenômeno do discurso digital, do discurso em rede, e concebemos a questão do poder como crucial para analisarmos o estatuto do discurso digital, apontando que

On-line, o detentor do poder discursivo é aquele que detém o saber-fazer tecnológico, informático e digital, as práticas de publicação, de difusão, de indexação e de compartilhamento. Recuperando a força do pseudonimato, do efeito de ausência e do efeito cockpit, o locutor digital desloca a relação de poder tradicional dominando os efeitos tecnopragmáticos dos discursos digitais (Paveau, 2021, p. 71)

Vemos, com essa reflexão sobre a relação de poder, que também a posição de onde fala o sujeito é um dado importante, e isso só reforça o que já diz a Análise do Discurso francesa desde os seus primórdios. Esse ponto de inflexão é norteador para o estudo do nosso *corpus*, uma vez que os vídeos veiculados no *YouTube* e no *Facebook*, tanto de Cris Pàz quanto do personagem de Fábio Porchat, vêm de lugares

de privilégio, pois são sujeitos discursivos famosos, brancos, cisgêneros, de classe social alta e que detêm os meios de comunicação e o discurso necessário para representar seus pontos de vista e para a materialização de ideias. Nesse sentido, observemos que “[...] o poder discursivo daquele que detém as competências digitais, para além ou ao lado das primazias sociologicamente mais tradicionais como classe social, o poder econômico, o gênero ou a força física” (Paveau, 2021, p. 71) são observáveis decisivos para a legitimação e a produção dos efeitos de sentido que usam a linguagem verbal e a não verbal para a mobilização de ideias e pensamentos acerca do tema abordado nesta pesquisa, que é a construção de comportamentos e discursos etaristas dentro do universo feminino.

Ao discorrermos sobre os elementos tecnodiscursivos que concorrem para a promoção dos sentidos na/pela linguagem, mostraremos o penúltimo parâmetro tecnodiscursivo, que é a *Inseparabilidade*. Para Paveau (2021), esse parâmetro faz referência aos aparelhos ou suportes numa perspectiva pós-dualista em AD, tendo como foco o discurso digital, isso porque essa perspectiva ecológica do discurso “considera o aparelho como um elemento intrínseco do ambiente e não uma simples ferramenta ‘sobre’ a qual os discursos seriam produzidos, como se eles tivessem uma autonomia” (Paveau, 2021, p. 71).

Com a relevância que os aparelhos ou suportes adquirem para a compreensão do processo de significação dos dizeres, os fios discursivos, quando materializados via tais suportes, adquirem sentidos outros, pois, assim como sujeito e língua estão sob o efeito da historicidade, a interpelação do sujeito por meio da ideologia é crucial também para a mobilização de dizeres x ao invés de dizeres y. Nesse sentido, o estatuto do dispositivo da tecnologia, que coloca em rede os dizeres, também significa, uma vez que o “lugar” de onde falam esses sujeitos e os recursos linguísticos a que recorrem são decisivos para a interpretação e compreensão dos fenômenos languageiros, em que a multimodalidade textual, as hashtags, as curtidas e os hiperlinks dizem muito sobre a mobilização discursiva entre os internautas sobre um determinado assunto.

Os elementos tecnodiscursivos, característicos dos discursos digitais, têm o poder de ampliar e ressignificar as práticas de linguagem, principalmente porque a função de compartilhamento pode viralizar um determinado discurso, tornando-o polêmico no meio digital e até mesmo fora dessa esfera. Isso sem contar que os discursos são controlados, moldados e manipulados pelos algoritmos.

A viralização de um discurso depende inegavelmente dos aparelhos; sendo assim, os compartilhamentos, os sujeitos e os algoritmos são parte da produção dos sentidos produzidos pelos internautas/leitores/escritores, sendo indissociáveis. Nesse contexto, temos o seguinte:

Falamos da inseparabilidade para designar esta ligação obrigatória com o aparelho, que é mais crucial para os jovens e adolescentes. (Walrave et al., 2009:16). No plano discursivo, isto quer dizer que os discursos de ciberassédio não podem ser evitados, o que lhes dá um traço prescritivo inédito, que deve ser incluído em sua descrição tecnodiscursiva (Paveau, 2021, p. 72).

Para concluir esta parte sobre os Parâmetros Tecnodiscursivos no ambiente digital, explicitaremos agora a “*viralidade*”, que, conforme Paveau (2021), está associada aos subparâmetros da quantidade de emissores e receptores e à velocidade da propagação dos discursos em rede. Sendo assim,

Da parte da emissão, o número de internautas presentes ao mesmo tempo em uma rede pode atingir um estado de “tempestade virtual” on-line, os ataques sendo nutridos pela multiplicidade de participantes. A própria natureza da produção tecnodiscursiva é afetada por isso e se torna difícil tratar os enunciados de maneira logocêntrica, descrevendo-os sob o ângulo do interdiscurso, sem considerar sua viralidade, que tem consequências pragmáticas importantes (Paveau, 2021, p. 72).

Por fim, para finalizar este subtópico sobre a questão dos Parâmetros Tecnodiscursivos e as práticas discursivas que podem produzir a materialização na linguagem da ciberviolência verbal, é necessário enfatizar que, ao contrário de uma análise dos discursos pré-digitais, em muitas ocasiões o sujeito discursivo se esconde através do pseudonimato, uma estratégia tecnodiscursiva muito comum na internet. Acerca desse aspecto, Pêcheux aponta que

[...] a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos etc., e as noções de *asserção* e *enunciação* estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante (2014, p. 159).

Na conjuntura dos discursos pré-digitais, essa acepção de Pêcheux possui muita significância, mas, em se tratando do discurso digital, abriremos um parêntese em virtude de que, quando o sujeito apela ao disfarce, escolhendo a forma tecnodiscursiva do anonimato, embora os processos de rastreabilidade possam identificar, por exemplo, o autor de um discurso agressivo, de ódio, através do anonimato o sujeito discursivo não assume sua posição de sujeito falante, pode até mesmo simular diversas identidades no espaço virtual, podendo diferir da sua posição-sujeito da vida real. De acordo com Paveau, essa projeção de sujeito que o enunciador performa no ambiente virtual produz inúmeros sentidos discursivos, muitos deles até nocivos no ambiente digital.

2.1.4 Das modalidades tecnodiscursivas e dos efeitos de sentido materializados pelas respostas tecnodiscursivas nas redes sociais fonte desta pesquisa

Embora o discurso humorístico tenha liberdade de expressão para satirizar e produzir sentidos discursivos no arcabouço da arte, impulsionando muitas vezes a reflexão crítica nos espaços discursivos, observamos, pelas análises dos comentários dos internautas do *Facebook* e do *YouTube*, que o vídeo “RESPONSÁVEL” se tornou polêmico, e muitos comentários acusativos sobre o fato de que o humorista Porchat estava praticando através da linguagem o etarismo tomaram conta das redes sociais. Muitos escritores reagiram de forma incisiva ao discurso do vídeo e, sem separar a figura do artista e humorista da vida privada do comediante Porchat, mobilizaram vários discursos, inclusive de ódio, contra o humorista, via postagens na rede social da influenciadora Cris Pàs.

Por outro lado, nas análises desta pesquisa, encontramos também comentários machistas e etaristas dos internautas que foram interpelados pelas formações discursivas dos dizeres materializados pelo personagem do humorista Fábio Porchat em contraposição ao discurso de Cris Pàs.

Diante dos comentários que geraram efeitos de sentido por conta dos dois vídeos, concordamos com Paveau (2021) ao defender que “É cada vez mais necessário abordar as respostas tecnodiscursivas aos discursos violentos e agressivos que on-line são visíveis devido à publicidade e à investigabilidade das interações” (2021, p. 73). Diríamos mais: faz-se necessário mostrar como os discursos são naturalizados, controlados ou reafirmados no ambiente social da internet.

Como mostra Paveau, a internet é um compósito tecnodiscursivo que expõe os internautas e promove também a reflexão sobre assuntos polêmicos. Nesse dispositivo encontramos discursos de toda ordem, como conselhos, guias e recomendações das mais variadas formas. No entanto, “Um primeiro tipo de resposta às mensagens de ódio on-line é a resposta explícita, que poderá, frequentemente, desencadear uma discussão mais ou menos longa e mais ou menos violenta entre dois ou vários internautas” (Paveau, 2021, p. 73).

É o que acontece no caso desta pesquisa: um vídeo “aparentemente divertido”, circunscrito ao campo do humor, gerou discursos outros, de várias formações discursivas. Portanto, elencaremos alguns tipos de respostas tecnodiscursivas inerentes à interação virtual, aqui reservadas para tratar da polêmica gerada em torno do etarismo. Vale ressaltar que Paveau, em sua obra *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*, elenca como importantes sete respostas tecnodiscursivas, a saber: 1. Flame Wars, Shitstorms e Tweetclashis; 2. Silêncio, Bloqueio, Ocultação, Banimento; 3. A Moderação, uma Metadiscursividade; 4. Denúncia, Outing, Publicação; 5. Ressignificação e Desarmamento; 6. Reversão Axiológica Automática e 7. Selos e Logotipos.

Como na AD francesa o *corpus* é quem define os procedimentos analíticos da pesquisa, destacamos que nem todas as respostas tecnodiscursivas acima serão encontradas nas análises. Portanto, explicitaremos e denominaremos as utilizadas para explicar e compreender o funcionamento discursivo dos sentidos das materialidades apresentadas. Tendo isso em vista, descrevemos a seguir a primeira delas, que é:

1. Flame Wars, Shitstorms e Tweetclashis – esta estratégia discursiva é encontrada costumeiramente nos “debates virtuais” sobre um determinado assunto em que os dizeres materializados através dos comentários podem gerar uma série de sentidos, essencialmente discursos que provocam e possuem uma carga semântica que leva a discussões fervorosas na rede. Paveau (2021, p. 73) salienta:

Existem várias denominações para esse tipo de interação on-line, da ordem do familiar ou da gíria. A mais antiga, *flame war*, literalmente “guerra de mensagens incendiárias”, pertence a uma família lexical que apareceu desde os inícios da internet (começo dos anos 1990), construída em torno de *flame* (chama), que designa uma agressão verbal violenta, frequentemente fundada em ataques pessoais : o

flaming designa a prática da agressão verbal em um fórum ou um site, frequentemente em um contexto argumentativo: o *flamebait* é um artigo ou mensagem agressiva destinada a deflagrar uma *flame war* (*bait* significa “isca”; o *flamer*, literalmente “incendiário”, é o autor da mensagem).

Vale pontuar, segundo Paveau, que tais estratégias tecnodiscursivas no âmbito da Web 1.0 têm sido usadas com menos intensidade na internet, pois esses termos têm sido substituídos por outros, a depender dos contextos da Web. Sendo assim, “um *tweetclash* é uma discussão no Twitter, e o termo genérico *shitstorm* designa frequentemente as discussões nas mídias sociais. [...] Em todo caso, a resposta verbal à ciberviolência desencadeia a discussão” (Paveau, 2021, p. 73).

2. Silêncio, Bloqueio, Ocultação, Banimento – esta resposta tecnodiscursiva traz para o âmbito da AD uma série de questões e implicações sobre a discursividade e a produção dos sentidos, pois, como nos fala Orlandi (2012), o silêncio significa e é uma estratégia que produz sentidos outros. Paveau coloca a questão do silêncio, do bloqueio, da ocultação e do banimento como sendo o oposto da *Flame Wars*, dos *Shitstorms* e dos *Tweetclashes*, citados anteriormente. Para a autora,

Uma outra resposta pode ser o inverso: o silêncio. Uma antiga lei da internet, “não alimente o troll”, aconselha não nutrir os *haters*/odiadores e permanecer em silêncio diante de qualquer tentativa de *flaming*. O internauta dispõe de vários procedimentos: o silêncio, mas também o bloqueio, a ocultação e o banimento, que são ferramentas tecnodiscursivas por excelência (Paveau, 2021, p. 74).

A partir dessa ideia, vemos que os discursos são controlados e/ou moldados por meio das estratégias também do silêncio, da interdição da palavra e, principalmente, pelos procedimentos técnicos que podem ocultar outras possibilidades de sentido em rede. Com relação a isso, também observamos que “A plataforma Facebook propõe igualmente uma gama de restrições de conteúdos que ela chama de ‘tomar distância’: aqui, ainda, as ferramentas técnicas produzem discurso implícito que modela as relações sociais” (Paveau, 2021, p. 75).

Conforme Paveau (2021), os procedimentos de o usuário se manter em silêncio, de bloquear sujeitos ou de ocultar são acessíveis aos internautas, e sem responsabilidade particular. Vale ressaltar também que “[...] o administrador ou o moderador de um fórum, de uma lista de discussão ou de uma simples página de

Facebook tem acesso a um outro procedimento ligado ao silêncio: o banimento” (Paveau, 2021, p. 76). E, ainda, nas palavras dessa estudiosa, esse mecanismo de bloquear um determinado usuário na fonte impede o internauta de acessar as atividades discursivas de um coletivo on-line.

3. O procedimento da moderação, uma metadiscursividade

Paveau (2021) nota que os comentários – que são recortes discursivos tomados pelos analistas como objeto de estudo – postados em redes sociais e em outros ambientes digitais são tidos como materiais fáceis de coletar e de observar. No entanto, “Sua moderação, que constitui uma forma menos acessível de discursividade, é, por isso, amplamente ignorada pelos trabalhos sobre o digital” (Paveau, 2021, p. 77). Visto desse ângulo, percebemos que o próprio processo de moderação é um procedimento que significa ao analisarmos o funcionamento discursivo dos sentidos no espaço digital.

Ainda para Paveau (2021), a moderação se constitui num gesto tecnodiscursivo de extrema relevância para a natureza dos comentários on-line, isso porque esse processo, por meio até mesmo de um sistema de bloqueio automático, a partir de um sistema de filtragem lexical, seleciona e faz determinados comentários existirem ou não em detrimento de outros. Dessa maneira, compreendemos que

A moderação dos comentários constitui uma metadiscursividade na medida em que os enunciados primeiros, os comentários postados pelos internautas, são objeto de três operações: leitura, avaliação e decisão de validar ou excluir. Após essas operações, quando os comentários são finalmente postados, eles adquirem então um status de enunciados segundos ou mediados. A moderação dos conteúdos é, portanto, uma atividade, ao mesmo tempo, tecnológica, discursiva e cognitiva. Ela é tratada no quadro da ciberviolência verbal porque, como explica uma moderadora de sites de imprensa, a maioria dos comentários postados on-line provém de um discurso de ódio (Paveau, 2021, p. 77).

Quando abordamos sobre o procedimento da moderação, intencionamos problematizar que há a possibilidade de os sentidos instituídos pelos discursos nas redes sociais serem outros. Queremos mostrar também que os discursos sofrem constantemente interdição e silenciamento. Por isso, o discurso digital nativo é complexo, imprevisível e reverbera ao sabor da variabilidade.

Paveau (2021) atesta que os comentários podem ser moderados de duas formas: a priori ou a posteriori. A primeira forma é a mais usada, pois acontece antes

de o comentário se tornar público em rede. Os comentários passam por um processo de filtragem, em que são verificados e aprovados de acordo com os critérios e regras estabelecidos pelo site, pela plataforma ou pela rede social. Tais critérios se baseiam numa ética do discurso, e, sendo assim, vemos que “os moderadores se tornam os segundos produtores dos discursos de comentários” (Paveau, 2021, p. 78).

Para explicitar a moderação a posteriori, evocamos novamente as palavras de Paveau (2021), que destaca que esse procedimento requer uma troca de sentidos após a publicação do comentário em rede. É uma espécie de atividade metainteracional, e, segundo a autora, é a mais recorrente, sendo uma atividade interacional que “envolve mais os autores dos artigos” (Paveau, 2021, p. 79). Pode ser implícita, envolvendo o ato da leitura, interpretação e validação do moderador. Pode ser também explícita à medida que o autor-moderador dá o *feedback* a uma determinada pergunta dentro de um comentário em rede.

Das duas formas de procedimentos de moderação, atestamos, com base em Paveau, que “A moderação a *priori* aparece, frequentemente, como redutora da liberdade de expressão, até como uma forma de censura, sendo a moderação a posteriori mais considerada como asseguradora de mais democracia” (2021, p. 78-79).

4. As respostas tecnodiscursivas de Denúncia, Outing e Publicação

É comum haver, numa interação virtual em redes sociais, discursos polêmicos que geram diversos comentários, e, dependendo das estratégias discursivas mobilizadas pelos internautas, pode haver discursos de cunho violento, de ódio. Com base nessa proposição, surgiu um procedimento, que é uma outra forma de resposta tecnodiscursiva que produz sentidos e pode afetar os sujeitos direta ou indiretamente ligados ao ambiente em rede.

Para Paveau (2021, p. 83), esse tipo de resposta

[...] é a colocação da ciberviolência verbal em evidência pública ou institucional, a fim de desencadear uma sanção ou reação desse tipo. É, então, uma forma de denúncia virtuosa que tem, on-line, várias formas nativas: apontar um conteúdo violento pode ser feito por meio da denúncia, do *outing* ou da exposição pública.

De acordo com a autora, a denúncia é um gesto tecnodiscursivo que faz uso de um dispositivo pré-instalado que identifica um conteúdo questionável do ponto de

vista moral e jurídico. Esse dispositivo está instalado nos sites e nas plataformas sociais. Ainda segundo Paveau:

A denúncia consiste em duas operações: um clique na função denúncia e um segundo clique explicativo. No Facebook, por exemplo, a frase de instrução *Denunciar a publicação*, que aparece no menu suspenso de uma publicação e leva a uma janela que oferece três opções ao internauta: 1) “É chato ou desinteressante”; 2) “Eu acho que isso não devia estar no Facebook”; 3) “É conteúdo indesejado” (2021, p. 83).

Nesse contexto em que surgem os discursos virtuais nativos, também temos o *Outing*, que é um termo usado nas redes com conotação sócio-sexual, como esclarece Paveau (2021). Ainda em se tratando desse termo, essa estratégia consiste em revelar, ao público, a orientação sexual de uma pessoa pública, sem que ela dê consentimento. Trata-se de uma invasão de privacidade alheia. Sendo assim, Paveau (2021, p. 88) evidencia:

O outing, que se baseia na publicação de uma informação tornada confidencial pelo dispositivo tecnodiscursivo do pseudonimato da web, decorre, como a denúncia, de um verdadeiro tecnogênero de discurso, cuja existência depende da dimensão tecnológica dos discursos.

É evidente que as estratégias tecnodiscursivas até aqui destacadas produzem efeitos de sentido com base nas formações ideológicas de cada escritor, ou somente o leitor, não obstante até mesmo a técnica de pseudonimato. É por isso que uma das características dos tecnodiscursos é a imprevisibilidade em relação à movimentação de sentidos de acordo com as estratégias discursivas mobilizadas pelos sujeitos.

Uma outra resposta tecnodiscursiva que devemos considerar na análise em rede é a Exposição Pública, como mencionado anteriormente. Conforme Paveau (2021, p. 88), ela é “O último tipo de resposta que envolve a publicação e a publicidade: o que pode ser chamado de exposição pública de conteúdos violentos e ofensivos”. Pode ser que nas nossas análises apareça com menos frequência o discurso de violência, mas os discursos de caráter ofensivo são recorrentes entre os sujeitos internautas.

5. O processo de resignificação e desarmamento

De acordo com Paveau (2021), a ressignificação trata-se de um mecanismo léxico-discursivo que assume uma (de)nominação de caráter insultuoso; é como se o sujeito tomasse para si a caracterização, o estereótipo ou o estigma, fazendo dele um símbolo de identidade, se apropriando do artifício discursivo para combater os discursos agressivos. Dessa forma,

On-line, os dispositivos tecno e sociodiscursivos permitem criar procedimentos de ressignificação que, às vezes, até levam a uma compensação: o insulto ou a agressão acabam sendo benéficos, no sentido econômico da palavra, para os insultados e agredidos. Multiplicaram-se, nos últimos anos, os exemplos de internautas que inverteram os efeitos de tais abusos, de forma criativa e compensadora (Paveau, 2021, p. 89-90).

A partir da citação acima, depreendemos que o insulto, a provocação on-line, pode ser revertido favoravelmente em relação ao sujeito que sofre a ofensa. Para que o discurso mobilizado pelo interlocutor a quem se destina a mensagem obtenha os efeitos de sentido a seu favor, será preciso mobilizar a estratégia de ressignificação e desarmamento a partir de traços linguísticos que materializam o efeito de sentido contrário.

Embora Paveau destaque sete respostas tecnodiscursivas comuns aos tecnodiscursos, ficaremos, neste estudo, focados nessas cinco, uma vez que tanto a Reversão Axiológica Automática (6) quanto os Selos e Logotipos (7) não foram explorados nas análises referidas neste trabalho de pesquisa.

3 CONSTRUÇÃO DISCURSIVA SOBRE O FEMINISMO: UMA BREVE ATUALIZAÇÃO DOS ACONTECIMENTOS

Analisar os sentidos postos e estabelecidos por narrativas circunscritas ao universo feminino perpassa a historicização a respeito do papel da mulher na sociedade. Nesse aspecto, cumpre-nos ressaltar que as diversas teorias, de ordem filosófica, histórica, antropológica, sociológica, entre outras, têm um peso marcante na significação e subjetivação do objeto analítico em questão: a mulher – historicizada e significada no espaço virtual e social pelas tomadas de posições discursivas. Assim, vemos que “O trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto (e a da língua na ideologia). Isso corresponde a saber como o discurso se textualiza” (Orlandi, 2015, p. 70).

A partir do processo analítico-discursivo sobre como a linguagem se textualiza e significa, devemos analisar como as ideologias, impostas pelas relações de poder e de gênero, cristalizam e/ou desmistificam os padrões relacionados ao “ser” feminino, ao sabor do caráter histórico, ideológico e político dos dizeres, estabelecendo, por meio da linguagem, o processo de subjetivação das vozes e a construção discursiva das emoções nos espaços de poder que se estabelecem na sociedade, principalmente nas plataformas digitais, rompendo a linha tênue entre o tempo, o lugar e os sentidos.

Sabendo que as narrativas femininas foram, durante muito tempo, comumente contadas a partir do olhar ou ponto de vista do sujeito masculino, Michelle Perrot (2019), em seu livro *Minha História das Mulheres*, traz à baila que, por muito tempo, historicizar o sujeito feminino constituiu uma tarefa difícil, uma vez que o papel da mulher em sociedade era, e pensamos que ainda o é, frequentemente apagado a partir de seus vestígios e arquivos deletados. Fatos ocorridos no âmbito da língua atestam e reforçam um apagamento desse sujeito, tendo em vista que havia uma ausência de registros sobre a vida das mulheres, evidenciando um certo silenciamento do discurso feminino. Dessa forma, podemos ver que, no passado, até “A gramática contribuiu para isso. Quando há misturas de gêneros, usa-se o masculino plural: *eles* dissimula *elas*” (Perrot, 2019, p. 21). Essa falta de fonte a respeito das narrativas da existência concreta e da história singular das mulheres é contraposta da seguinte maneira:

Em compensação existe uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas viam ou sentiam (Perrot, 2019, p. 22).

A referência a essa abundância de narrativas sobre o sujeito feminino contada sob o olhar masculino é lembrada porque nesta pesquisa vamos evidenciar ao longo das análises que essa perspectiva vem sendo atualizada, tornando as mulheres protagonistas das suas próprias histórias. Antes havia um silenciamento que significava, com a ausência dos discursos dessas mulheres, seja em formatos e arquivos físicos, digitais ou virtuais; hoje, com o uso cada vez maior de plataformas virtuais e redes sociais – que são arquivos de memórias produzidas pelo sujeito feminino, engendrados pelos processos de enunciação –, vemos emergir uma nova ordem discursiva que põe em pauta sentidos antes silenciados. À luz de Fontana e Ferrari (2017), vemos que as formas como esses sujeitos enunciam mobilizam dispositivos que subjetivam e performam os discursos, demarcando batalhas discursivas e um engajamento social. Sobre isso, Fontana e Ferrari (2017, p. 14-15) defendem que

É a partir desses lugares de enunciação, considerados como uma dimensão da posição-sujeito e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, que se instauram as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência.

As redes sociais ganharam terreno, transformando-se em veículos de circulação de sentidos. Com isso, tanto o *Facebook* quanto a plataforma *YouTube*, e demais redes sociais, permitem que seus usuários discurssem de maneira histórica, ideológica e política, numa tentativa de criar um espaço profícuo de estabelecimento de discursos que interpelam e fortalecem determinados pensamentos sobre o significado do empoderamento feminino. Portanto, vale olhar com atenção para os acontecimentos das últimas décadas, que têm possibilitado às mulheres avançarem contra a política do silenciamento, empreendida, sobretudo, pelo pensamento patriarcal com a chancela de políticas governamentais que fortalecem uma sociedade cada vez mais enviesada e atrelada à supremacia masculina.

Os movimentos feministas, com toda a heterogeneidade de pautas, certamente contribuíram para uma maior liberdade de expressão do sujeito feminino. Se, antes,

como afirmara Perrot (2019), os discursos e as imagens cobriam as mulheres, as escondendo numa vasta e espessa capa, hoje essa sociedade midiaticizada, por meio dos discursos feministas, quebra silêncios e estereótipos, irrompendo uma nova forma de subjetivação desse ser.

Se, antes, as mulheres eram essencialmente narrativizadas por meio de cartas, romances, tematizando os espaços do convento, ou dos lares, onde a educação das mulheres era moldada a fim de manter um determinado padrão de família, de comportamento, atualmente, com o advento da escolarização cada vez mais forte, há uma certa emancipação discursiva, de significado também político, que circula freneticamente nas redes sociais.

Como aponta Perrot (2019, p. 93), “Ao longo do século XIX, reitera-se a afirmação de que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre as portas perigosas do imaginário. Uma mulher culta não é uma mulher”. Essa acepção, certa feita, de cunho misógino, no século XXI é fortemente contraposta, uma vez que há um movimento escancarado de desidentificação e contraidentificação desse tipo de discurso, o qual será demonstrado nas análises discursivas presentes nesta pesquisa.

3.1 As condições de produção dos discursos analisados

Na teoria discursiva que embasa esta pesquisa, dizemos que o *corpus* está circunscrito e consubstanciado pelas condições de produção, as quais possibilitam a materialização dos sentidos. Diante disso, o objetivo primordial do analista é descrever o funcionamento da materialidade linguística nos fios discursivos para, assim, explicitar os mecanismos e os processos de significação que vão se textualizando em meio à discursividade (Orlandi, 2012). Por essa razão, cabe-nos localizar os discursos no contexto dos anos de 2021 e 2022, época em que não só o Brasil, mas toda esfera global, atravessava um momento de crise econômica, política e sanitária – em parte causada pelo surgimento da pandemia de Covid-19.

Os sentidos produzidos nos vídeos 1 e 2 perpassam condições histórico-sociais e políticas atreladas ao curso de um governo bolsonarista, desde 2018, e as produções discursivas que emergem na mídia digital também são afetadas pelo surgimento da Covid-19, considerada, a princípio, como casos de pneumonia em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, e, posteriormente, de acordo com

a OMS, em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi considerada uma pandemia. No Brasil, de acordo com um artigo sobre a evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020, publicado por estudiosos ligados à Universidade do Rio de Janeiro e ao Ministério da Saúde, os primeiros casos foram notificados no mês de fevereiro, mas, já no dia 3 desse mesmo mês, o país declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), e, “Em um cenário com mais de 110 mil casos distribuídos em 114 países, a OMS decretou a pandemia no dia 11 de março de 2020” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 2). É nessa atmosfera de crise global, econômica e política que os fios discursivos são interpretados e analisados nesta pesquisa. Nesse cenário, conforme Werneck e Carvalho,

A pandemia de covid-19 encontra a população brasileira em situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego e cortes profundos nas políticas sociais. Ao longo dos últimos anos, especialmente após a aprovação da *Emenda Constitucional nº 95*, que impõe radical teto de gastos públicos e com as políticas econômicas implantadas pelo atual governo, há um crescente e intenso estrangulamento dos investimentos em saúde e pesquisa no Brasil. É justamente nesses momentos de crise que a sociedade percebe a importância para um país de um sistema de ciência e tecnologia forte e de um sistema único de saúde que garanta o direito universal à saúde (2020, p. 3).

Então, a partir da ascensão de Jair Messias Bolsonaro ao poder, em 2018, vemos a ultradireita delinear novos rumos ideológicos para a política do país, e isso se refletirá, dois anos depois, à época da eclosão da pandemia, nos discursos sobre a pandemia, que materializam uma concepção conservadora negacionista e com severos ataques à ciência e às estratégias de mitigação do espalhamento da Covid-19, pautadas nos dogmas neoliberais, colocando a economia em primeiro plano, mesmo a despeito da perda de muitas vidas em todo o planeta por conta da contaminação pelo vírus SARS-CoV-2.

Assim, a partir das materialidades geradoras dos discursos em questão, avançaremos no propósito de descrever e analisar o *corpus*, tomando como pressupostos simbólicos as interpretações dos sentidos de dois vídeos, das sequências discursivas (SDs) e das imagens que foram selecionadas.

3.1.1 O vídeo “RESPONSÁVEL”

Figura 1: Vídeo “RESPONSÁVEL”



RESPONSÁVEL

711 mil visualizações · há 1 ano



Porta dos Fundos

Mais um grupo de Zap? Não, não e não. Tá esperando à toa. Não interessa, você não é igual a todo mundo. Quem tá lá?

Legendas

Fonte:

https://i.ytimg.com/an_webp/E2pSmNUhkfQ/mqdefault_6s.webp?du=3000&sqp=CMDurZwG&rs=AO4CLAUXFjOK0Qj_TuCGkHX5Aq-IBov0g

Na imagem do episódio “RESPONSÁVEL”, protagonizado pelo humorista do grupo Porta dos Fundos Fábio Porchat, o discurso polêmico gira em torno das *fake news*, que, segundo o autor, são espalhadas pelas “tias do *WhatsApp*”, pessoas idosas que disseminam informações falsas sem saber a veracidade delas, isso num tempo em que a Covid-19 e o discurso negacionista imperavam e a desinformação atrapalhava no sentido de inviabilizar o tratamento da doença.

Alguns elementos discursivos são imprescindíveis numa análise preliminar, pois categorizam domínios semânticos que corroboram a produção dos sentidos referentes ao etarismo relacionado ao sujeito mulher no espaço virtual, repercutindo, também, na realidade desses sujeitos no convívio social.

De antemão, o vocábulo RESPONSÁVEL, em letras garrafais, tem como um dos objetivos chamar atenção para as mulheres mães de 57 anos de idade, o que, nos sentidos materializados pelo vídeo, mesmo que esteja na esfera do discurso de humor, passa a ideia de que as mulheres nessa faixa etária não conseguem viver sem supervisão de uma pessoa jovem para adentrar o mundo virtual. Podemos atestar isso na SD ao lado da figura 1: “Mais um grupo de Zap? Não, não e não. Tá esperando à toa. Não interessa, você não é igual a todo mundo. Quem tá lá?”.

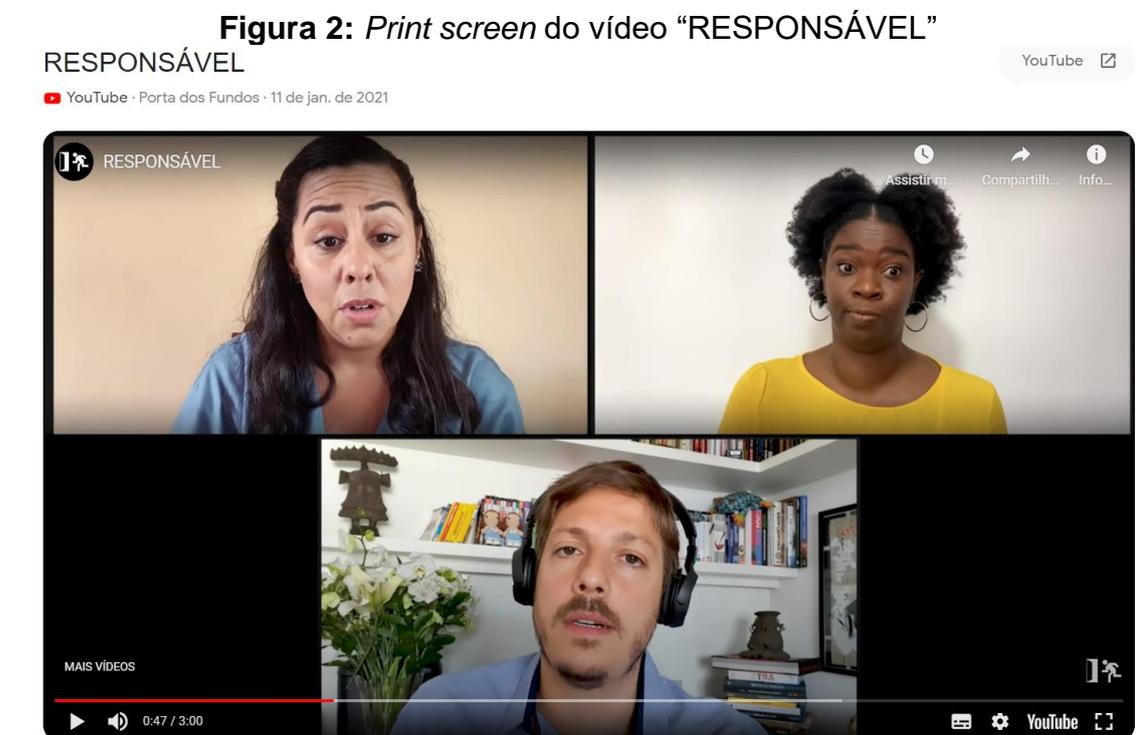
Através dos dispositivos de filtragem lexical da materialidade descrita a seguir, atestamos que as falas das interlocutoras do diálogo do episódio “RESPONSÁVEL” também trazem elementos discursivos que polemizam a questão do etarismo, como vemos nas seguintes SDs:

“Fernando, desculpa. Deixa eu... você larga a tua mãe sozinha no celular?”

“Exatamente. Nessa idade que é muito perigoso largar o celular na mão deles, sabe? Você não sabe o que ela está acessando. Pode estar recebendo fake news aí de um estranho.”

“Fernando... pelo amor de Deus, Fernando. Você está estragando tua mãe...”

A imagem da cena do episódio “RESPONSÁVEL”, em que aparecem os atores em cena, também significa no contexto discursivo em questão. Vejamos:



Fonte: <https://youtu.be/E2pSmNUhkfQ>.

A partir das SDs mostradas na imagem 2, percebe-se que o sujeito feminino que já passou dos 50 anos é tratado de forma infantilizada pelos interlocutores das SDs, e o que mais chama atenção é que o etarismo sofrido pela mãe do personagem, uma senhora de 57 anos, parte também de sujeitos do sexo feminino.

Como assinala Marie-Anne Paveau (2021), os discursos pertencentes ao ambiente virtual são uma espécie de ecossistema digital conectado; com isso, é impossível a apreensão total dos sentidos, visto que estão sujeitos à interferência de vários elementos tecnolinguageiros. E, nesse contexto, muitos elementos de ordem prosódica, como pausas, preenchimentos, gestos e articulações, nos processos de

comunicação não estão sendo considerados em sua totalidade, uma vez que eles não constituem o objetivo primordial das análises. Aqui enveredamos pelas análises do discurso digital, à luz da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, para mobilizar a ideia de que os sentidos dos formatos discursivos, além de inapreensíveis em sua totalidade, requerem uma nova postura por parte de nós analistas, na medida em que a força dos elementos tecnodiscursivos complexifica ainda mais a interpretação dos dizeres que circulam nos ambientes virtuais.

Em contrapartida, no congelamento da imagem 2, podemos apreender a cara de espanto e de reprovação das interlocutoras pelo fato de Fernando, protagonista do vídeo, ter deixado sua mãe sozinha usando o celular. Vale frisar que os gestos das interlocutoras, e também do personagem Fernando, encenam uma situação de reprovação e julgamento por parte dos sujeitos mulheres, que reprovam a atitude de Fernando na cena.

Apesar de as duas mulheres na cena do vídeo da imagem 2 se posicionarem, a elas não são atribuídos nomes, diferentemente da mãe de Fernando, que é nominada como Dona Isabela, mas é considerada pelos sujeitos da interação uma pessoa sem condições alguma de gerir sua vida. Além disso, também é retratada de forma infantilizada, fato que gera e mobiliza diversos dizeres nas redes sociais.

Outras estratégias discursivas dos enunciadores do vídeo também são elementos importantes para que possamos interpretar tais discursos como produções de sentidos languageiras que reforçam e estereotipam o sujeito feminino com a prática discursiva do etarismo, do machismo e da subjugação do sexo feminino aos padrões impostos pela sociedade conservadora e neoliberal.

Certamente, o vídeo em questão é ponto de partida para questionarmos o poder que a linguagem discursiva tem no espaço social, e o humor, por não se preocupar com o “politicamente correto”, cumpre a função de despertar nos sujeitos inúmeras interpretações a favor das ou contra as ideologias impostas pela sociedade. E não é só isso que podemos ressaltar com relação à produção discursiva do vídeo em questão: notemos também que tais materialidades não estão alijadas das questões históricas, políticas e ideológicas de determinado tempo, e essa consideração se faz essencial no campo da Análise do Discurso de linha francesa. Vejamos a seguir elementos cruciais para a interpretação das considerações firmadas nesta pesquisa:

“Fernando, olha, eu não acho fofo, não. Acho perigoso, tá? Uma amiga minha deixava a mãe dela mexendo nesse negócio de zap aí. Depois ela saiu espalhando pra todo mundo que, lá em Minas Gerais, enterravam caixão vazio.”

Figura 3: Caixaão vazio



Foto de 2017 foi feita em São Carlos-SP

Imagem: Divulgação/Milton Rogério/São Carlos Agora

Fonte: https://conteudo.imguol.com.br/c/noticias/fe/2020/05/04/foto-de-2017-exumacao-de-corpo-em-sao-carlos-encontra-saco-de-serragem-em-vez-de-corpo-1588611001524_v2_750x421.png.webp.

A imagem 3 representa uma situação verdadeira, contudo é do ano de 2017, e foi retirada de uma reportagem que tratava de uma matéria sobre golpe de seguro de vida. Imagens como essas foram reformuladas no contexto da pandemia, em forma de *fake news*, e espalhadas nos grupos de *WhatsApp* de muitas cidades a fim de confundir a população brasileira sobre a gravidade da mortalidade provocada pela Covid-19 no Brasil, em 2020, quando o ex-Presidente Jair Bolsonaro afirmara ser apenas “uma gripezinha”. *Fake news* como essa faziam com que as pessoas procurassem tratamentos alternativos, como o uso da cloroquina e de remédios caseiros, aumentando, com isso, o índice de mortalidade pela doença.

Mais uma vez os discursos do vídeo “RESPONSÁVEL” parafraseiam a realidade desse período da história do Brasil, e a memória discursiva entra em cena e restabelece implícitos, ou seja, os pré-construídos, como pontua Pêcheux (2015).

Vemos que as estratégias discursivas dos sujeitos do vídeo “RESPONSÁVEL” levantam vários questionamentos sobre a sociedade da era da “informação” na qual

estamos inseridos. Com base em todas essas questões de ordem discursiva, política e histórica, a finalidade do vídeo em questão seria apenas espalhar e reforçar o etarismo no espaço social?

O que de fato notamos é que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]” (Pêcheux, 2015, p. 53). Desta feita, ainda nos embasando em Pêcheux, depreendemos que os comentários que de início mobilizavam os sentidos do etarismo foram se deslocando através dos comentários em rede social, abrangendo e incorporando vários outros sentidos, isso porque “Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (Pêcheux, 2015, p. 53).

Notemos que há questões bastante pertinentes, de ordem social, que estão latentes nos discursos analisados. Como exemplo, temos a questão dos malefícios que as *fake news* podem acarretar para a sociedade; vemos também a questão do negacionismo perante as instituições de pesquisa; temos ainda a polarização do país em direita versus esquerda; trata também do machismo estrutural e da condição do sujeito feminino perante a sociedade contemporânea, entre outras temáticas que ultrapassam qualquer perspectiva definitiva sobre o poder da linguagem e seus efeitos de sentido no mundo e na vida das pessoas.

Os sentidos são moventes, e somente à luz dos contextos imediatos e históricos é que podemos apreender sentidos possíveis. Portanto, passemos a mais uma análise dos dizeres de uma das interlocutoras do vídeo “RESPONSÁVEL” que reflete e conversa com um meme surgido nas redes sociais, instituído de sentidos políticos e ideológicos no espaço virtual, associando a disseminação de notícias falsas (as famosas *fake news*), no período do governo Bolsonaro e na época em que o Brasil atravessava a grave crise sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, agravada pelo negacionismo espalhado pelo governo de direita no país.

No período de tempo em que selecionamos os recortes para esta pesquisa, muitas mensagens negacionistas e *fake news* sobre a doença Covid-19 se espalhavam pelos grupos de *WhatsApp*, e o alvo de engajamento para esse fim eram as pessoas com mais idade, literalmente “as tias do zap”, como mencionado no episódio do vídeo “RESPONSÁVEL”. Vale ressaltar que os sujeitos discursivos que se identificavam com a ideologia da esquerda se apropriaram de alguns discursos

sarcásticos, e a circulação de memes, comentários e outras produções semióticas surgiram aos montes no espaço virtual. A imagem a seguir é um exemplo disso.

Figura 4: Meme com o ex-Presidente



Fonte: <https://br.ifunny.co/picture/simao-z-tia-que-espalha-noticia-falsa-no-zap-moiXuk4F9>.

Nessa imagem, a face de Bolsonaro, à época presidente da República, é satirizada ainda hoje nas redes sociais pela memória que seu governo traz sobre muitas polêmicas, dentre elas o espalhamento de *fake news*, a corrupção durante seu governo e o descaso para com a população no período da pandemia. Davallon (2015, p. 23) destaca a importância e a necessidade de o sujeito utilizar estratégias discursivas para reviver, recuperar e, sobretudo, recriar os discursos, isso porque

[...] lembrar um acontecimento ou um saber não é forçosamente mobilizar e fazer jogar uma memória social. Há a necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social. Esse fundo comum, essa dimensão intersubjetiva e sobretudo grupal entre eu e os outros específica, diz-nos Halbwachs, a memória coletiva. Mas a contrapartida seria que a memória coletiva “só retém do passado o que ainda é vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que o mantém. Por definição, ela não ultrapassa o limite do grupo”.

As considerações elencadas por Davallon (2015) nos fazem repensar também a importância da Análise do Discurso, visto que toda vez que o analista recupera uma imagem, um comentário, enfim, discursos que circulam na esfera social, aqui, em particular, no espaço virtual, essas práticas, além de concorrerem para a produção de novos dizeres, cumprem também a função social de materializar os sentidos na memória da sociedade.

Como pontua Davallon (2015), a memória coletiva tem um caráter paradoxal, pois, ao mesmo tempo que tem a capacidade de conservar o passado, apresenta uma fragilidade pelo fato de que as memórias são repassadas pelos grupos e tendem a desaparecer se os membros desses grupos não mais existirem, dada a nossa condição de não imortalidade. Diante disso, são imprescindíveis os registros desses signos que possuem caráter discursivo e interpretativo. Temos certeza de que, com o advento da máquina, dos registros dos arquivos, análises como estas sobreviverão à passagem do tempo e contribuirão para novos processos parafrásticos e polissêmicos inerentes à língua nos espaços discursivos.

Passemos à análise da próxima imagem, fazendo uma inflexão com a SD logo na sequência:

Figura 5: Olho verde e amarelo chorando



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/3b/85/27/3b8527201edfe6401ebd17e72387a2b7.jpg>.

“Pois é. A mãe da minha amiga também. Um dia, estava no celular. No outro dia, estava trocando a foto do perfil por aquele olho verde e amarelo chorando.”

Para criar um “efeito de sustentação de seu discurso” (Pêcheux, 2014 [1988]), o sujeito discursivo da SD acima, a partir da memória, usa a expressão “aquele olho verde e amarelo”, evocando, no inconsciente de outros internautas, os sentidos políticos de direita, materializados nas cores da bandeira do Brasil, e o lema Ordem e Progresso, inscrito na Bandeira, que mobilizam sentidos políticos, mais especificamente da direita, vindo à tona, assim, várias questões de ordem ideológica e política que afetaram sobremaneira o país em meio à pandemia de Covid-19. Vale destacar que a imagem de um olho verde e amarelo chorando também faz referência a uma página no *Facebook* em que os internautas da direita discursivizam, através de comentários na interação virtual, a respeito dos diversos acontecimentos políticos do Brasil.

Vale lembrar que Jair Messias Bolsonaro venceu as eleições em 2018 com o discurso de que o país havia sido tomado pela corrupção durante os últimos governos do PT, partido de esquerda. O olho verde e amarelo chorando é uma metonímia que explicava um Brasil que chorava devido aos inúmeros casos de corrupção e à perda de valores de cunho conservador.

As imagens 3, 4 e 5 foram recortadas do ambiente virtual para explicar com maiores detalhes os processos de significação das SDs focadas em algumas passagens analisadas do vídeo “RESPONSÁVEL”. Isso demonstra que os discursos possuem uma historicidade, que é acionada na memória do leitor para abstrair muitos sentidos produzidos pela língua.

Na SD a seguir, a expressão coloquial “todo mundo”, utilizada pelo sujeito enunciador, é uma estratégia discursiva que tenta legitimar uma ideia, e, ao mesmo tempo, a enunciativa da SD usa a crítica e a ironia para denunciar que há programas televisivos que doutrina ou “emburrecem” e alienam determinados grupos de sujeitos e, com mais facilidade, o público de mulheres mais maduras. Vejamos isso através da SD que segue.

“Todo mundo sabe que não pode assistir novela de live-action da Bíblia. Nem novela da Globo de antes de 2015. Isso barra o desenvolvimento da pessoa. Aí depois ela vai fazer você passar vergonha nos comentários do G1. Vai, com certeza.”

Na sequência, transcrevemos o discurso do vídeo na íntegra a fim de situar melhor o leitor quanto às análises propostas. Observemos a materialidade a seguir:

Fernando (interlocutor 1): Boa tarde a todos, como estão? Espero que bem. Vamo começar? Vamo nessa. Eu queria já falar sobre o relatório, tá?

A mãe de Fernando (interlocutora 2): Filho, filho, você viu que a Suzana casou?

Fernando (interlocutor 1): Legal. Minha mãe, só um minuto, minha gente. Eu tô trabalhando aqui, mamãe... toma o celular aqui. Pronto. Vai brincar com ele, tá? Brinca aí, bonitinho aí, que eu vou trabalhar aqui. Um segundinho, tá? Tem que... isso.

Interlocutora (3): Fernando, desculpa. Deixa eu... você larga a tua mãe sozinha no celular?

Fernando (interlocutor 1): Ela adora. Fica horas lá conversando, vendo vídeo de gente espremendo espinha. É bonitinho. Não é pra clicar em banner. O que eu já falei com você? [...].

A mãe de Fernando (interlocutora 2): Mas...

Fernando (interlocutor 1): Que não pode clicar em banner... Exatamente.

Interlocutora (4): Fernando, você está fazendo isso sem supervisão?

Fernando (interlocutor 1): Supervisão pra quê? Uma mulher adulta de 57 anos.

Interlocutora (3): Exatamente. Nessa idade que é muito perigoso largar o celular na mão deles, sabe? Você não sabe o que ela está acessando. Pode estar recebendo fake news aí de um estranho.

Fernando (interlocutor 1): Nada, ela fica só mexendo no WhatsApp. Ela chama de “zap”. É a coisa mais fofa do mundo. Só bota o fone, mãe... o que eu já falei? Por que todo mundo tem que ficar ouvindo o que você tá ouvindo? Você bota o fonezinho.

Interlocutora (4): Fernando, olha, eu não acho fofo, não. Acho perigoso, tá? Uma amiga minha deixava a mãe dela mexendo nesse negócio de zap aí. Depois ela saiu espalhando pra todo mundo que, lá em Minas Gerais, enterravam caixão vazio.

Interlocutora (3): Pois é. A mãe da minha amiga também. Um dia, estava no celular. No outro dia, estava trocando a foto do perfil por aquele olho verde e amarelo chorando. Acho que você tem que passar mais tempo com a sua mãe. Tirar o celular dela.

Fernando (interlocutor 1): Não, a gente tem tempo só pra gente. A gente assiste televisão juntos sempre.

Interlocutora (3): Ah, é? Então o que vocês estão assistindo? É uma série?

Fernando (interlocutor 1): Não. Programa do Datena, né? Depois a gente vai pro Bacci. Se deixar, ela vai até o Sikêra Júnior. Eu é que... rédea curta aqui. Aí também não.

Interlocutora (4): Fernando... pelo amor de Deus, Fernando. Você está estragando tua mãe...

Fernando (interlocutor 1): Mas é que ela gosta, gente. Fazer o quê? Enquanto ela não vê um pobre morrendo na TV aberta, ela não sossega. Eu, quando deito minha cabecinha pra dormir à noite, eu já ouço até sirene. Mas a gente assiste outras coisas também. A gente estava vendo, outro dia mesmo, Apocalipse na Record. Ela tá assistindo Fina Estampa pela segunda vez. Ela tá amando. Ela ri, ri. Quando entra Crô... ela quase rola.

Interlocutora (3): Caralho, Fernando. Joga a tua mãe logo na deep web então. Você está causando traumas nela, cara.

Interlocutora (4): Todo mundo sabe que não pode assistir novela de live-action da Bíblia. Nem novela da Globo de antes de 2015. Isso barra o desenvolvimento da pessoa. Aí depois ela vai fazer você passar vergonha nos comentários do G1. Vai, com certeza.

Fernando (interlocutor 1): Olha aqui. Cês tão se preocupando demais com a mãe dos outros, tá? Eu sei como criar a minha mãe. Ela... mãe. Ai, meu Deus. Tira a cloroquina da boca. Não pode. Eu falei pra você, meu Deus do Céu...

A mãe de Fernando (interlocutora 2): Mas tá todo mundo tomando.

Fernando (interlocutor 1): Mas você não é todo mundo. Gente, eu preciso... Dona Isabela, não bote na boca. Eu vou contar até três. É um...

No final do vídeo, há ainda uma passagem em que se ouve o barulho de mensagens do WhatsApp possivelmente chegando ao celular da mãe com várias fake news, como exemplos, temos: "VOCÊ FOI O NOSSO USUÁRIO 1.000 CLIQUE AQUI E PEGUE SEU PRÊMIO"; "Gente, bom pro coronavírus mesmo é vinagre e água quente. É só deixar bater assim no fundo da garganta. É batata. Pode espalhar, botar nos grupos. Passou no 'Fantástico'. É verdade. FICA COM DEUS".

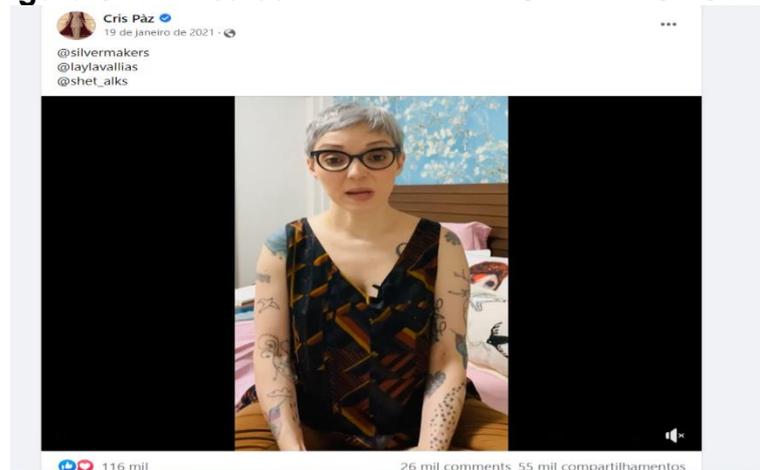
Percebemos que os sentidos mobilizados com as análises dos excertos do vídeo "RESPONSÁVEL" conversam com a materialidade anteriormente descrita do

conteúdo do vídeo. A intenção de colocá-la na íntegra foi tão somente para auxiliar o leitor na apreensão da proposta analítica apresentada, como já afirmamos aqui.

3.2 O vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”

Ao considerarmos os discursos digitais como “verdadeiros compósitos” operadores de sentidos nas análises do *corpus* digital, percebemos que as imagens são elementos importantes para significar e interpretar as materialidades linguísticas desta pesquisa. Em Davallon (2015), podemos encontrar que a imagem funciona como um operador da memória social e, também de acordo com esse estudioso, “a imagem representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o espectador)” (Davallon, 2015, p. 25). Desse modo, passemos a uma análise possível da imagem que segue:

Figura 6: *Print screen* do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”



Fonte: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=419133722669357>.

A imagem do vídeo de Cris Páz², agora não mais Cris Guerra, uma mulher que já passou dos 50 anos, apresenta alguns elementos discursivos que concorrem para a produção do sentido da aceitação da idade e a valorização de uma aparência “natural” perante os inúmeros recursos de beleza disponíveis no mercado, que deixam as mulheres mais maduras aparentando menos idade, como o caso das cirurgias plásticas, dos cremes antirrugas e das tinturas de cabelo. Vemos também que os

² Em depoimento ao portal Mina, em 5 de janeiro de 2023, a publicitária e escritora até então chamada de Cris Guerra muda seu nome e altera seu perfil nas redes sociais para Cris Páz, alegando estar numa nova fase da sua vida.

cabelos grisalhos e o uso de óculos, provavelmente de grau, discursivizam a mulher madura da contemporaneidade.

No entanto, apesar de conclamar as internautas para um discurso de aceitação da passagem do tempo, e de encorpar um discurso contra o etarismo, a enunciativa Cris Pàz fala de uma posição e de um lugar diversos da realidade de muitas mulheres no país e no mundo: uma mulher branca, de classe média alta, com atuação no mercado de trabalho diferente da condição social de muitas outras mulheres. E isso significa dentro do processo discursivo na produção dos sentidos. Esse fato faz com que seu vídeo tenha uma projeção grande e viralize nas redes sociais por mulheres que se sentem representadas por sua posição ideológica, por concordarem com sua formação discursiva; assim, mesmo que tais mulheres possam pertencer a outras classes, elas se sentem representadas.

Em Orlandi (2015, p. 70), observamos que “O que temos, como produto de análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições”. Logo, a inscrição “#ATUALIZAPORCHAT”, transcrita na chamada de vídeo publicada no *YouTube* e no *Facebook*, é um dizer produzido por um sujeito do discurso que não se encaixa nos dizeres materializados e significados pelo sujeito-autor do episódio “RESPONSÁVEL”, protagonizado pelo humorista Fábio Porchat. Ainda que o processo de enunciação se apresente no episódio do humorista com o suposto propósito de estabelecer e significar os discursos numa perspectiva humorística e satírica, percebemos que os usuários das redes sociais estão a postos para patrulhar determinados discursos que emergem de temas polêmicos, como o que aqui é discutido, o do envelhecimento da mulher.

Em várias passagens da fala do sujeito discursivo do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, podemos ver um sujeito-feminino que incorpora uma função pedagógica do discurso, em que os argumentos e as exemplificações conclamam a uma mudança e tomada de posição que venham de encontro a um discurso machista e misógino e, sobretudo, movimentam o sentido pré-construído do *envelhecer*, mais precisamente levantando questionamentos sobre a prática do *etarismo* como sendo uma ideia que desencadeia o preconceito vivido por muitas mulheres. A partir do modo como os discursos são enunciados no vídeo em análise, recorreremos a Orlandi (2015, p. 73) para enfatizar que

Segundo Foucault (idem), há processos internos de controle do discurso que se dão a título de princípios de classificação, de ordenação de distribuição, visando domesticar a dimensão de acontecimento e de acaso do discurso. Normatizando-o, diríamos. Tal controle pode ser observado em noções como as de comentário, de disciplina, e, justamente, na de autor.

Percebemos, como veremos a seguir, que as sequências discursivas em análise carregam elementos da linguagem falada, tentando uma aproximação maior com o interlocutor, e isso nos possibilita ver que os discursos obedecem a uma ordem de determinação não somente histórica e ideológica, como também política, com um tom narrativo acerca de um assunto pouco refletido no universo masculino: a questão do preconceito advindo do etarismo. Sendo assim, o posicionamento da enunciadora demonstra como a sociedade vê o processo de envelhecimento biológico, em especial o da mulher. Atentemos para o excerto abaixo:

[...] a personagem da mãe não aparece, a gente só ouve a voz dela e vê o seu personagem interagindo com ela, com muita paciência, de maneira bem infantilizada, e demonstrando que ela tem pouco ou nenhum discernimento. Ao longo do diálogo, essa personagem vai se descortinando, a gente vai percebendo que ela é fã de noticiários sensacionalistas, vítima de *fake news*, uma mulher de 57 anos. Porchat, envelhecer não é pros fracos. Mas, num país em que a palavra soa como um crime, a pessoa faz aniversário e já vai tentando arrumar uma identidade falsa. Não dá pra continuar incentivando esse preconceito. A longevidade, diga-se de passagem, é um dado muito recente da humanidade. As pessoas tão vivendo cada vez mais [...]. (Cris Pàz, 2021).

Notamos, a partir desse recorte discursivo, que o enunciador tenta incluir outros sujeitos/espectadores no rol da sua percepção a respeito do assunto em questão, usando a locução pronominal “a gente”, como podemos atestar na sequência discursiva: “a gente só ouve a voz dela e vê o seu personagem interagindo com ela [...]”, e isso para se referir semanticamente a um coletivo “nós”, objetivando enfatizar a invisibilidade da mulher de 57 anos, que é categorizada de forma infantilizada e ingênua no episódio “RESPONSÁVEL”. Alguns indícios desse fato podem ser elencados quando o sujeito discursivo diz: “Ao longo do diálogo, essa personagem vai se descortinando, a gente vai percebendo que ela é fã de noticiários sensacionalistas, vítima de *fake news*, uma mulher de 57 anos”.

A mulher que é referenciada no vídeo “RESPONSÁVEL”, realizado pelo grupo Porta dos Fundos, é significada a partir de um conceito transparente sobre o

envelhecimento, inculcado na sociedade, com um sentido estabilizado, em que se pensa na inutilidade do sujeito envelhecido, que faz parte de uma sociedade capitalista e que cultua a proatividade como paradigma imprescindível para inserção no meio social. No entanto, no vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, percebemos que o sujeito discursivo investe em um discurso que desestabiliza o conceito de velhice na tentativa de ressignificá-lo, uma vez que o fenômeno do envelhecimento é algo inevitável, mas se evidencia que, atualmente, a forma como lidamos com esse acontecimento deve ser atualizada. Com isso, o sujeito tenta ressignificar semanticamente, reverberando um discurso de cibermilitância no âmbito das questões de gênero, da ordem de uma pauta feminista, e, com isso, vemos que há “a ocupação política do espaço digital” (Bocchi, 2017, p. 59).

Na fala do enunciador, podemos perceber isso em várias passagens, como neste recorte da SD: “Porchat, envelhecer não é pros fracos. Mas, num país em que a palavra soa como um crime, a pessoa faz aniversário e já vai tentando arrumar uma identidade falsa. Não dá pra continuar incentivando esse preconceito”. Desse modo, alguns efeitos de sentido sobre o tema velhice, relacionado ao sujeito feminino, vão se descortinando através do discurso da enunciadora, e outros significados, antes silenciados, são postos por meio de interdiscursos que materializam novos discursos que problematizam a visão sobre o envelhecimento. Nessa perspectiva, é possível conceber, segundo Pêcheux, que

[...] o *interdiscurso enquanto discurso-transverso* atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita (2014 [1988], p. 154, grifos do autor).

Portanto, ao discorrermos sobre as sequências discursivas em análise, vemos um discurso interpelado por uma formação discursiva de alguém que, sob uma nova perspectiva, protesta contra o preconceito instituído na sociedade em relação às mulheres mais maduras, mais “velhas”, como veremos na sequência discursiva que segue:

[...] O tempo passa sim! Envelhecer não significa não poder mais fazer as coisas, mas também não é a certeza de que eu posso tudo, aliás, eu nunca pude. Mas eu te garanto: eu não troco os meus 50 pelos

meus 20 nem fudendo. Basta dar uma goolgada, Porchat, pra ver que o negócio não é só comigo. A Madonna já pode estacionar na vaga de idosos do shopping. Ela tem 62 anos. O John Travolta tem 66, a Olivia Newton John tem 72, o Caetano e o Gil fizeram 78, e o Blade Runner Rerisson Ford têm a mesma idade. A Rita Lee tem 73, o Chico Buarque tem 76, o Jorge Mautner fez 80 esses dias. A Jane Fonda tem 83. A maravilhosa Fernanda Montenegro tem 90. Ninguém escapa, Porchat! Nem mesmo a Jovem Guarda. O Roberto e o Erasmo vão fazer 80 esse ano. Envelhecer, eu garanto, aprimora a nossa capacidade de discernir as coisas. E sabe o que é mais legal? A gente ganha uma certa flexibilidade até pra mudar de opinião – porque a gente não liga pra opinião dos outros como antes [...]. (Cris Pàz, 2021).

Nas sequências discursivas enunciadas anteriormente, o pronome “eu” demarca uma posição-sujeito do discurso e também funciona como um testemunho vivo de alguém que enuncia a partir de um “lugar de fala³”, e, ao mesmo tempo, esse sujeito universaliza e subjetiva seu discurso por meio dessa posição-sujeito inscrita na SD: “Basta dar uma goolgada, Porchat, pra ver que o negócio não é só comigo”. Vemos que o sujeito discursivo segue elencando vários nomes de pessoas famosas que já envelheceram biologicamente e que continuam influenciando com a sua personalidade e a sua expressividade, descortinando novas percepções, sobretudo a ideia de que envelhecer não é sair de cena, nem perder a “validade”, pois o indivíduo continua a existir em um processo de evolução além do físico, ou melhor, além das características físicas e do culto da juventude e da beleza. O eu discursivo tenta, dessa forma, romper com discursos estabilizados e que carregam estigmas e estereótipos no meio social. Sendo assim, há uma “quebra dos processos de silenciamento que a enunciação destes testemunhos traz para as mulheres” (Ferrari; Fontana, 2017, p. 16).

Ao discursivizar as materialidades dos discursos que rompem a barreira do silêncio com novos sentidos discursivos sobre o tema envelhecer relacionado ao gênero feminino, o sujeito discursivo do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” dialoga com ideias silenciadas sobre essa temática. Acerca disso, ressaltamos as proposições de Orlandi (2012), a qual defende que “o silêncio significa” e que ele “não é ausência de palavras”, o que vem nos mostrar que o espaço digital abre um terreno profícuo para as vozes femininas, comumente discursivizadas sob o viés masculino, agora

³ Quando nos referimos à expressão lugar de fala na perspectiva desta pesquisa em AD, ela está ligada à teoria pecheutiana, que preconiza que as posições, as formações discursivas que os sujeitos materializam, são condicionadas pela interpelação pela ideologia e dizem respeito ao local de onde partem os seus discursos.

protagonizado por um sujeito mulher em prol da defesa de pautas feministas. Desta feita, em Tfouni (2016, p. 92), encontramos que “Sempre que algo é enunciado, algo também é silenciado, na medida em que não é possível a nenhum sujeito enunciar dois ou mais enunciados ao mesmo tempo”. Portanto, o episódio “RESPONSÁVEL” silencia, na perspectiva desta análise, quem e quais são as perspectivas e realizações da mulher madura, que já ultrapassou os 50 anos, sob um ângulo proativo.

Orlandi (1995, p. 93), citada por Tfouni (2016), propõe que “o silêncio é a possibilidade de flutuação dos sentidos”. A partir disso, podemos refletir que a voz da enunciativa no vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” nos remete a dialogar com e problematizar temas como beleza, vaidade, vigor, juventude, enfim, a aparência física. Sabendo que outros dizeres são silenciados quando produzimos linguagem, Tfouni (2016) traz a questão do interdito como “condição de possibilidade da linguagem, o que atesta seu estatuto fundador e constitutivo” (2016, p. 106). Nessa concepção, as aceções e os constructos discursivos sobre a mulher no vídeo “RESPONSÁVEL”, no processo de enunciação do sujeito, mobilizam os conceitos de interdito e silêncio, uma vez que “continuam presentes, constituindo o dizer, sendo então constitutivos do dizer” (Tfouni, 2016, p. 106). Nesse contexto, vemos, no vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, outros sentidos sendo irrompidos pela incompletude da linguagem e pela necessidade do sujeito discursivo de se posicionar diante da inquietude gerada pelo silenciamento de outras posições sobre o envelhecimento do gênero feminino.

Uma outra estratégia que o sujeito usa em um dos enunciados anteriormente apresentados se vale da argumentação baseada em citação de exemplos de pessoas referentes ao mundo das celebridades, de modo a enfatizar que elas também envelheceram biologicamente, a fim de levar o espectador a ver que todas as celebridades citadas em seu discurso já ultrapassaram ao menos em idade a senhora de 57 anos ridicularizada e estigmatizada pelo episódio “RESPONSÁVEL”.

Vemos em Pêcheux (2014 [1988]) a importância do ato de linguagem que exterioriza a tomada de posição do sujeito discursivo não como um pensamento individual, mas como um pensamento que anseia ser voz e pensamento coletivo no discurso em análise. Também vemos que a tomada de posição é “compreendida como efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da ‘exterioridade’ do real ideológico-discursivo, na medida em que ela ‘se volta sobre si mesma’ para se atravessar” (Pêcheux, 2014 [1988], p. 160). Nesse

caso, o ato de linguagem evidencia um discurso que irrompe outros sentidos, que até então eram silenciados por determinado discurso, fio norteador da polêmica em questão. Logo:

Sabemos que a história e as condições de produção determinam o dizer. Mas, se considerarmos que determinar não é prever, então mesmo dentro do determinado existe um espaço contingente, um espaço de possibilidades abertas. A história e as condições de produção podem excluir alguns dos resultados possíveis (algumas enunciações possíveis), permanecendo, contudo, diversas possibilidades em jogo. A história, as instituições, os Aparelhos de Estado podem restringir em graus variáveis (dependo das condições do momento), porém os dados continuariam a ser lançados (Tfouni, 2016, p. 97-98).

A perspectiva sobre a questão da história e das condições de produção como determinantes do dizer, elencadas por Tfouni (2016) na colocação exposta, é pertinente, e, tal qual a metáfora do dado, proposta por Milner (1996), atualizada em Tfouni (2016) em seu artigo “Interdito, silêncio e as modalidades da lógica aristotélica na linguagem”, pode ser utilizada aqui quando reconhecemos que também os usuários de uma língua movimentam e produzem discursos no espaço digital, semelhante ao lançamento de um dado: nota-se que, ao produzir certo discurso, o sujeito enunciador do vídeo “RESPONSÁVEL” deixou suspensos outros sentidos que significam a mulher de mais idade. Nesse momento, outras posições foram interditas, e “Só a entrada do interdito reúne as condições necessárias e suficientes para a existência da linguagem” (Tfouni, 2016, p. 111). Dessa forma, os discursos combativos do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” evidenciam uma posição-sujeito que significa o objeto em análise ao combater o preconceito, convidando outros sujeitos a problematizarem as questões da ordem do etarismo.

Bocchi (2017) aponta para um movimento de sentidos por meio do surgimento cada vez mais forte de discursos de cibermilitância, de caráter político, e cita Mónica Fontana (2001) ao nos mostrar que tais discursos no espaço digital produzem sentidos políticos, demarcando lugares de enunciação do sujeito feminino. Esse acontecimento de movimentos discursivos no espaço virtual emerge “sentidos outros” que significam a mulher e demarcam outras posições-sujeito, além de evidenciar um caráter pedagógico dos discursos em que a interpelação exerce o poder de desestabilizar conceitos historicamente enraizados nos dizeres, sobretudo os que fazem parte do contexto do gênero masculino:

[...] envelhecer – eu garanto – aprimora a nossa capacidade de discernir as coisas. E sabe o que é mais legal? A gente ganha uma certa flexibilidade até pra mudar. Envelhecer – eu garanto – aprimora a nossa capacidade de discernir as coisas. E sabe o que é mais legal? a gente ganha uma certa flexibilidade até pra mudar de opinião – porque a gente não liga pra opinião dos outros como antes. E é pra sugerir que você considere mudar de opinião que eu tô fazendo esse vídeo. Esse vídeo não é nenhum tipo de cancelamento. É só uma dica, um toque. Esse estereótipo já era. não existe uma velhice, existem várias. e uma pessoa quando envelhece ela não deixa de ter a personalidade que ela sempre teve. [...]. E você, inteligente, talentoso, divertido como é – e o porta dos fundos – tão importante pro humor brasileiro, né? Assim, um humor tão novo, não podem continuar reproduzindo essa visão ultrapassada sobre o envelhecer [...]. (cris páz, 2021).

Percebe-se que, nos discursos analisados, há uma regularidade discursiva que apresenta um discurso pedagógico que sugere ao autor do episódio “RESPONSÁVEL” lidar, até mesmo no humor, com mais leveza e menos preconceito em relação ao envelhecimento. O sujeito discursivo das SDs analisadas nesta pesquisa argumenta que o vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” não é um protesto, tampouco um tipo de cancelamento, que é uma atitude recorrente dos internautas quando não concordam ou se identificam com as ideologias impostas pelos discursos através das formações discursivas materializadas neles.

A sequência discursiva “Esse estereótipo já era. Não existe uma velhice, existem várias” sugere aos internautas e também ao protagonista do episódio “RESPONSÁVEL” repensarem e atualizarem o conceito de velhice. A própria expressão *já era* significa o sujeito discursivo, uma vez que é um termo cunhado por pessoas que se dizem jovens, que não utilizam uma linguagem e um pensamento retróados, neste caso referentes a costumes, conceitos e atitudes diante da realidade atual. O sujeito discursivo sugere uma tomada de posição atualizada através desta SD: “E você, inteligente, talentoso, divertido como você é – e o Porta dos Fundos – tão importante pro humor brasileiro, né? Assim, um humor tão novo, não podem continuar reproduzindo essa visão ultrapassada sobre o envelhecer”.

Nesta pesquisa, nas próximas páginas, abordaremos a construção dos sentidos produzidos na materialidade dos comentários postados no ambiente virtual, especificamente no *Facebook*, sobre a repercussão do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”. Vale frisar que são mais de 20.000 comentários sobre a

questão do etarismo; dessa forma, recortamos 30 Sequências Discursivas (SDs) para estudo.

Nesta empreitada de analisar a formulação de sentidos postos pela linguagem, nos apropriamos da epistemologia de Eni Orlandi, que assevera que “A conversão do discurso em texto, que representa a correlação do sujeito com a função-autor, estará nos ocupando ao longo desse nosso trabalho” (2012, p. 107).

Para um melhor entendimento dos sentidos produzidos pelas materialidades em análise, se faz necessário evidenciar que o ponto nodal que construiu os sentidos discursivos reverberados no vídeo intitulado “#ATUALIZAPORCHAT” foi um vídeo publicado nas redes sociais, em janeiro de 2021, de autoria do Porta dos Fundos, intitulado “RESPONSÁVEL”, o qual analisaremos na seção 3.3 deste capítulo, com 711 mil visualizações, há um ano. Já o vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” obteve 116 mil visualizações à época da constituição do *corpus* para esta pesquisa.

Vale salientar, como já foi dito, que a intenção é analisar o *corpus* para responder à questão norteadora desta pesquisa, e, dessa forma, tanto as SDs produzidas a partir do vídeo do Porta dos Fundos quanto as SDs oriundas dos comentários gerados pelo vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, bem como algumas imagens pertinentes às questões aqui levantadas, corroboram as análises elaboradas. É imprescindível, também, analisar alguns recortes das SDs dos áudios dos dois vídeos, bem como os tecnodiscursos que aparecem nos comentários de ambos, pois formam um compósito técnico linguageiro inerente aos discursos nativos digitais.

Para a Análise do Discurso, os *dados linguageiros* mencionados acima, por si sós, não representam sentidos. No entanto, quando analisamos a maneira pela qual os sentidos dos comentários analisados significam entrelaçando um contexto amplo e um contexto imediato, como bem assinala Orlandi, percebemos que os sujeitos são afetados pelos acontecimentos, e a pandemia foi um acontecimento discursivo que mobilizou vários sentidos no espaço das plataformas midiáticas, como as utilizadas como suporte para esta pesquisa – no caso específico, o *Facebook* e o *YouTube*.

Então, as posições ideológicas, juntamente com as formações discursivas materializadas nas SDs analisadas, levantarão um debate discursivo acirrado, referente ao etarismo circunscrito ao universo feminino, colocando em pauta problemáticas da ordem do gênero. Alguns comentários são relacionados às questões levantadas sobre como os sujeitos significam o processo do envelhecimento, principalmente quando se trata do sujeito feminino. Nesse contexto, é necessário

explicar o porquê de o vídeo vir em letras garrafais com a inscrição acompanhada do sobrenome Porchat. Isso diz respeito ao fato de que o episódio “RESPONSÁVEL”, gatilho gerador de discursos outros, especialmente o aqui analisado, é protagonizado pelo humorista Fábio Porchat, protagonista do vídeo e membro fundador do Porta dos Fundos. Na cena, o episódio “RESPONSÁVEL” se desenrola juntamente com duas atrizes coadjuvantes.

Situando mais o leitor no universo do texto em questão, o episódio intitulado “RESPONSÁVEL” encena uma reunião de trabalho on-line dirigida por Porchat, que a todo momento é interrompido por sua mãe, uma senhora de 57 anos. Perguntas como “Você deixa ela sozinha? Sem supervisão?” são elencadas no vídeo de Porchat pelas coadjuvantes e são gatilhos para a discursivização da autora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” e os comentários dos internautas.

3.3 O humor e a polêmica do “politicamente correto” – os sentidos produzidos nas diferentes formas de interpretar o objeto em análise

Com base nas materialidades aqui interpretadas, julgamos necessário pontuar algumas considerações sobre a polêmica que reside em torno da produção do humor dentro dos espaços de poder, uma vez que, no mundo clivado por diversas especificidades das ciências, temos uma divisão das áreas ou campos de saberes, e essa divisão estabelece fronteiras, mas nada impede que o conhecimento de determinada área irrompa em outras, produzindo sentidos e reinventando novas formas de pensar, agir e significar o mundo, e isso acontece particularmente com a linguagem.

Possenti (2018) aponta que quem primeiro propôs uma classificação dos saberes em campos foi Bourdieu devido à necessidade de diferenciar as atividades ou funções nos espaços sociais. O estudioso também ressalta que a teoria dos campos rompe com o pensamento tradicional de que indivíduo e sociedade estão colocados em lados opostos e considera que o indivíduo está inserido em uma sociedade, porém ele também pertence a um campo ou a mais de um, no qual existem regras gerais a que cada sujeito se submete e também regras específicas ao campo em que atua.

Através de Lahire (2017), Possenti (2018) salienta que os campos se constituem por uma série de propriedades, quais sejam:

- (a) um campo é um microcosmo incluído num macrocosmo;
- (b) cada campo tem regras e desafios específicos;
- (c) é um sistema ou espaço estruturado de posições;
- (d) é um espaço de lutas e de concorrência, com o objetivo de apropriar-se do “capital” do campo, que é desigualmente distribuído (há dominantes e dominados no interior dos campos);
- (e) apesar das lutas, todos os agentes do campo têm interesse em que o campo exista;
- (f) a cada grupo corresponde um *habitus*; os campos têm autonomia relativa. (Possenti, 2018, p. 13-14).

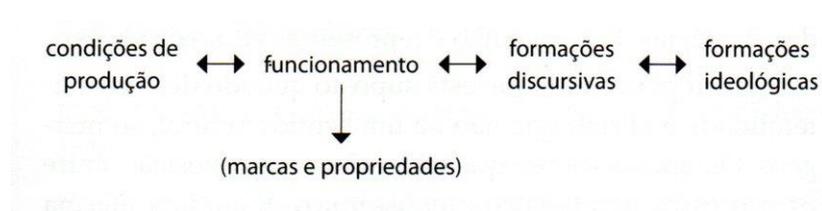
Em se tratando das materialidades linguísticas do vídeo “RESPONSÁVEL”, que pertence ao campo do humor, percebemos que as materialidades discursivas do vídeo foram o gatilho gerador de vários sentidos que se constituíram como *corpus* da presente pesquisa. Contudo, é notório que as estratégias discursivas elencadas pelos sujeitos do episódio obedeceram a regras específicas do gênero em questão, diferentemente dos modos de interpretar de muitos sujeitos internautas, uma vez que a rede social em que estão veiculados os discursos estão povoadas de diversos comentários com críticas aos dizeres materializados no vídeo. O humor da materialidade do vídeo mobilizou uma série de sentidos circunscritos a questões de gênero, mobilizando diversos dizeres e sentidos sobre o etarismo sofrido por mulheres nos espaços de poder e também no ambiente familiar.

Para compreender os impactos que os discursos produzem na mídia e na manutenção das relações em sociedade, abarcaremos os pressupostos epistemológicos da Análise do Discurso para empreender um estudo do *corpus*, de modo a explicitar que as palavras e as expressões não possuem um sentido literal quando as concebemos como discursos, que são sujeitos a falhas, a equívocos e a rupturas provocadas pelo modo de conceber as manifestações de linguagem. Necessário se faz, como pontua Possenti (2018), reclassificar o humor e tomá-lo como um campo. Feito dessa forma, não daremos conta de explicar todos os porquês, e todos os modos de significar da língua, mas problematizaremos as diversas formas e nuances nos modos de significar língua e sujeito no mundo, e até onde vão os seus limites – será que há um limite para a produção do humor? De antemão, à luz de Possenti (2018, p. 16), diremos apenas que

As regras de cada campo dizem respeito a diversos aspectos, que vão desde os tipos de prática que cada campo impõe ou espera que

ocorram, até os tipos de texto (aqui um sermão, ali um *paper*, acolá uma notícia ou uma receita) e determinadas outras características da linguagem, que é relativamente específica para cada campo. Há, portanto, regras particulares que caracterizam os campos, e elas são uma de suas características constitutivas.

No presente trabalho de pesquisa, não é de se estranhar que o discurso humorístico protagonizado por Fábio Porchat, em seu episódio “RESPONSÁVEL”, mobilizou uma série de comentários com sintoma de revolta nos internautas das redes sociais *Facebook* e *YouTube*. O papel do analista neste estudo não é o de levar o leitor a entender o que motivou as tomadas de posições dos sujeitos na produção de seus discursos, ou mesmo tendenciar para defesa de lado A ou B, dentre outros possíveis, mas o analista tem a incumbência de mostrar que os sentidos são moventes, opacos e dispersos se concebidos pelo olhar da teoria do discurso aqui eleita como ponto nodal para configuração dos objetivos propostos neste estudo. Uma importante acepção que tanto Pêcheux quanto Possenti, além de outros estudiosos da AD, defendem é que a tomada de posição que os sujeitos leitores materializam depende de uma série de elementos histórico-sociais, como nos mostra o esquema abaixo, elaborado por Orlandi (2012, p. 35), a respeito da compreensão dos discursos no seio da AD:



É possível notar nesse esquema que o processo de produção dos sentidos que concorrem para o mesmo e para o diferente (paráfrase e polissemia), no âmbito da teoria pecheutiana, vem clarear o funcionamento discursivo do *corpus* analisado nesta pesquisa, uma vez que, englobando também a teoria da análise do discurso digital de Paveau (2021), compreendemos com mais nitidez os sobressaltos e a complexidade dos discursos em sua relação de sentido com ele mesmo e com a alteridade, tendo em vista que a dispersão dos sentidos e dos acontecimentos é um mecanismo coadjuvante para as relações implicadas no ato de interpretar o mundo, os sujeitos e as coisas.

Tanto as condições de produção quanto as formações discursivas que englobam formações ideológicas demarcam nuances e propriedades do funcionamento discursivo. Nesse sentido, Pêcheux, através da sua teoria, nos desperta o sentido de que

A partir do momento em que “o ponto de vista cria o objeto”, toda noção e, do mesmo modo, todo conceito aparecem como ficções cômodas, “maneiras de falar” que põem em dúvida, ao se multiplicarem os seres fictícios e os mundos possíveis, *a existência independente do real como exterior ao sujeito* (2014 [1988], p. 157, grifos do autor).

Em consonância com os pressupostos teóricos referendados neste trabalho, concordamos que o funcionamento discursivo, com todas as suas marcas e propriedades, analisadas no *corpus* em questão, reafirma que os aspectos linguageiros, e seus elementos tecnolinguageiros encontrados no *corpus* em análise, ampliam nossa concepção epistemológica de que língua/linguagem/discursos estão sujeitos a equívoco, falhas, incompletudes e pontos de deriva nessa incessante arte de buscar os sentidos das “coisas” no mundo. E, ademais, os sentidos não estão pré-concebidos, já postos, mas, sim, é o ponto de vista e as relações com base nas condições de produção e de interpretação que criam as condições materiais de existência dos objetos.

Em Possenti (2018), observamos que os discursos nascem de diversos lugares e vêm de sujeitos diversos, e a superfície linguística em que são materializados também não são as mesmas. Recebemos os textos materializados em discursos através de diversas fontes, e a própria rede social hoje é um terreno fértil e uma arena de disputa de diversas narrativas. No campo científico, particularmente no âmbito das ciências exatas, no ramo da biologia, da engenharia, tanto um problema quanto uma solução desaparecem mais facilmente se comparado com o campo filosófico, como bem pontua Possenti (2018).

No campo da linguagem, as questões da ordem do discurso, principalmente as polêmicas que são inerentes aos debates em redes sociais, são complexas, e as produções de sentidos por meio da linguagem são determinadas pelas experiências individuais e também coletivas dos sujeitos produtores desses discursos. Dessa maneira, percebemos que

Não se lê a *Física* de Aristóteles como se leem sua *Política* ou sua *Retórica* – Uma boa ilustração de que em certos campos predominam as leis (que pretendem expressar a relação entre os enunciados e o real) enquanto em outras parecem predominar as relações entre enunciados e seus autores, isto é, a posição política ou ideológica (ou mesmo a vida) do autor pode ser tão relevante quanto suas teses (Possenti, 2018, p. 19-20).

Sendo assim, não cabe ao pesquisador da área do discurso ter uma postura radical em relação ao arcabouço teórico que ele elege para trabalhar em sua pesquisa e compete ao analista ter uma postura eclética, do ponto de vista epistemológico, para melhor explicitar e produzir saberes que destrincham e compreendem as materialidades inscritas nas superfícies da língua. Nesse sentido, não queremos dizer que o nosso objeto seja analisado conversando com todas as áreas do conhecimento, mas implica dizer que “Todos os campos são heterogêneos” (Possenti, 2018, p. 21), e, por isso, é preciso ter em mente que o humor é um campo, apesar de menos organizado que outros, e que ele deve ser concebido a partir de critérios comunicacionais ou funcionais, como afirma Possenti (2018).

A partir dessa ideia, de uma postura mais eclética para compreender e interpretar os sentidos da ordem do discursivo, é que também abarcamos como elementos importantes para a análise do *corpus* os dados languageiros de ordem tecnodiscursiva, uma vez que pensamos fazer uma análise mais rica, concebendo os discursos nativos digitais como um compósito em que podemos explorar os vários recursos linguísticos que significam a língua no mundo virtual e repercutem diretamente nas ações e nos comportamentos em sociedade.

Visando melhor situar o leitor para o entendimento e a compreensão das análises feitas nesta pesquisa, se faz necessário dizer que o humor é um dos ingredientes mais importantes para a promoção e circulação dos vários sentidos da língua. Ele tem uma função política e mobiliza o pensamento crítico através dos discursos. Contudo, nem sempre é compreendido dessa forma, uma vez que o discurso do “politicamente correto” permeia todas as instâncias da esfera da língua e há pautas que são muito caras ao humor, a exemplo de temas referentes à raça e a questões de gênero.

Possenti (2018), referindo-se às polêmicas que giram em torno da questão do humor, elenca uma série de observações necessárias para compreender o papel do humor como produtor de filiações e negações de sentidos. Não é nosso intuito explorar

todas elas aqui, porém colocaremos em pauta as que elegemos como mais necessárias para a compreensão das interfaces do humor para um processo autônomo e independente em se tratando das características desse tipo de gênero.

Possenti (2018) afirma que o humor, assim como a literatura, tem como objeto de criação qualquer assunto. Imperam no domínio desses campos assuntos polêmicos de qualquer natureza e que se relacionam à atividade linguageira do homem em sua dimensão política, sexual, material, religiosa, entre outras. Tais campos lutam constantemente para que a interdição não atinja suas criações nem tampouco controle sua arte, sob o viés do “politicamente correto”. Nessas esferas discursivas, deve imperar a ideia de que, nesses arcabouços textuais de ordem artística, há funções e práticas específicas que caracterizam tanto o texto literário quanto o humorístico, e “Com esta luta, mobilizando determinados argumentos, contribuem para delimitar – para tentar delimitar – o espaço da literatura ou do humor, em relação, por exemplo, ao direito ou à sociologia, à história, à política (Possenti, 2018, p. 27-28).

Vemos também que o humor abre um espaço rico de possibilidades para a produção dos sentidos, nem sempre compreendidos exclusivamente como arte, visto que alguns temas são polêmicos quando se trata de compreender o humor. Nesse caso, observamos que os comentários a respeito do etarismo, eleitos como *corpus* desta pesquisa, são repletos de críticas ao humorista Fábio Porchat, e tais materialidades discursivas atravessam e mobilizam sentidos não só no que concerne às materialidades em questão, mas também da esfera da própria vida privada do autor e produtor dos discursos do episódio “RESPONSÁVEL”. Diante desse fato, Possenti (2018, p. 29) assevera que há uma “reivindicação, por seus autores, de serem interpretados como quem estivesse brincando, assim como romancistas e outros ficcionistas, como cineastas ou autores de novelas, reivindicam leituras específicas”.

Um ponto crucial que gerou inúmeros comentários sobre a temática do etarismo levantada pelo vídeo do episódio “RESPONSÁVEL” foi a ideia de preconceito em relação às mulheres mais velhas, ressaltando que, embora os homens também passem por esse processo biológico de envelhecimento, as mulheres maduras são significadas nos espaços de poder de forma diferente, claramente expostas ao constrangimento por meio de discursos etaristas e que invalidam a figura feminina à medida que envelhece. É por isso que, através da aceção de Possenti, logo abaixo, evidencia-se que

Por outro lado, considera-se quase unanimemente que piadas racistas e machistas, por exemplo, divulgam e, por isso, incentivam e fortalecem discursos e comportamentos preconceituosos. Este é um tema que se tornou extremamente agudo recentemente, já que é afetado pelas denúncias e debates que se fazem pelas mídias e pelas redes sociais em uma época de mudança de valores, que incluem de maneira aguda especialmente questões de gênero, raça e moralidade (2018, p. 29-30).

Vale frisar que tanto o humor quanto a literatura constituem-se na base de vários gêneros discursivos: “da comédia à charge e aos trocadilhos, passando pelas crônicas e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas, comédias ‘em pé’, programas de rádio e de TV, canais no YouTube e pela exploração humorística de outros tipos de texto [...]” (Possenti, 2018, p. 28). Consoante a isso, nota-se que é um terreno complexo o campo do humor, e, para o olhar do analista, cabe apenas mostrar algumas das inúmeras possibilidades de como esses discursos significam, sem juízo de valor, nem tampouco pretendendo propor um sentido estanque, pois os discursos são passíveis de inúmeras leituras, que refletem as posições de seus leitores, por isso que “O humor, como a literatura, não se pretende ‘pragmático’, embora, eventualmente, existam defesas do papel cultural e até mesmo político das produções do campo” (Possenti, 2018, p. 29).

Para finalizar este tópico referente à função do humor na perspectiva analítica e discursiva que tratamos nesta pesquisa, concordamos com Possenti (2018) quando ressalta que, assim como as novelas, o humor e a literatura também têm suas próprias regras, suas especificidades, seu mundo e suas funções. Claro que sempre haverá uma correlação com a realidade, com temas contemporâneos à sociedade. Contudo, essa correlação está construída de acordo com o campo específico do humor, semelhante ao que acontece no campo da ficção, da literatura, por exemplo. O humor não tem a finalidade de intervir sociologicamente na realidade e nos espaços de poder, como pondera Possenti (2018).

Portanto, cabe aos leitores e sujeitos discursivos fazerem interpretações da forma que lhes for conveniente, dentro de suas perspectivas, possibilidades e valores ideológicos, em relação às materialidades que circulam na mídia (Possenti, 2018). Isso porque “a leitura é uma questão linguística, pedagógica e social ao mesmo tempo”, como descreve Orlandi (2012, p. 45). Nesse sentido, a perspectiva leitora e os comentários analisados nesta pesquisa, retirados de redes sociais, significam a

dependem da(s) história(s) de vida de cada sujeito leitor. Não cabe à Análise do Discurso fazer um julgamento de valor, mas sim mostrar o funcionamento da linguagem e a produção de sentidos no espaço social de interação da mídia.

4 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS EM CIRCULAÇÃO NO *FACEBOOK*: OS SENTIDOS PRODUZIDOS ACERCA DO ETARISMO

Neste capítulo, apresentamos as análises relacionadas aos comentários postados no vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” no *Facebook*, mostrando, nas sequências discursivas, os sentidos que sobressaem a respeito do etarismo a partir do posicionamento dos usuários da plataforma. Vale ressaltar que analisamos 11 SDs, eleitas como pertinentes na empreitada analítica que se propõe nesta primeira parte. Também ressaltamos que, para atender às nossas estratégias de análises, mobilizamos alguns recortes do vídeo de Cris Pàz como forma de melhor elaborar o processo de produção das análises propostas.

Nosso objetivo é promover uma análise e uma reflexão sobre como os sujeitos significam seus dizeres à luz dos recursos e estratégias linguísticas que melhor lhes servem para a produção dos sentidos vislumbrados a partir da sua posição ideológica e de seus contextos imediatos e mais amplos. Vejamos a primeira SD a seguir.

4.1 Primeira parte das análises

SD 01:

Giovanni Torino

É um fato... envelhecer sendo mulher. Nos programas de comédia as velhas “chatas” são praxe... a mãe chata/controladora, a namorada ciumenta, a vizinha fofoqueira .. E por ahi vai. Se assumir uma imagem natural (cabelos grisalhos , por exemplo) torna a mulher uma “bruxa” segundo muitos por ahi. Tá na hora disso acabar!

Em resposta ao vídeo “RESPONSÁVEL”, de autoria do Porta dos Fundos, surgiram vários dizeres na rede social *Facebook* e no *YouTube*, e há o vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, de autoria de um sujeito feminino, que provoca uma enxurrada de comentários ora legitimando determinado posicionamento da autora em contraposição à fala do vídeo do humorista Porchat, ora legitimando o discurso veiculado pelos dizeres do sujeito do vídeo “RESPONSÁVEL”, dependendo das interpretações e leituras que os internautas fazem dos sentidos materializados em tais dizeres. Nessa perspectiva, nos apoiamos em Gregolin (2001, p. 65) ao dizer que “Ao inscrever sua leitura no texto, o autor se mostra como sujeito de um fazer e traz o corpo para a fala enunciativa”. Dessa forma, os sentidos a respeito do etarismo

significam a partir da posição discursiva, do “lugar de fala” do sujeito leitor e enunciador, logo atestamos também que a fala da enunciativa se traduz em um desabafo sobre a questão em pauta.

Na SD 01, vemos que a enunciativa produz um efeito de realidade, modalizando e construindo uma imagem de que a velhice, relacionada ao sujeito-feminino, “é um fato...” Na ótica desse sujeito, a aceitação do efeito de que as coisas são assim mesmo o paralisa, no entanto, na oração, no final da SD: “Tá na hora disso acabar!”, se constrói um significado imperativo de que se deve romper com tal paradigma e deixar de ser conivente com as práticas de caráter preconceituoso, da ordem do etarismo, principalmente nos meios de comunicação. O sujeito textualiza seu dizer enumerando lugares-comuns de onde parte essa visão depreciativa não só sobre o envelhecimento, mas a respeito de outros sentidos, como a questão de assumir a sua identidade feminina nos espaços de poder, e diz que é na mídia, mais precisamente nos programas de comédia, que os discursos de preconceito acontecem.

Ao construir seus argumentos utilizando os predicativos chata/controladora, ciumenta, fofqueira em torno da figura feminina, temos um sujeito afetado pela “realidade” que o cerca e vemos o levantamento de uma espécie de questionamento do sujeito discursivo ao elencar como muitas mulheres são estereotipadas, assim discursivizando suas percepções utilizando o mecanismo da exemplificação a respeito de como e onde os discursos intolerantes são mais comuns. Desse modo, o sujeito-autor da SD 01 nos mostra uma importante função dos enunciadores à medida que leva os internautas a “Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem” (Orlandi, 2015, p. 7). No discurso do enunciador, vemos a relação entre linguagem e cotidiano, uma vez que mostra que os programas de comédia “legitimam” e “normalizam” esse olhar de depreciação acerca da velhice por meio de adjetivos de cunho negativo.

Na SD 01, no enunciado “Se assumir uma imagem natural (cabelos grisalhos, por exemplo) torna a mulher uma “bruxa” segundo muitos por ahi”, percebe-se que o sujeito-autor, ao destacar a palavra bruxa entre aspas, mobiliza dizeres implícitos e inscritos na memória discursiva e permite que os sentidos se textualizem, nos remetendo, de certa forma, ao mito e à criminalização das mulheres, originado pela caça às bruxas na Europa nos séculos XVI e XVII, e, com base em Pêcheux (2015),

vemos surgir no sentido da palavra “bruxa” a remissão a um acontecimento histórico que, ativado pela memória, se inscreve nos dizeres do enunciador. Dessa forma, “Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (Pêcheux, 2015, p. 44).

Fazendo um contraponto discursivo entre o paradoxo “imagem natural” versus “imagem não natural”, poderíamos indagar, à luz do interdiscurso, os efeitos de sentido entrelaçados nos fios dos discursos materializados na SD 01 e no excerto logo abaixo, retirado do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, partindo do seguinte questionamento: o que é uma imagem natural? Seria a mulher assumir seus cabelos grisalhos mesmo diante de toda profusão de significados negativos, cristalizados até então, sobre o envelhecimento, numa concepção de imagens criadas por meio da abstração de padrões de beleza, e a proposição de que ser belo é ser jovem e que a aceitação dos cabelos brancos seria uma conformação à passagem do tempo, à perda de vivacidade, e, por que não dizer, utilidade da mulher, diante de uma sociedade proativa, ou seria uma forma de rompimento com os paradigmas em voga? Desta feita, o sujeito enunciador da passagem abaixo se insurge sobre as práticas de linguagem comumente aceitas nos espaços de poder. Atentemos para os sentidos produzidos a partir dos dizeres a seguir:

[...] Pois é, então coloque aí na sua lista: idadísmo ou ageísmo ou etarismo, têm vários nomes, mas é um só. E olha que interessante, esse preconceito pode vitimar até quem nunca sofreu preconceito, um homem branco, hétero, de classe alta, como você, certamente vai sofrer etarismo num futuro próximo se as coisas não mudarem. É só uma questão de tempo. E sabe quem mais perde além de você? O mercado, que ainda não entendeu que o Brasil está definitivamente envelhecendo, que as mulheres maduras, acima de 50 anos no Brasil já são 29 milhões, mais precisamente 13,7% da nossa população. As mulheres maduras respondem por 50% do consumo global, mas muitas vezes, sequer, são consideradas nos briefings das grandes campanhas publicitárias, uma miopia do mercado, que prejudica o próprio mercado. Pra vender produtos pras mulheres maduras, as marcas usam mulheres jovens, ou pior, poucas marcas produzem pra esse mercado, capaz de responder a um potencial desse tamanho de consumo [...] (Cris Pàz, 2021).

No discurso do sujeito do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, observa-se uma passagem que atrela e convida o mercado da moda e a indústria da beleza a se

importarem com o fato de que a mulher de hoje é significada de várias outras maneiras, em que elas vivem mais, como mostram as estatísticas na casa dos milhões ressaltadas pela enunciadora. Essa estratégia do sujeito enunciador demarca uma certa indução e uma forma pedagógica do discurso, a partir do qual se convidam etaristas a enxergarem suas práticas de exclusão com base no que os dados já mostram: o conceito de velhice deve ser atualizado e significado para acompanhar as reais necessidades de ordem não só material, mas também afetiva do sujeito mulher. Vemos aí sentidos que se abrem para uma propaganda publicitária da mulher madura, discursivizada pela enunciadora, que também joga com as suas posições ideológicas e com as formações discursivas emanadas da teoria de Pêcheux – mesmo que talvez inconscientemente – dos mecanismos linguístico-discursivos que produzem tais efeitos.

O discurso anterior se textualiza de modo a produzir sentidos outros sobre a mulher madura. Ela não está morta e está pronta para protagonizar sua vivência em conformidade com as escolhas de suas relações sociais, como, por exemplo, no âmbito do romance, no âmbito das relações íntimas e, sobremaneira, como uma forma de autoaceitação da passagem do tempo, sem abrir mão da sexualidade, da sua permanência na sociedade como detentora do poder de escolha, pois tais sujeitos são coadjuvantes, mas também protagonistas no descortinar das várias fases da vida, no caso estudado aqui, na fase da “velhice”, que não é significada da mesma forma que antes por muitos sujeitos.

Voltando ao início do contraponto sobre o paradoxo “imagem natural” versus “imagem não natural”, poderíamos também indagar sobre as funções e os sentidos que “o mito da beleza”, através da indústria da beleza, exerce nos corpos das mulheres quando as impulsiona a fazerem procedimentos estéticos para emoldurarem uma aparência jovial, que se aproxima de um padrão de uma “imagem natural”, mesmo em detrimento da passagem do tempo.

Em contrapartida, o discurso do sujeito em “#ATUALIZAPORCHAT” produz leituras e significados que conversam com novos jogos de sentidos, que convidam, por meio da linguagem, as mulheres maduras a aceitarem as metamorfoses atravessadas pelo corpo e a reivindicarem, a partir de insurgências que se relacionam com os estatutos de poder emanados da mídia, o estabelecimento de um mercado de consumo que não é beligerante à causa feminina proposta nas materialidades em questão. Almeja-se um mercado que produza bens de consumo também para as

mulheres maduras e não as exclua, como até então o faz, com a propaganda que endeusa uma juventude eterna, com a venda de produtos que se encaixam em corpos magros e jovens, fazendo com que a mulher madura tente se encaixar nesse padrão.

Voltamos ao início da pergunta que não quer calar, mesmo a despeito das profusões elencadas pelas discursividades da mídia, que advoga um “status quo” que acredita ser “o mito da beleza” o caminho mais prodigioso a seguir: afinal, o que é uma imagem natural? No sentido do embasamento da epistemologia teórica tratada aqui, diríamos que o sujeito assume determinada imagem por uma atitude simbólica e da ordem do imaginário que é sustentada pelo sujeito de acordo com as posições que ele assume. Dessa forma, o sujeito mulher do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” problematiza e traz discursividades antes deixadas de lado, principalmente sobre os sentidos múltiplos acerca da ideia de imagem natural corporificada pela mídia. Há um discurso de autoidentificação e autoaceitação como forma positiva por parte da enunciadora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” como maneira de propagar novos modos de funcionamentos linguísticos e discursivos que refletem, por sua vez, novos olhares e, ao mesmo tempo, podem influenciar práticas outras de relações entre os sujeitos.

Analisando como as palavras, ligadas a um contexto mais amplo, determinam múltiplos sentidos em relação ao sujeito feminino, em Federici (2017, p. 309) vemos que a palavra “bruxa” era demonizada em várias partes da Europa, e “Na Inglaterra, as bruxas eram normalmente mulheres velhas que viviam da assistência pública, ou mulheres que sobreviviam indo de casa em casa mendigando pedaços de comida, um jarro de vinho ou de leite [...]”. Notamos que mulheres tidas como bruxas são estigmatizadas não só pela aparência, mas também pela sua posição social. Ainda sobre as bruxas, nessa mesma estudiosa encontramos o seguinte:

Embora a caça às bruxas estivesse dirigida a uma ampla variedade de práticas femininas, foi principalmente devido a essas capacidades – como feiticeiras, curandeiras encantadoras ou adivinhas – que as mulheres foram perseguidas, pois, ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado, dando confiança aos pobres em sua capacidade para manipular o ambiente natural e social e, possivelmente, para subverter a ordem construída (Federici, 2017, p. 314).

Através da textualização e discursivização das palavras do enunciador da SD 01, vemos que são mobilizados sentidos sobre o sujeito feminino que jogam com a

história e recrutam dizeres inscritos em outros lugares e épocas, mas atualizados para atender a um contexto imediato da comunicação na rede social *Facebook* como forma de mobilizar dizeres sobre a problematização do fato de a mulher envelhecer na sociedade atual. O emprego da partícula de contingência “se” demonstra o medo e a impossibilidade de o sujeito feminino assumir “uma imagem natural” em relação ao seu corpo, uma vez que a mulher está sujeita aos julgamentos alheios. Mesmo através de um dizer opaco, não transparente, podemos ver que o funcionamento do discurso do sujeito da SD 01 joga com e mobiliza os sentidos instituídos no passado concernentes à perseguição às mulheres. E, assim, podemos articular e ler esse movimento de hoje como uma determinada ditadura do corpo, que vem sendo reatualizada de tempos em tempos. Diante disso, observamos que

A caça às bruxas foi também instrumento da construção de uma nova ordem patriarcal em que os corpos das mulheres, seu trabalho e seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos. O que quer dizer que os caçadores de bruxas estavam menos interessados no castigo de qualquer transgressão específica do que na eliminação de formas generalizadas de comportamento feminino – que já não toleravam e que tinham que se tornar abomináveis aos olhos da população (Federici, 2017, p. 305-306).

Quando lemos em Federici (2017) a ideia de que a mulher era julgada “aos olhos da população” no passado, devemos dizer que hoje, na sociedade atual, perduram as mesmas práticas de julgamento do comportamento feminino, no entanto atualizadas e nos moldes da sociedade na qual estamos inseridos. Baseados em Pêcheux (2015), atestamos que as materialidades discursivas nessa SD estão estruturadas de forma complexa e nos remetem a uma dialética que repete sentidos que já estiveram em outros lugares e, pela regularidade, diremos que

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 2015, p. 46).

Hoje temos significados da palavra bruxa sendo reatualizados, reformulados, ligadas à ditadura da beleza em circulação nas redes sociais. Se, antes, as mulheres eram subjugadas por enfeitiçarem o sujeito do gênero oposto por seus predicativos

de beleza, volúpia, vaidade, agora temos uma mulher condenada se não adere aos padrões e às ditaduras de beleza vigentes. No passado, as mulheres eram tidas como bruxas porque muitas eram julgadas já envelhecidas, com base nos crimes imputados a elas como praticados no passado, quando ainda eram jovens e possuíam os predicativos da beleza. Dessa forma, a beleza sempre foi um elemento que oprimiu de diversas formas.

Notamos que o autor da SD 01 discursiviza a palavra “envelhecimento” como uma forma de protesto contra a maneira como as mulheres são tratadas hoje; nesse sentido, vemos uma desestabilização, uma disjunção do sentido da beleza significada no passado, uma vez que tanto no vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” quanto na SD 01 os discursos em funcionamento se estruturam por uma redefinição do que vem a ser hoje o significado de ser belo, que não pode estar ligado aos padrões que a sociedade capitalista e tecnológica nos dita. Um outro sentido fundamental materializado no discurso do vídeo em questão e na SD 01 que tem inflexão com as pautas de lutas das “bruxas” do passado e das de hoje é, como se pode elencar, a questão da militância pela liberdade de a mulher ser quem ela gostaria de ser ou pretende ser. O discurso do enunciador da SD 01 marca um sentido de protesto por meio da expressão “Tá na hora disso acabar!”.

Em Gregolin (2001), vemos que os sentidos dos dizeres são produzidos no processo discursivo, e o mecanismo que faz esse acontecimento é a possibilidade de interpretação por parte do sujeito-leitor. Há uma relação de causalidade de sentidos entre o sujeito, a materialidade linguística e a história. Desse modo, as SDs que analisamos nesta pesquisa representam “uma simulação da evidência e da completude do sentido, o texto é apenas uma rota que indica outros lugares para a interpretação” (Gregolin, 2001, p. 70).

É sabido que a teoria do discurso francesa que embasa as análises dispostas aqui, tal qual assevera Michel Pêcheux, põe a ideologia em evidência para mostrar que as formações discursivas refletem lugares e posições por parte do sujeito enunciador e manifestam

[...] o caráter não fortuito, mas absolutamente necessário, da dupla forma (“empírica” e “especulativa”, na terminologia de Th. Herbert) do assujeitamento ideológico, que permite compreender que o pré-construído, tal como o redefinimos, remete simultaneamente “àquilo que todo mundo sabe”, isto é, aos conteúdos de pensamento do “sujeito universal” suporte da identificação e àquilo que todo mundo,

em uma “situação dada”, pode ser e entender, sob a forma das evidências do “contexto situacional” (Pêcheux, 2014 [1988], p. 158).

Desse modo, o sujeito, na ilusão de reconhecimento de uma dada realidade, fala através de posições, sem reconhecer as determinações que o constituem e assim produz dizeres esquecidos, e vemos que os sujeitos são interpelados pela ideologia, como atestamos em Pêcheux (2014). Passemos à análise da sequência discursiva a seguir, a qual demonstra a relação entre os já-ditos e esquecidos e integra um dos mecanismos de produção dos sentidos em AD.

SD 02:

Vicente Lou

Não vi preconceito algum no vídeo, é apenas uma brincadeira sem conexão com esses seus argumentos. Você diz que envelhecer é bom porque a gente se preocupa menos com a opinião dos outros e fica superafetada com uma sátira?

Na SD acima, vemos que o sujeito discursivo constrói seu argumento favoravelmente aos dizeres do vídeo “RESPONSÁVEL”, de maneira que interroga a autora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” diante da sua afirmação em dizer não se importar com a opinião alheia quando produz no vídeo a seguinte SD: “E sabe o que é mais legal? A gente ganha uma certa flexibilidade até pra mudar de opinião – Porque a gente não liga pra opinião dos outros como antes”. Além disso, nota-se que a SD 02 também aponta uma certa contradição da autora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, demarcando que diz não se importar com a opinião dos outros, no entanto produz uma contradição do sujeito ao problematizar o vídeo “RESPONSÁVEL” no espaço virtual.

A expressão esses seus argumentos, colocada pelo sujeito da SD 02, tenta arrematar de uma só vez todos os dizeres discursivizados pela enunciativa do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” e, ao mesmo tempo, se percebe uma tentativa de desqualificar os sentidos postos por ela ao inscrever nas materialidades discursivas as “suas percepções” sobre o etarismo problematizado no vídeo. Logo, atestamos que a posição do enunciador da SD 02 diverge da posição do sujeito do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, bem como dos dizeres analisados na SD 01.

A força da interpelação dos sujeitos a uma determinada ideologia se dá com base em elementos da exterioridade, dos discursos reiterados a partir da crença e da interpelação por ideologias. Portanto, a circulação e os movimentos dos dizeres

dependem da formação discursiva, isso porque “A produção de sentido é parte integrante da interpelação do indivíduo em sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é ‘produzido como causa de si’ na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso” (Pêcheux, 2014 [1988], p. 237-238).

Na SD que segue, mostraremos que há uma correlação entre a paráfrase e a produção de sentidos quando os discursos são interpretados através de uma rede de filiações estabelecidas pelo interdiscurso. Dessa maneira, observemos e analisemos a SD selecionada.

SD 03:

Catarina Francelino

Falou tudo. Quem não se lembra quando surgiu a música panela velha? Um estrofe fala “ela é madura e tem mais de trinta anos”

Hj em dia mulher com trinta anos está só começando.

Ao trabalharmos as análises das SDs apresentadas nesta pesquisa em conformidade com o pensamento de Orlandi (2012), defendemos que os processos de construção dos sentidos são mais fortes que a formulação dos dizeres, pois é na constituição que se encontram a falha, o não-dito, enfim, o equívoco da língua, inscrita na história. Portanto, na SD 03, vemos que o discurso da enunciativa parte de uma metáfora e de uma interação com os internautas sobre a relação da velhice com a música “Panela velha”. Percebemos aí um deslizamento de sentido, uma vez que a letra da música faz referência a mulheres com mais de 30 anos, chamadas de coroas, no entanto, embora haja essa clara transparência de sentido proposta pelo autor da música, defendendo a ideia de que mulheres com mais de 30 anos possuem predicativos atrativos para um relacionamento, o que o sujeito enunciador quis evidenciar em seu discurso no comentário na rede social *Facebook* vai além do que propôs a música mencionada no passado.

Nos tempos atuais, o termo “panela velha”, que na ocasião e no contexto históricos imediatos demonstrava uma certa coerência, a partir da historicização dos significados do sujeito mulher, hoje sofreu deslizamentos pelo sentido social e político desse dizer. Percebemos a importância da relação do sujeito com a história, e é necessário enfatizar, sob a perspectiva discursiva em que se fundamenta esta pesquisa, os elementos que contribuem para a subjetivação dos dizeres e a importância do sujeito-autor, mesmo a despeito dos mecanismos que fazem com que

haja o esquecimento, estruturante para a produção e atualização dos dizeres. A partir disso, a autoria “deve ser pensada em relação ao público, à multiplicação da repetição e à quantidade. Isso certamente faz efeito sobre a forma da função-autor e, correspondente, do efeito-leitor” (Orlandi, 2012, p. 183). Ademais, ainda baseados nessa estudiosa, percebemos que um novo tipo de memória se estabelece nos espaços de produção dos dizeres; nos referimos à memória metálica, que se estrutura em novos modos de não esquecer, colocando a metáfora em outro lugar, enfim, vemos a textualização se costurar consoante as novas formas de autoria no espaço da rede social, que proporcionam o debate, a polêmica e a discursividade em torno de um tema.

Entretanto, na origem da expressão “panela velha”, temos a paráfrase que joga com os sentidos, embora, nos tempos atuais, a significação tenha ganhado um sentido polêmico, pois a palavra “panela” desperta, em volta de seu campo semântico, uma série de significações sobre o sujeito feminino, com o advento das teorias feministas, da inserção da mulher no mercado de trabalho, da luta por igualdade de direitos, e com isso podemos ter uma crítica à questão da mulher como senhora do lar, cuidadora dos filhos e do esposo, sem uma remuneração monetária por essa função. Vemos, assim, a questão da objetificação da mulher para atender às necessidades domésticas e sexuais do sujeito masculino.

Em Federici (2019), encontramos os questionamentos sobre como o trabalho reprodutivo tem ganhado novas configurações na economia global, e, junto com elas, há um novo reposicionamento e uma remodelagem concernentes à divisão sexual do trabalho, bem como às relações entre os sujeitos femininos e masculinos. Então, esse discurso de que “panela velha é que faz comida boa” é desestabilizado, seja do ponto de vista de subserviência sexual, seja do ponto de vista doméstico, que atrela o “significado” da mulher em relação ao lar, uma vez que o mapa descritivo do mundo do trabalho tem se adequado às exigências imediatas da economia mundial. Nesse sentido, vemos que

Como a participação das mulheres no trabalho assalariado aumentou imensamente, sobretudo nos países do “Norte”, grandes cotas de trabalho doméstico foram retiradas do lar e reorganizadas no mercado por meio do crescimento da indústria de serviços, que agora constitui o setor econômico dominante do ponto de vista do emprego assalariado. Isso significa que, agora, mais refeições são feitas fora de casa, mais roupas são lavadas em lavanderias ou em tinturarias a

seco, e mais alimentos são comprados já prontos para o consumo (Federici, 2019, p. 224).

A partir da pergunta discursivizada pelo sujeito da SD 03: “Quem não se lembra quando surgiu a música panela velha?”, pode-se inferir novos dizeres, relacionados aos dados elencados antes à luz de Federici (2019), e é por conta da historicização do sujeito feminino que podemos demonstrar os modos de funcionamento discursivo produzidos pela enunciadora da SD 03, e, consoante a isso, diremos que a metáfora se faz presente e produz um sentido social e político em torno do sujeito mulher, se filiando à história, fazendo da análise dessa SD uma compreensão da produção de significados, consubstanciados pela teoria da AD, como vemos em Orlandi (2012).

Embora as interpretações sobre a SD 03 concorram para a explicitação dos funcionamentos discursivos, da mobilização dos dizeres, manifestamos, aqui, que os dizeres se constroem ao sabor da incompletude e da abertura para sempre novas interpretações, e cada gesto de leitura, e também cada gesto analítico, é único, sempre propenso a novas formas de análise. Portanto:

Nessas novas formas, mantêm-se a incompletude e a dispersão, embora a vontade da onipotência de um dizer total, onnipresente, se reforce. Mas trata-se sempre da formulação da discursividade. São nossas “ilusões” que se alternam ao compasso da intrincada relação entre ciência-tecnologia-administração que preside ao gerenciamento de nossas relações com os sentidos, na divisão do trabalho da leitura, na injunção aos modos de interpretar. Cada vez mais se insistindo sobre o mesmo e cada vez mais deixando escapar o diferente. Ainda a questão da variação (Orlandi, 2012, p. 183).

Dessa forma, a SD 03 deixa em aberto outros sentidos inscritos nos fios discursivos do intradiscurso, e várias outras discursividades e outros interdiscursos poderiam ter sido mobilizados, no entanto, por ora, passaremos à análise da próxima SD, uma vez que, ao longo dela, podemos mostrar as relações de sentidos trazidas à baila pelas três SDs já analisadas.

É fato que nas redes sociais os sujeitos, através das suas interações, trocam conhecimento e também constroem determinadas formas de pensar e agir. Por meio das suas opiniões como forma de atender e responder a questões emergenciais da ordem da comunicação do pensamento, das ideias, da linguagem e do sujeito, tomam forma através dos acontecimentos textualizados nos discursos. No entanto, essa rede de estabelecimentos de comunicação é composta por “uma massa heterogênea de

sujeitos” que produzem efeitos de sentido diversos nos espaços de poder, que refletem posições ideológicas advindas da formação discursiva com a qual se identificam. Assim, “Temos um sujeito individualizado, caracterizado pelo percurso bio-psico-social” (Orlandi, 2012, p. 107), e então é aí que vemos “morar” o estatuto do simbólico, da história e do efeito da ideologia.

Passemos à análise da SD 04:

Terezinha Marques

Envelhecer não é o problema, triste mesmo é o preconceito contra o envelhecimento. É preciso pautar também o tema de discriminação geracional juntamente com os demais preconceitos.

O etarismo ou ageísmo, infelizmente, está aí causando estragos emocionais e psíquicos em muitos/as de nós.

Os padrões que definem capacidade, potencialidade, beleza também afetam os/as que envelhecem e, ao contrário, de comemorarmos a vida em nossos corpos não mais jovens, sofremos com o desrespeito e com a discriminação.

Transformamos nossos corpos em peças de experimentação para as cirurgias plásticas e para o uso de produtos que nos apagam as marcas de identidade com o único objetivo de sermos aceitos/as e cabermos nos “padrões” estéticos exigidos por uma sociedade adoecida.

Como pontua Orlandi (2012, p. 14), “o discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois”. Dessa forma, vemos que o discurso da SD 04 se textualiza em consonância com os dizeres do enunciador do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, uma vez que os sentidos nele expressos não são uma negação sobre o fato do envelhecimento. O sujeito do discurso problematiza, juntamente com os dizeres da SD 04, o modo como as pessoas concebem o envelhecer.

Wolf (2020) assevera que, por muito tempo silenciadas, as mulheres em 1970 saíram às ruas em busca de conquistar direitos a elas sempre negados, e esse ano é marcado pelo renascimento do feminismo, pois nessa época as mulheres ocidentais conquistaram direitos legais e reprodutivos, muitas conseguiram ter acesso ao Ensino Superior, adentaram o mundo dos negócios e ocuparam profissões no campo liberal, antes direcionadas apenas ao gênero masculino. Também houve uma reviravolta no sentido reflexivo em que se desfizeram crenças e mitos quanto à sua função e ao seu papel na sociedade.

Embora citemos as conquistas e lutas do ano de 1970 como um marco importante para o movimento feminista, novos obstáculos surgem e fazem com que

as mulheres estejam presas à ditadura do poder masculino. Se, antes, elas se sentiam acorrentadas e limitadas por serem destinadas e confinadas ao reduto do lar, agora enfrentam a ditadura do mito da beleza, a partir do qual seus corpos são comparados e estigmatizados pelos padrões estéticos de uma sociedade que põe o lucro acima dos princípios morais e éticos, desconsiderando o bem-estar do sujeito feminino. Assim, “Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas” (Wolf, 2020, p. 25).

Na SD 04, temos uma oração recoberta pela força de um sujeito na voz ativa, com a expressão “O etarismo ou ageísmo, infelizmente, está aí causando estragos emocionais e psíquicos em muitos/as de nós”. Nessa afirmação, notemos que o uso do advérbio de intensidade *muitos(as)*, no plural, recobre de sentidos tanto os sujeitos femininos quanto os masculinos como sendo afetados(as) pelo preconceito em relação à idade. Na verdade, o sujeito-autor do discurso da SD 04 põe em evidência a prática do preconceito dos mais jovens com relação ao tratamento das pessoas com mais idade, discursivizando com a chamada em letras garrafais do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, mediante suas condições de produção, descritas em Pêcheux como “as *determinações que caracterizam um processo discursivo*, seja as *características múltiplas de uma ‘situação concreta’* que conduz à ‘produção’, no sentido linguístico ou psicolinguístico deste termo, da superfície linguística de um discurso empírico concreto” (Pêcheux; Fuchs, 2010, p. 182).

O sintagma “Transformamos nossos corpos em peças de experimentação para as cirurgias plásticas e para o uso de produtos que nos apagam as marcas de identidade com o único objetivo de sermos aceitos/as e cabermos nos “padrões” estéticos exigidos por uma sociedade adoecida”, da SD 04, mesmo de forma inconsciente, insere os sujeitos como um todo numa sociedade em que se praticam o desrespeito e a discriminação contra as pessoas idosas e em que as mulheres são vítimas.

Sendo assim, vemos em Wolf (2020, p. 26) a descrição de uma realidade que coloca o sujeito feminino em um paradoxo que relativiza a sua liberdade e algumas conquistas, pois, apesar de “abrir uma brecha na estrutura de poder”, o sujeito feminino encontra-se preso a outras estratégias de poder que enfraquecem a ideologia dos movimentos feministas, e ainda causa estragos no ego das mulheres o mito de um certo padrão de beleza que aparece sempre em novas vestes e

estratégias, tentando desviar as suas atenções para as pautas femininas de combate às desigualdades de gênero. Esse fato se reflete no aumento do número de transtornos de ansiedade, na busca por cirurgias plásticas, vislumbrando atingir uma estética e um padrão de beleza impostos pela mídia. Podemos relacionar os sentidos materializados no sintagma em destaque à seguinte ideia:

Pesquisas recentes revelam com consistência que, no mundo ocidental, entre a maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e equilibradas, existe uma “subvida” secreta que envenena nossa liberdade: impregnada de conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle (Wolf, 2020, p. 26).

Analisando como os fios discursivos da SD 04 são materializados, percebemos que o sujeito-autor do discurso, em uma estratégia que utiliza a primeira pessoa do plural implícita, “nós”, depõe contra as práticas agressivas da ditadura da beleza, que colocam os corpos das mulheres em constante sofrimento por meio de cirurgias plásticas como forma de alcançar a perfeição.

Ainda em Wolf, podemos atestar que o mito da beleza se traduz como uma reação de violência contra o sujeito feminino à medida que utiliza as imagens da beleza do sexo feminino “como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza. Ele é um reflexo social em vigor desde a Revolução Industrial” (2020, p. 26-27). Ainda com base nessa estudiosa, podemos reconhecer que mesmo se libertando da “Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social” (Wolf, 2020, p. 27).

A Análise do Discurso de linha francesa herda um sentido imprescindível de ideologia de Althusser, que foi adaptado em Pêcheux, face aos mecanismos que nos ajudam a explicar o porquê de o sujeito discursivo agir de determinada maneira diante de tantas outras possibilidades discursivas e de pensamentos, uma vez que a ideologia é concebida como uma “‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições de existência” (Althusser, 1985, p. 85). Em consonância com o pensamento desse mesmo autor, elencaremos a próxima análise no consenso de que “A ideologia tem uma existência material”, a qual nos possibilita ver nos entremeios dos discursos o papel que os Aparelhos Ideológicos de Estado

(AIE) exercem sobre os corpos das pessoas, no caso específico aqui, no corpo do sujeito feminino.

Segundo Brandão (2012), os Aparelhos Ideológicos de Estado compreendem as instituições, tais como a escola, a religião, a família, o direito, o sindicato, a política, a cultura e a informação, que moldam os sujeitos, influenciando-os e exercendo certa pressão sobre eles pela força da ideologia.

Passemos à análise da próxima SD.

SD 05:

Vilma Graça

Esplêndido; não preciso dizer mais nada, pois disse absolutamente tudo! Obrigada É a mais autêntica e atualizada de todos os tempos. Estou na porta dos 45 anos e a uns 4 anos já sinto muitas modificações desde a forma de tratamento principalmente no profissional, pois faço parte da grande massa que luta por vaga de emprego no trabalho; uma vez reconhecendo-me não menos capaz capaz que as mais jovens gerações, uma vez que deveriam nos complementar, unir e não criar barreiras que sirvam de impedimento. Quem são os médicos, professores e demais profissionais que atenderam as necessidades das gerações mais jovens...A última oportunidade que eu tive de estar empregada eu ouvia colegas dizer que o currículo a, b, c, se tratava de senhoras, pois eram velhas; nem sei explicar o que sentia; os jovens mudam de sonhos a todo tempo e quem os iriam substituir em tal empresa!? É nova ou é velha? Isso precisa ser extinguido! Sabemos que esses rótulos vieram de fontes nada confiáveis infelizmente. Novinha é uma mulher de mente renovada e renomada exatamente como és! Sempre respeitei pessoas maduras, até mesmo por ter ongevidade de sua maturidade, conhecimento. Estão tratando a ongevidade com descaso eu acho inadmissível.

Na primeira parte do excerto analisado da SD 05, vemos que o discurso da enunciadora reafirma as posições constituídas do vídeo “#ATUALIZAPORTCHAT”, de forma a concordar que a velhice é um entrave de ordem material e política à vida de muitas mulheres. A afirmação “Estou na porta dos 45 anos e a uns 4 anos já sinto muitas modificações desde a forma de tratamento principalmente no profissional, pois faço parte da grande massa que luta por vaga de emprego no trabalho; uma vez reconhecendo-me não menos capaz capaz que as mais jovens gerações, uma vez que deveriam nos complementar, unir e não criar barreiras que sirvam de impedimento” desestabiliza o argumento de alguns sobre a questão da maturidade, a experiência, como sendo um fator positivo de empregabilidade, destoando, assim, do pensamento da letra da música “Panela velha”: “Ela é madura e tem mais de trinta anos”, como descrito na SD 03. Vemos também que a afirmação “Hj em dia mulher

com trinta anos está só começando” não passa de uma linguagem mercadológica da indústria da beleza a fim de lucrar com o “mito da beleza feminina”.

Em Orlandi, atestamos que todo discurso reclama um sujeito interpelado pela ideologia; dessa maneira, “A ideologia, por sua vez, é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários” (2012, p. 31). Desta feita, apontamos que o discurso da SD 05 joga com a produção e mobiliza enunciados sobre a questão da atuação e da concepção do sujeito feminino no mercado de trabalho. Percebe-se, nesse contexto, que juventude e beleza estão implicadas. Vale frisar também que a constituição dos sentidos sobre o etarismo se dá numa relação entre língua, sujeito e história, cercada pelas relações implícitas entre linguagem e mundo:

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e consciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (Orlandi, 2015, p. 45).

Fazendo uma retrospectiva não tão longa sobre o valor da beleza a partir de Wolf (2020), concordamos que o mito da beleza foi decisivo para manter as relações econômicas, e, no século passado, havia uma prática de casamentos burgueses que induzia as mulheres a valorizarem sua beleza como parte do sistema econômico. Para essa estudiosa, no tempo em que o movimento feminista abria caminhos e as inseria no mercado de trabalho, elas passaram a se acostumar com o fato de a beleza ser um requisito avaliado como um bem. Dessa forma, “À medida que as mulheres iam exigindo acesso ao poder, esta estrutura recorreu ao mito da beleza para prejudicar de modo substancial o progresso das mulheres” (Wolf, 2020, p. 39).

A constituição e a elaboração dos sentidos discursivos presentes na SD 05 nos fazem perceber que, mesmo jogando com o inconsciente, o enunciador possibilita enxergar articulações com dizeres já instituídos num contexto mais amplo. Portanto, vale lembrar que “no nível da formulação, o sujeito já tem sua posição determinada e ele já está sob o efeito da ilusão subjetiva, funcionando ao nível imaginário, afetado pela vontade da verdade, pelas suas intenções, pelas evidências do sentido e pela ilusão referencial (a da literalidade)” (Orlandi, 2012, p. 50). Falamos que, mesmo sem

imaginar as possíveis projeções que o discurso toma em sua relação com outros dizeres, o sujeito enunciador tem a ilusão de que está inaugurando um discurso novo ao defender seu ponto de vista, que, neste caso, é destoante de qualquer preconceito da ordem do etarismo.

Ao exercer os gestos de interpretação nas materialidades discursivas analisadas na SD 05, notamos que a posição ideológica da enunciativa vê com certa clareza que os ideais de beleza e juventude ligados às questões de produtividade são prejudiciais às mulheres, uma vez que sofrem na pele porque já beiram “na porta dos 45 anos”, como pontua também a SD 04. No entanto, esse constructo significado pela enunciativa vem de outros lugares, como atestamos na história do trabalho feminino elencada por Wolf, que assevera que “O mito da beleza foi institucionalizado nas duas últimas décadas como um transformador entre as mulheres e a vida pública. Ele liga a energia feminina à máquina do poder, alterando essa máquina o mínimo possível para aceitar a energia” (2020, p. 39-40).

No enunciado “A última oportunidade que eu tive de estar empregada eu ouvia colegas dizer que o currículo a, b, c, se tratava de senhoras, pois eram velhas; nem sei explicar o que sentia”, a enunciativa estabelece uma relação implícita no tocante a não sororidade entre as mulheres, uma vez que o mito da beleza atrapalha tanto a autoestima como também a união entre elas. Elas lutam entre si pela colocação no mercado de trabalho, fazem comparações tendo em vista um determinado padrão de beleza, e assim “É mais difícil encontrar a solidariedade quando as mulheres aprendem a se ver mutuamente em primeiro lugar como beldades. O mito faz com que as mulheres acreditem que é cada uma por si” (Wolf, 2020, p. 90). Dessa forma, há discriminação e preconceito por parte delas mesmas, e podemos atestar isso com estes enunciados: “É nova ou é velha? Isso precisa ser extinguido! Sabemos que esses rótulos vieram de fontes nada confiáveis infelizmente”.

Em contrapartida, não vemos esses discursos do etarismo como uma prática no meio masculino, eles quase não existem. Segundo Wolf (2020), houve, com o advento da entrada da mulher no mercado de trabalho, o estabelecimento referente à Qualificação de Beleza Profissional, que atrasou e ainda é um obstáculo para o avanço de pautas feministas. Para essa estudiosa:

O corpo dos homens e o das mulheres são comparados de um modo que simboliza para ambos os sexos a comparação entre a carreira dos

homens e a das mulheres. Não se espera também dos homens que mantenham uma aparência profissional? Sem sombra de dúvida. Eles devem se inserir num certo padrão de boa apresentação, habitualmente trajados num estilo uniforme e adequado ao contexto. Entretanto, fingir que a existência de padrões para a aparência masculina significa que os dois sexos recebem tratamento igual é ignorar o fato de que na contratação, bem como na promoção, a aparência dos homens e das mulheres são avaliadas de forma diferente; e que o mito da beleza se estende para muito além das normas de vestimenta, penetrando num outro campo. De acordo com diretrizes de contratação das televisões citadas pela jurista Levitt, os âncoras devem fazer lembrar sua “imagem profissional” enquanto é sugerido a suas companheiras de trabalho que façam lembrar a “elegância profissional”. As duas medidas com relação à aparência são um lembrete constante de que os homens valem mais e não precisam se esforçar tanto (Wolf, 2020, p. 78).

Conforme o exposto na citação, ao elencarmos os sentidos sobre o envelhecimento do sujeito feminino, percebemos que eles se estruturam de acordo com as condições de produção daqueles que materializam dizeres no dispositivo do texto sobre a forma de possíveis realidades materiais, e “Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (Orlandi, 2015, p. 37).

Vale lembrar que a questão da Qualificação de Beleza Profissional, a princípio, foi imposta no mundo das grandes corporações, da indústria da moda, no meio das profissionais do sexo, mas aos poucos foi se estendendo para todos os níveis e status sociais em que haja a presença do gênero feminino, como aponta Wolf (2020). As características físicas das mulheres, como peso, altura, cor dos cabelos, cor da pele, idade etc., chegaram aos espaços onde existem mulheres de poder aquisitivo baixo, e isso concorre ainda mais para uma escravização desses corpos no sistema capitalista. Como exemplo disso, vemos que empregos com os mais baixos salários também impõem certos padrões de aparência das mulheres; quem nunca, entre nós, frequentou ambientes de lojas, recepções de hotéis, agências bancárias e outros lugares em que a mulher precisa ser jovem, estar com uma aparência construída pelos efeitos da maquiagem e pelo estilo de roupa adequado para determinadas repartições?

À medida que a mulher envelhece, vemos a validação dos discursos de inutilidade que colocam tais sujeitos numa constante luta para viver a velhice com

dignidade. Nos excertos em análise, observamos que há diversas posições dos sujeitos com base em sua formação discursiva, diante disso:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciados, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção que se trata de uma formação discursiva (Foucault, 2016, p. 47).

Contudo, embora as sequências discursivas 01, 03, 04 e 05 corroborem, a partir de discursos, o tom de protesto contra a prática do etarismo no vídeo “RESPONSÁVEL”, vemos, na SD 02, que a posição do sujeito enunciador vai de encontro a esse sentido, então observamos uma FD diferente, pois o pensamento do sujeito-autor diverge das demais posições. Temos aí um elemento fundamental para explicar o estabelecido, que é a questão da interpretação, que, nas palavras de Orlandi, nos mostra que “Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer?” (2015, p. 43). Logo, as evidências dos sentidos, a movimentação dos discursos, dependerão das experiências do sujeito com as percepções em detrimento do histórico e do simbólico. Como conjectura a estudiosa em questão, os significados são produzidos na esteira de uma ilusão da transparência pelo motor ideológico: o trabalho da ideologia será produzir evidências, posicionando o homem com base em sua relação imaginária com as suas próprias condições de existência.

O enunciado “Novinha é uma mulher de mente renovada e renomada exatamente como és!”, localizado na SD 05, é atravessado por sentidos outros no contexto imediato, pois, no sentido comum dos discursos em circulação, a palavra “novinha” significa mulheres adolescentes, e não maduras, e é o físico, a aparência jovial, o que determina esse constructo. Vemos com frequência, nas redes sociais e nas músicas de funk que retratam e supervalorizam a juventude das meninas abaixo de 18 anos, a representação delas como sendo símbolo de vigor e sexualidade. Na visão em voga, as mulheres que não se enquadram nesse perfil são chamadas de coroas, tias, maduras e demais predicativos. Vemos também, nesse sentido, um mercado virtual que se utiliza de maneiras diferentes tanto do corpo das mulheres mais jovens quanto do corpo das mulheres maduras para produzir capital, lucro,

portanto: “A ideologia da beleza ensina às mulheres que elas têm pouco controle e pouca escolha. As imagens da mulher segundo o mito da beleza são simplistas e estereotipadas; a qualquer momento existe um número limitado de rostos ‘lindos’ reconhecíveis” (Wolf, 2020, p. 80).

É cada vez maior o número de mulheres não consideradas “novinhas” que recorrem às cirurgias estéticas para aparentar serem mais jovens por conta de uma sociedade que enaltece o físico, a beleza exterior, ao passo que “A QBP empobrece as mulheres sob o ponto de vista material e psicológico. Ela suga dinheiro daquelas mesmas mulheres que representariam a maior ameaça se aprendessem a ter a sensação de direito adquirido proporcionada pela segurança econômica” (Wolf, 2020, p. 84). Vale destacar que essa estudiosa faz essas considerações levando em conta as mulheres de classe média que têm acesso aos postos de trabalho, mesmo com as desigualdades salariais existentes. Também assevera a mesma autora que “Profissionais liberais do meio urbano, dedicam um terço de sua renda à ‘manutenção da beleza’ e consideram ser esse um investimento necessário” (Wolf, 2020, p. 84). E assim vemos se movimentar o setor da moda, das cirurgias plásticas e da indústria de cosméticos.

Todos esses fatos elencados geram discursividades em torno do sujeito feminino, e a sua função e o seu papel são historicizados nos espaços de poder, especialmente nas redes sociais, que formulam discursos que influenciam e controlam o pensamento e, conseqüentemente, as ações desses sujeitos.

Na próxima análise, veremos que o discurso do sujeito enunciador é atravessado por dizeres que se relacionam também ao campo do mercado de trabalho em que a mulher está ou não inserida. Percebemos que o excerto “Reúne um conjunto de sequências discursivas que coexistem em uma conjuntura histórica determinada e se inscreve na instância do acontecimento” (Brandão, 2012, p. 100). Vejamos a seguir a comprovação dessa afirmação com a descrição que segue e sua análise.

SD 06:

Isa Elena de Ávila Fávero

Maravilhoso seu vídeo,tenho 55 anos,assumi meus cabelos brancos faz 1 ano e estou me sentindo linda,nos últimos 2 anos passei por muita discriminação no mercado de trabalho,apesar de ser uma excelente profissional,sou mantenedora de minha casa e tive que me virar,as contas não querem saber de suas dificuldades,elas chegam,fiz muitas faxinas e hoje estou trabalhando de motorista de aplicativo,tenho força e disposição para trabalhar 10

horas por dia e estou amando meu trabalho,faço o que amo,dirigir e conhecer pessoas diferentes,todos os dias.

Em Brandão, encontramos que vem de Foucault o conceito de processo discursivo a partir de um sistema de formação compreendido “como conjunto de regras discursivas que determinam a existência dos objetos, conceitos, modalidades enunciativas, estratégias” (2012, p. 41). Em face desse pensamento, percebemos, a partir desse mesmo autor, que Pêcheux se preocupa em inscrever o processo discursivo atrelado a uma relação ideológica de classes. Vemos que a textualização do excerto anterior se dá mediante a autoafirmação de um sujeito que se assume como parte de um grupo de pessoas que está envelhecendo, ao mesmo tempo que pontua as dificuldades advindas dessa fase, principalmente em relação à precarização do trabalho e à questão do desemprego.

Atestamos, nos sentidos postos pela enunciativa, que as condições de produção do seu discurso convergem para entendermos que se trata de pessoas de nível social baixo, e, diferentemente das lutas das mulheres da classe média, suas lutas giram em torno da própria subsistência material.

Na SD 06, temos um sujeito do discurso que se assume enquanto mulher madura, mesmo a despeito das discriminações e dos preconceitos nos espaços sociais. Notamos que ela agora ocupa postos de trabalho que eram apenas dados aos sujeitos masculinos. Seu discurso produz significações que vão de encontro à cultura do mito da beleza já descrito aqui. Pela forma como se elencam os elementos da sintaxe da enunciação, se percebe que se trata de uma mulher sem muito grau de instrução, mantenedora do lar, e, por meio de uma lógica que demonstra o significado do trabalho, pontuamos que, no sistema capitalista,

[...] o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio para a reprodução e a acumulação de trabalho (Federici, 2017, p. 34).

Vemos essa afirmação de Federici materializada nas entrelinhas do sujeito enunciativo da SD 06, quando descreve a sua rotina, agora como autônoma: “[...] fiz muitas faxinas e hoje estou trabalhando de motorista de aplicativo, tenho força e disposição para trabalhar 10 horas por dia [...]”.

Percebemos que os corpos das mulheres se adéquam até aos modos de dizer da lógica do capitalismo. Em vista disso, a partir de Pêcheux (2009), notamos a atuação oculta da força da formação discursiva, que dissimula, pela transparência do sentido, uma certa objetividade material que estabelece um discurso contraditório acerca da liberdade feminina se olharmos para a questão do interdiscurso, que diz muito sobre as posições e as lutas travadas pelas mulheres no curso da história. Isso é passível de reflexão por causa dos interdiscursos, pois “‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independente’, isto é, sob a dominação das formações ideológicas” (Pêcheux, 2009, p. 149). Desse modo, o significado que as palavras produzem no intradiscurso da enunciadora nos mostra uma textualidade “porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa” (Orlandi, 2012, p. 52).

Brandão assegura que a ideologia apresenta um caráter material, portanto “as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos” (2012, p. 25). Logo, nas análises apresentadas, vemos que o discurso é um instrumento de controle por parte das instituições e também um mecanismo de luta para a significação de dizeres outros em todas as esferas da sociedade. Ora encontramos discursos que representam “discursividades não-estabilizadas logicamente” por caírem em contradição, ora constatamos uma “falsa-aparência de um real natural-sócio-histórico homogêneo”. O que os analistas trabalham é justamente a comprovação de que os dizeres não são transparentes, eles são opacos, sujeitos a falhas e a fissuras passíveis de múltiplas significações.

Federici (2019) observa que a prática da violência contra o sujeito feminino não desapareceu com o fim do movimento da caça às bruxas, ou com a abolição da escravidão, sendo essa prática aos poucos normalizada em nossa sociedade por meio de outras estratégias de paralisação do movimento feminista, como, por exemplo, o estabelecimento de um padrão de beleza, conforme já descrevemos nas páginas anteriores da pesquisa. Vejamos mais uma análise em que consideraremos os efeitos de sentido com base nas discursividades elencadas tanto pelo sujeito enunciator da próxima SD quanto do ponto de vista das teorias que embasam o analista na referida pesquisa.

SD 07:

Paulo Borges

Acho tão legal ver isso gente que aplaudiu quando o porta dos fundos ridicularizou alguns tipos de pensamentos, ideias, crenças, pessoas..... realmente foi muito legal rir de tudo isso e se sentir superior por não pensar como os retrógrados..... mas o porta dos fundos é formado por gente jovem e jovem progressista ri, acha graça, ridiculariza ideias e pessoas nas quais eles não se refletem..... parabéns ao porta dos fundos, mostrando que eles e seus seguidores são tão merdas quanto aqueles que eles julgam ser !!!!! a propósito não é porque você é descolada que não fica velha é uma véia com tatuagem, só isso também sou e não ligo pra isso, a vida é isso, mas a diferença está em como as pessoas yem empatia com as outras bom lembrete para o futuro

Mediante a leitura, interpretação e compreensão da produção do funcionamento discursivo dos sentidos elencados pelos excertos da SD 07, diremos que o enunciador se coloca numa posição irônica quanto aos dizeres e aos apelos em favor da reformulação discursiva das materialidades linguísticas inscritas no vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”. Desta feita, comprovamos que “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem” (Pêcheux, 2014 [1988], p. 146-147).

Ao expressar “[...] foi muito legal rir de tudo isso e se sentir superior por não pensar como os retrógrados..... [...]”, se infere o sentido de um certo prazer por parte do sujeito enunciador em encontrar discursos de preconceito sobre a mulher no vídeo “RESPONSÁVEL”. O sujeito argumenta que é próprio de um pensamento moderno, contemporâneo, naturalizar discursos que satirizam e ridicularizam as mulheres de mais idade no espaço da mídia, mais especificamente no campo do humor. As várias reticências após o adjetivo *retrógrados* demonstram uma certa vontade de falar mais ainda e ratificar o discurso como sendo positivo, sendo uma espécie de revanche, levando para o lado do terreno político-partidário, como vemos nestas orações: “[...] mas o porta dos fundos é formado por gente jovem e jovem progressista ri, acha graça, ridiculariza ideias e pessoas nas quais eles não se refletem..... parabéns ao porta dos fundos, mostrando que eles e seus seguidores são tão merdas quanto aqueles que eles julgam ser !!!!!”. Diante disso, comprovamos que as questões levantadas sobre o sujeito feminino no vídeo “RESPONSÁVEL” são enaltecidas pelo enunciador da SD 07. Conformamos, então, que as práticas discursivas do enunciador da SD 07 se juntam aos sentidos materializados no vídeo “RESPONSÁVEL” e propomos que

[...] as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas [...], diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes (Pêcheux, 2014 [1988], p. 147).

Em “[...] a propósito não é porque você é descolada que não fica velha é uma véia com tatuagem, só isso [...]”, numa espécie de confronto argumentativo com a enunciadora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, o sujeito da SD 07 mantém uma postura que desqualifica o sujeito feminino a partir da enunciação de um dizer pejorativo, se referindo a esse sujeito com a expressão “uma véia com tatuagem, só isso..... [...]”. Vemos que o sujeito desse discurso reduz o papel da mulher, assim como suas percepções, ao fato de ela estar envelhecida e propõe que ela não fica bem de tatuagem, uma vez que essa prática seria para mulheres jovens. Isso é feito a todo momento utilizando o recurso da ironia, visto que o autor da SD 07 se diz contrário às posições ideológicas do sujeito-autor do vídeo “RESPONSÁVEL”.

Segundo Orlandi (2017, p. 25), “Não são as palavras que significam mas o texto. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, é porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa”. Desse modo, diremos que o sujeito discursivo da SD 07 corrobora uma significação de sentidos que vai de encontro ao movimento feminista, e o campo semântico e os aspectos relacionados à sintaxe da enunciação nos mostram o estabelecimento de ideias de cunho machista, forjadas por uma suposta aceitação de uma realidade que coloca a velhice como um fato e uma aceitação dela sem questionar práticas etaristas, misóginas e preconceituosas referentes ao sujeito mulher.

Em Fernandes (2014), a acepção do conceito de discurso é baseada na constatação de que ele faz parte de um jogo de lutas em que se pode encontrar também um jogo de antagonismos inerentes à vida dos sujeitos que convivem em sociedade. Nesse contexto, a história tem um lugar importante porque os sujeitos se constituem ao longo dela, e esse estudioso pontua que a resistência, do ponto de vista de uma prática discursiva, manifesta uma forma de poder. Desse modo, os discursos analisados na SD 07 dizem muito acerca de uma forma de se autoafirmar do sujeito

perante sua visão sobre o comportamento feminino nos espaços virtuais, bem como nas instituições dos espaços de poder.

Passemos às análises da próxima SD.

SD 08:

Lilia Paulin

Interessante: eu tenho 57 anos e sou cientista, responsável técnica e gerente da Qualidade Setorial de um Laboratório do governo credenciado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento com selo ISO 17025 DO INMETRO, violinista, artista marcial faixa vermelha de Kung Fu, faço teatro, sou escritora, pintora, criei meu filho sozinha desde os seus quatro anos, mestre, doutora, mais de 50 artigos publicados e continuo sendo uma das melhores na minha área. E ele é quem mesmo?

Novamente, assim como em outros discursos analisados neste estudo, percebemos a estruturação de uma visão de combate ao etarismo, utilizando um texto que discursiviza em torno de um depoimento, embora os dizeres venham de outros lugares diferentes dos já colocados nas SDs anteriormente analisadas, pois a SD 08 diz sobre uma mulher de classe média, com alto nível de escolarização e numa posição ou status social no mundo do trabalho antes destinada apenas ao sexo masculino. Ressalvamos que a posição no mercado de trabalho em que se encontra tal sujeito discursivo foge à regra das estatísticas mostradas pelo IBGE no Brasil e em outras fontes de pesquisa em todo o mundo.

Percebemos, por meio do enunciado “criei meu filho sozinha desde os seus quatro anos, mestre, doutora, mais de 50 artigos publicados e continuo sendo uma das melhores na minha área”, que o sujeito enunciativo se coloca como uma supermulher, uma verdadeira mulher-maravilha, e esse discurso, de certa maneira, fragiliza a luta de outras mulheres que se encontram em posições subalternas, uma vez que o discurso da meritocracia no âmbito do espaço feminino não conduz ao fortalecimento do movimento feminista, pois a agenda de prioridades consiste em vencer as desigualdades impostas pelo capitalismo e pelas práticas de machismo enraizadas pelos nossos ancestrais.

Notamos que o enunciado acima romantiza desde certo ponto a excessiva carga de trabalho da mulher e não mostra o lado negativo de dar conta de tantos compromissos e responsabilidades que deveriam ser compartilhados com o parceiro, como a educação dos filhos, o provimento da subsistência etc. Os dados elencados a seguir podem demonstrar uma relação contraditória na fala da enunciativa, se

comparada com realidades não só de brasileiras, mas em relação às mulheres mundo afora. Vejamos:

À medida que vai se aproximando o fim do século, as mulheres estão cansadas, exaustas de uma forma que seus colegas do sexo oposto talvez não consigam imaginar. Uma recente série de pesquisas resumidas na imprensa feminina “indicam, todas, uma coisa só: as mulheres modernas estão exaustas”. Setenta por cento das executivas de alto nível nos Estados Unidos citam o cansaço como seu problema principal; quase metade das norte-americanas entre os 18 e os 35 anos se sentem “cansadas a maior parte do tempo”; 41% das mil mulheres dinamarquesas pesquisadas responderam que estão se sentindo “cansadas no presente momento”. Na Grã-Bretanha, 95% das mulheres que trabalham fora colocaram a sensação de um “cansaço extraordinário” no topo de uma lista de problemas. É esse tipo de exaustão que pode emperrar o futuro progresso coletivo das mulheres, e é essa sua finalidade (Wolf, 2020, p. 85-86).

Os dados apresentados por Wolf (2020) servem para lermos o discurso da enunciadora da SD 08 a partir de outros lugares e outros sentidos, uma vez que a realidade da citação descortina a ilusão referencial ou de realidade do sujeito da SD 08, visto que a realidade de muitas mulheres não é a mesma reportada pelos discursos do sujeito em análise. Com a inscrição “E ele é quem mesmo?”, a enunciadora tenta apagar os efeitos dos dizeres do vídeo “RESPONSÁVEL”, questionando o autor do discurso do vídeo diante dos vários predicativos que esse sujeito feminino diz possuir/ser. De fato, mesmo sem mencionar a questão da meritocracia, dizeres sobre isso vêm à tona, na medida em que é possível imaginar que foi por mérito e grandes esforços que esse sujeito chegou aonde está. Os dizeres da enunciadora concorrem para que aceitemos a seguinte proposição circunscrita pela AD:

O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite, no exemplo, remeter o dizer da faixa a toda a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos (Orlandi, 2015, p. 30).

“E ele é quem mesmo?”, significando esse enunciado na relação que o sujeito estabelece com a própria língua, diríamos, também, que o *ethos* discursivo do sujeito-autor da referida pergunta, em que encontramos mecanismos do ponto de vista da

argumentação na defesa de uma ideia, de um sentido, mobiliza dizeres que pregam que as mulheres, desde que queiram, podem galgar postos muito mais altos se comparados à figura do sujeito masculino. Trata-se do discurso da meritocracia em evidência, mesmo talvez não sendo uma colocação consciente por parte da autora do dizer da SD 08, “É por essa via, como veremos, que todo sujeito se ‘reconhece’ a si mesmo (em si mesmo e em outros sujeitos) e aí se acha a condição (e não o efeito) do famoso ‘consenso’ intersubjetivo por meio do qual o idealismo pretende compreender o ser a partir do pensamento” (Pêcheux, 2014 [1988], p. 148).

Com base nos pressupostos elencados anteriormente, vemos que o sujeito da SD 08 fala a partir da formação discursiva que o afeta; assim, constrói seu discurso com base nas suas vivências, e a FD é o princípio da formação dos sentidos.

Até aqui, vimos que os “universos logicamente estabilizados” são passíveis sempre de outras leituras, como pontua a teoria da AD, e, nesse contraponto, descortinamos outros sentidos a partir das materialidades analisadas, o que, nessa vertente, implica perceber que os dizeres têm uma propriedade ou característica que são significadas a partir da interpretação.

Passemos à análise da SD 09, descrita abaixo:

SD 09:

Ana Sampaio

Que coisa fantástica! Eu tenho 46 anos e começo a sentir isso... e o envelhecimento é assim mesmo como você descreve, não tem uma data limite... já não me sinto mais com o vigor de antes, mas minha cabeça ainda é igual a de quando tinha 28 anos, por exemplo! Penso que sempre tive uma cabeça a frente da idade! Talvez a maternidade precoce tenha me dado anos a mais em relação às minhas colegas... estamos aqui nesse barco, e como é difícil envelhecer sendo mulher! É um desafio diário!!

Engraçado minha mãe tá com 68 anos eu tô com 47 , e ela é exatamente como descreve o personagem do Porchat achei engraçado sim, de quais são as coisas que vc ri, será que não são coisas que incomodam outras pessoas? Enfim.. desnecessário essa crítica acho que vc não está envelhecendo satisfeita assim como demonstra ...minha mãe parece uma adolescente compartilhando as fake sou advogada e canso de orientar para ela parar com isso e confesso que é pior quie lidar com uma adolescente... é por esse prisma que vi a piada e não querendo diminuir a segunda terceira ou quarta idade de ninguém... ele está no meu nodo de ver querendo falar da falta de discernimento que certas pessoas desta idade tem com as informações cotidianas. Affs mil . Bjos te amo Cris.

Orlandi (2015, p. 8) nos diz que “Os sentidos estão sempre ‘administrados’, não estão soltos. Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar”. Desse modo, a materialidade

discursiva do texto da SD 09 reúne diversas temáticas do campo semântico do universo feminino, a fim de significar os dizeres com base em uma aceitação do processo de envelhecimento do sujeito feminino, concordando a princípio com os argumentos elencados pelo enunciador do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”.

“Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá” (Orlandi, 2015, p. 8). E é isso que atestamos nas palavras do sujeito discursivo da SD 09, pois podemos dividir tal discurso em duas partes: a primeira, em que temos um depoimento da autora e se retrata, nos fios discursivos, o desgaste físico do corpo com o processo de envelhecimento biológico: a perda de vigor, o envelhecimento da aparência alegada pelo sujeito como causado pela maternidade, assim como os desafios diários em conviver com a velhice, constituem elementos discursivos que concordam com os sentidos produzidos pelo vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”.

No entanto, na segunda parte do seu discurso, percebemos que os sentidos propostos desestabilizam o discurso a favor do sujeito produtor do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, e a pauta da discussão se amplifica a partir da mobilização de dizeres concernentes ao assunto *fake news*. Dessa maneira, a análise dos discursos instituídos no espaço virtual leva os sujeitos a refletirem sobre “como nos relacionamos com a linguagem em nosso cotidiano, enquanto sujeitos falantes que somos (pai, mãe, amigo, colega, cidadão etc.), enquanto profissionais, enquanto professores, enquanto autores e leitores” (Orlandi, 2015, p. 8).

A afirmação de Orlandi proposta acima nos cai como uma luva porque, ao levantar questionamentos sobre as *fakes news* nos ambientes virtuais, o sujeito discursivo da SD 09 traz para o debate virtual um assunto de relevância para as discussões, uma vez que o episódio do vídeo “RESPONSÁVEL” expõe um sujeito feminino com 57 anos como uma praticante e disseminadora de *fake news* no ambiente virtual, mais especificamente no *WhatsApp*. No entanto, tanto o discurso do vídeo “RESPONSÁVEL” quanto o discurso do enunciador da SD 09 tornam polêmicos os sentidos materializados, socializados, pois a figura feminina, de idade madura, é vista como uma boba, comparada a uma adolescente, incapaz de ter senso crítico e noção sobre o certo e o errado: a senhora com idade de 57 anos é a típica pessoa que envelheceu e deve ser coordenada porque suas faculdades de discernimento foram afetadas com a idade.

É interessante notar que o sujeito discursivo demonstra uma certa contradição em seu discurso, na medida em que, como ela afirma na sequência, “já não me sinto mais com o vigor de antes, mas minha cabeça ainda é igual a de quando tinha 28 anos, por exemplo! Penso que sempre tive uma cabeça a frente da idade!”; com isso, ela diz que sua mãe é igual à mulher descrita no vídeo “RESPONSÁVEL”, uma senhora de 68 anos que pratica as mesmas sandices da senhora do vídeo. E esse fato é engraçado para a autora da SD 09 porque ele demonstra um certo humor na forma de tratar e conceber as pessoas envelhecidas.

Na visão do sujeito discursivo da SD 09, a autora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” se sente inconformada com o fato de envelhecer. Na visão dela, a crítica ao etarismo é desnecessária. Dessa forma, percebemos que essa enunciadora lida com os discursos sobre o etarismo de modo natural, e a sua profissão de advogada é citada em seu dizer numa estratégia de legitimar a sua fala, pois a própria função de advogar já produz sentidos em defesa ou em acusação de determinado assunto em questão.

No âmbito da teoria que embasa a referida pesquisa, vemos que os discursos analisados até aqui demonstram diversas posições e formações discursivas que colocam em confronto os dizeres e, ao mesmo tempo, nos permitem concebê-los sob a ótica da abertura a várias significações, à falha e também ao equívoco. Foucault (2016), ao enveredar pelo movimento em que se efetivam os acontecimentos, nos mostra que os enunciados são construídos segundo regras, e dessa maneira há dizeres que são semelhantes a outros. Com efeito, esse autor pontua a importância de perguntarmos: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2016, p. 33). Essa indagação nos permite compreender que a produção dos sentidos tem a ver com a formação discursiva do sujeito, como já pontuamos, logo

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem, é preciso tratá-lo no jogo de sua instância (Foucault, 2016, p. 31).

Em diálogo com o pensamento que inscreve os dizeres a partir da remissão ao contexto mais amplo e influenciados pelo contexto imediato, mostraremos, na análise que segue, outras estratégias discursivas do sujeito enunciatador que demonstram a dispersão e o atravessamento de dizeres acerca do etarismo.

Passemos, então, à análise da próxima sequência discursiva.

SD 10:

Ilana Feuerstein

Sensacional, falou tudo que eu não conseguiria expressar em palavras. Tenho 53 ainda não consigo assumir meus cabelos brancos e o envelhecimento da pele mas para isso tem a tecnologia que permite tratar melhor a pele. E por falar nisso, sinto muito preconceito das pessoas que criticam as mulheres e alguns homens também que querem continuar pintando seus cabelos e que podem (algumas) desfrutar do botox e outras coisas mais (qual o problema?) , isso tudo tb faz parte da nova era. Desconstruir em vários aspectos faz parte do amadurecimento das pessoa e poder envelhecer com um aspecto físico melhor (sem exageros é claro) não é crime é cuidado. E viva à nós mulheres maduras não velhas.

A primeira parte do excerto que analisamos anteriormente concorda com a autora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” sobre quão difícil é se assumir enquanto um sujeito feminino que envelhece por conta das dificuldades advindas do preconceito da ordem do etarismo. Assim como em outras SDs analisadas na pesquisa, a preocupação com a aparência é uma temática recorrente. Percebemos que os enunciados em torno dos cabelos brancos materializam os sentidos de impacto que o envelhecimento provoca na vida das mulheres. Muitas, quando abandonam a tintura, recorrem à prática de cortar os cabelos bem curtinho como forma de se libertarem daquelas madeixas longas e embranquecidas. Essa é, de certa forma, uma maneira de autopunição, uma vez que a sociedade julga como desleixada a mulher de cabelos compridos e brancos.

Em meio à textualização dos discursos da enunciatadora da SD 10, percebemos que os argumentos elencados por ela defendem uma postura de “liberdade” da mulher madura para poder até mesmo aceitar a ditadura da beleza instituída pelo mercado dos produtos de beleza, das cirurgias plásticas, enfim, dos tratamentos estéticos. Esse fato mostra que o discurso sobre a juventude faz com que as mulheres façam sacrifícios em nome da beleza:

Em alguns grupos de mulheres, o medo de envelhecer mantém a mesma força de sempre. Novas técnicas cirúrgicas e preços mais

acessíveis tornaram essas intervenções muito mais comuns. E, em consequência de campanhas globalizadas de marketing com a promoção de ideias ocidentais, cirurgias de pálpebras, cirurgias de “refinamento” do nariz, perigosos cremes para clareamento da pele, entre outros procedimentos, grassam no mundo em desenvolvimento (Wolf, 2020, p. 11).

Prega-se a concepção de que o belo é sempre o novo e que a aparência cuidada para se sentir e se tornar mais jovem faz parte de um padrão de feminilidade. Vemos aí o constructo discursivo de uma visão mercadológica da beleza, naturalizada em muitos discursos que partem do sujeito feminino, como o atestado neste excerto: “E por falar nisso, sinto muito preconceito das pessoas que criticam as mulheres e alguns homens também que querem continuar pintando seus cabelos e que podem (algumas) desfrutar do botox e outras coisas mais (qual o problema?) , isso tudo tb faz parte da nova era”.

Existe uma disputa de argumentos que colocam os sujeitos tanto dos dizeres do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” quanto da enunciadora da SD 10 em um confronto de ideias, e assim podemos problematizar os sentidos do envelhecer com base em lugares diferentes, visto que nem todas as mulheres possuem condições financeiras para recorrer a tais tratamentos estéticos, com isso os sujeitos ficam divididos em dois grupos: aqueles que podem cuidar da aparência e aqueles que, por condições financeiras parcas, não conseguem atingir o status de beleza e são marginalizados por simplesmente não poderem lutar contra o tempo, retardando, desse modo, sua aparência envelhecida. Dessa forma, percebe-se que se estabelecem, também, uma disputa entre as mulheres e uma divisão entre elas, promovendo mobilizações de sentidos como os seguintes: “O que é uma mulher? Ela é o que é feito dela? A vida e a experiência de uma mulher têm valor? Se isso é verdade, ela deveria ter vergonha delas? O que há afinal de tão fantástico em ter uma aparência jovem?” (Wolf, 2020, p. 388).

Todas essas questões levantadas sob a ótica de um discurso feminino pontuadas por Wolf (2020) vêm à tona quando analisamos a inscrição “Tenho 53 ainda não consigo assumir meus cabelos brancos e o envelhecimento da pele mas para isso tem a tecnologia que permite tratar melhor a pele”, discursivizada pela autora da SD 10.

Tanto nos excertos da SD 10 quanto em outras SDs analisadas anteriormente nesta pesquisa, vemos os discursos se textualizarem por meio dos dizeres em forma

de testemunho sobre uma realidade inscrita nos dizeres que mobilizam os dilemas de sentidos provocados pelo processo biológico do envelhecimento, e, em Bocchi (2017, p. 62), compreendemos que essa estratégia de enunciação “constrói a solidariedade a um grupo que se reconhece pela voz, tornando possível o efeito imaginário da prática de diferentes vozes”. Ainda segundo essa estudiosa, a testemunha requer dos interlocutores, no caso aqui, os internautas, um olhar solidário e de cumplicidade em meio à narrativa de uma realidade e “por meio de um dizer que não silencia, mas delata, acusa, revela” (Bocchi, 2017, p. 62).

Como tratamos no capítulo 1, especificamente no subtópico 1.2, os discursos se estruturam através também dos esquecimentos número um e número dois, como proposto pela teoria de Pêcheux. Diante disso, as análises propostas não prescindem de considerar esses mecanismos para a compreensão de como se dá a produção dos funcionamentos dos dizeres nas materialidades interpretadas. Nessa dinâmica em que os discursos são elaborados, passemos a análise dos dizeres da SD 11, a seguir.

SD 11:

Rose Comin

Fico indignada com os sites de venda de moda feminina. As modelos são jovens, nunca tem uma modelo madura e eu, muitas vezes, não me identifico com a roupa que pretendia comprar. É difícil ser madura, sabe. Além de todos os problemas que enfrentamos na menopausa, ainda temos que enfrentar o preconceito das pessoas e do mercado.

As impressões estabelecidas pelos sentidos dos dizeres acima nos mostram um sujeito que discursiviza sobre o fato de o mercado de consumo estar direcionado para a produção de bens exclusivos para mulheres jovens. Nesse contexto, o sujeito do discurso da SD 11, mesmo sem traçar uma trajetória das características do mito da beleza, fala por meio do esquecimento número dois, que “*cobre exatamente o funcionamento do sujeito do discurso na formação discursiva que o domina, e que é aí, precisamente, que se apoia sua ‘liberdade’ de sujeito-falante*” (Pêcheux, 2014 [1988], p. 164). Seu discurso, mesmo sem consciência da historicidade de um pensamento, vai de encontro às questões de imposição da beleza feminina vistas e praticadas em outros lugares, em outros tempos.

Na oração “Fico indignada com os sites de venda de moda feminina. As modelos são jovens, nunca tem uma modelo madura e eu, muitas vezes, não me identifico com a roupa que pretendia comprar”, a enunciação em primeira pessoa

constrói um argumento daquele que fala de uma posição de quem sofre na pele o preconceito, a exclusão, proporcionados pela visão etarista, por meio da qual o mercado coloca as mulheres mais velhas à margem. As escolhas lexicais põem em evidência um discurso também de fundo emotivo, uma vez que a expressão “Fico indignada” discursiviza em torno da emoção e traz à tona um certo prejuízo emocional para o sujeito que fala, justamente porque denota preconceito e exclusão das mulheres maduras (para não dizer velhas) face ao mundo da moda e face a questões da ordem do consumismo.

Nas análises realizadas, percebemos que os sentidos instituídos pelo vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” proporcionaram diversas mobilizações de dizeres e, com isso, inúmeras interpretações. O dispositivo em que foram inscritos tais discursos foram fundamentais para a promoção da interpretação das várias filiações discursivas, uma vez que “A mídia é um grande evento discursivo do modo de circulação da linguagem” (Orlandi, 2012, p. 96).

4.2 Segunda parte das análises

Nesta seção, são analisadas mais SDs e imagens, levando em consideração tanto os aspectos languageiros de ordem escrita quanto os aspectos de ordem tecnodiscursiva. Damos relevância também à linguagem não verbal para a produção dos sentidos sobre o etarismo, que é tema norteador da referida pesquisa, uma vez que “o processo de compreensão de um texto certamente não exclui a articulação entre as várias linguagens que constituem o universo simbólico” (Orlandi, 2012, p. 50). Dessa forma, a partir dessa estudiosa, devemos considerar a relação dos sujeitos com a linguagem em todas as suas formas ou manifestações.

SD 12:



Marcia Moura

Contrário de vc eu não curto "portas do fundo", mas concordo plenamente com você. Eu entrei na faculdade com 49 anos e terminei com 53. Sofri muito preconceito pelas mais jovens. Elas falavam que velho não aprende. Eu era considerada a senhorinha da sala. Professores falavam que gente velho não aprende. Eu sempre disse que velho não aprende se tiver doente, e qualquer idade não aprende se tiver doente. Mas mostrei as queridas colegas mais jovens que não é bem assim. Nunca fiquei em DP, sempre tive notas acima da média, coisa que muitas jovens não tinha. Espero que tenham aprendido que velho aprende sim. Hoje aos 58 anos, sou uma das professoras mais criativas e meus alunos me curtem muito. O melhor de tudo é que todos ficaremos velhos igualmente

Curtir Responder 26 sem Editado

A SD em questão textualiza seu dizer referendando o discurso de Cris Páz no vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, combatendo o discurso significado no episódio “RESPONSÁVEL”, de Fábio Porchat, visto que a personagem ridicularizada no referido vídeo é “uma mulher adulta, de 57 anos”, como descreve o humorista. Por ser um discurso de circulação no meio social, tais comentários podem adquirir uma função de debate em torno de um tema, neste caso, é o discurso etarista o gatilho para a mobilização de diversos dizeres.

Para validar as suas proposições e a si próprio, o sujeito discursivo usa o recurso tecnodiscursivo da extimidade e mostra em imagem do seu perfil a sua foto, o seu nome social, a sua idade (53 anos), além de reportar detalhes da sua vida profissional, como forma de legitimar os seus dizeres contra a prática do etarismo. De acordo com Paveau (2021, p. 211), “A extimidade na internet e, principalmente, nas redes sociais digitais da web participativa, consiste na exteriorização da intimidade dos internautas para fins de validação da imagem de si”. Diante disso, não cabe mais, na contemporaneidade, conceber os efeitos de sentidos dos discursos apenas levando em consideração os elementos languageiros, tendo como referência somente o discurso pré-digital, pois, como assegura Paveau, as redes sociais são consideradas hoje como espaços mistos em que são produzidas várias linguagens na era da web participativa, em que uma ideia, uma materialidade linguística, pragmaticamente falando, a escrita digital da web, é ação, e os usuários constroem uma identidade social, que, por sua vez, se constitui em um capital social. Diferentemente de outros recursos utilizados por outros usuários, a enunciadora se apresenta através da articulação de recursos linguísticos visando uma validação e um benefício em prol do

combate ao preconceito referente ao envelhecimento da mulher e à sua atuação nos espaços de poder.

Nos pôsteres de comentários que usam imagens, notamos que os sujeitos discursivos assumem suas identidades perante os internautas, porém criam um discurso que combate o etarismo usando pouca linguagem verbal e criam os sentidos discursivos dos seus dizeres através de imagens que exploram cores e formas, que recobrem e evidenciam semanticamente a ideia de que amadurecer não implica a invalidação da mulher como pessoa.



Márcia Guimarães



Curtir Responder 32 sem



Maria José Rodrigues Camponez



Curtir Responder 41 sem



Rose Cajado



Curtir Responder 30 sem

As imagens apresentadas nessa sequência (em formato de GIFs), através dos gestos e das cores, conversam com as formações discursivas tanto da enunciadora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, como corroboram os enunciados da SD 12. Notemos que a figura de mulheres “bem resolvidas”, bem vestidas, de cabelos soltos concorre para uma posição positiva e dá um tom de lucidez, tranquilidade e disposição à mulher madura, como podemos ver nessas imagens. Tais estratégias são decisivas para a materialização de “sentidos positivos”, não somente negativos, sobre o fenômeno da passagem do tempo para as mulheres.

As imagens iconográficas das figuras, reforçadas por padrões de beleza da mídia, nos mostram que “O ‘corpo’, compreendido como uma superfície de inscrição discursiva, é atravessado pela história e, dessa forma, estabelece um estatuto simbólico [...], que não é livre de determinações midiáticas e mercadológicas” (Fernandes; Tasso, 2016, p. 82). A gesticulação que traduz aplausos, os olhares e as expressões faciais das mulheres das imagens reforçam a aprovação em defesa do discurso contra o etarismo. No entanto, marcas e características físicas que acabam surgindo com a chegada do envelhecimento não são evidenciadas, e notamos isso através da aparência das mulheres nas imagens: elas não têm cabelos brancos, pele enrugada, demonstram um certo status e empoderamento, diferentemente da SD 13, da imagem mostrada a seguir, que, contradiz os discursos e as posições dos sujeitos anteriores, uma vez que podemos ver novos significados sobre o processo de envelhecimento das mulheres.

SD 13:



Maria Luiza Stabile Sartorelli



Curtir Responder 45 sem

O sujeito discursivo da SD 13, através da imagem e da linguagem verbal, problematiza, discordando, em parte, da posição da enunciativa do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, e suas estratégias discursivas não endossam o discurso romantizado por muitos comentários a respeito do envelhecimento.

O enunciador da SD 13 aposta no “dado real” através da imagem e do depoimento sobre o significado do envelhecer para as mulheres, utilizando um ícone da música, que é uma mulher envelhecida que antes fora bela e com vigor. A imagem da cantora Rita Lee sentada numa cadeira de balanço, com uma vestimenta comumente usada pelas pessoas idosas, os cabelos embranquecidos, e o gesto reflexivo de uma mulher que fuma o cigarro e caracteriza a passagem do tempo utilizando seu próprio corpo, reforça os sentidos, em parte negativos, do envelhecimento, isso num plano pessoal que reverbera um discurso que se posiciona e tenta afetar o sentimento do coletivo, convidando os internautas a não romantizarem o envelhecimento e a o encararem como um processo natural que acomete os sujeitos.

Diante da imagem e da seleção de uma rede de palavras que descrevem o status do envelhecimento, vemos que o corpo é “compreendido como uma superfície de inscrição discursiva, é atravessado pela história e, dessa forma, estabelece um estatuto simbólico [...]” (Fernandes; Tasso, 2016, p. 82).

O predicativo sublinhado “ENVELHECER É UMA MERDA E É MARAVILHOSO [...]” traz duas considerações sobre os vários sentidos mobilizados pelo vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”: o primeiro deles é que, embora o envelhecimento seja algo não tão agradável, é preciso conviver com ele, sem esquecer que todos, a menos que morram, passarão por esse processo. O segundo é que, mesmo que o vídeo do episódio “RESPONSÁVEL” pareça materializar um discurso de preconceito e ridicularização das mulheres maduras, elas não devem se indignar, haja vista que, numa concepção compreensiva do processo natural do envelhecimento, o sujeito, segundo as palavras inscritas no post com a imagem de Rita Lee, traduz o discurso de que a velhice ensina as pessoas a “CAGAR PRO MUNDO”, ou seja, a se importar menos com o que as pessoas fazem ou dizem sobre elas.

Notamos que há mais de uma formação discursiva inscrita nas materialidades do post em forma de comentário utilizando a figura icônica de Rita Lee.

O paradoxo construído através da SD “ENVELHECER É UMA MERDA E É MARAVILHOSO... É UMA MERDA PORQUE VOCÊ VAI VIRANDO UMA AMEIXA”

SECA. É MARAVILHOSO PORQUE AMEIXA AJUDA VOCÊ A CAGAR PRO MUNDO” arremata o interdiscurso sobre o significado da experiência e da maturidade que se adquire através da passagem do tempo. Com as mulheres, esse processo incide sobre a degradação da aparência física, embora o mercado de cosméticos e das cirurgias plásticas prometa retardar esse envelhecimento da aparência. A partir daí, constatamos o “mito da beleza” nesse enquadramento.

O trocadilho “É UMA MERDA E É MARAVILHOSO” acentua o poder da libertação do sujeito em se desvencilhar do julgamento dos outros. Porém, se perde o vigor, e então entra a limitação física dos corpos envelhecidos. No entanto, vemos também o seguinte:

Aquilo que somos, assim, provém de uma historicidade profunda, que se funda sob regimes de (in)visibilidades no cerne das práticas discursivas. Essas práticas estabelecem a verdade do tempo: um processo coercitivo e produtor de efeitos regulamentadores de poder que definem, em uma determinada época e para uma determinada sociedade, o certo e o errado, o bom e o ruim, o justo e o injusto, o que se é permitido dizer e fazer ou não (Fernandes; Tasso, 2016, p. 80-81).

A expressão parafrástica “CAGAR PRO MUNDO”, num tom humorístico, é uma espécie de recado traduzido o mais próximo possível de: “Não estou nem aí para as opiniões dos outros”. Esse dizer também se constitui um aforismo que implica um certo desprezo por aqueles que invalidam as pessoas idosas pelo fato de elas não possuírem os predicativos de beleza e vitalidade supervalorizados na sociedade contemporânea. Isso aponta, também, para uma certa irrelevância dos dizeres que significam o etarismo no vídeo “RESPONSÁVEL”.

A próxima imagem também conversa com as anteriores, partilhando de formações discursivas similares, uma vez que demonstra total apoio à indignação ao vídeo “RESPONSÁVEL”. Vejamos abaixo:

SD 14:



Cleonice Haroldo Lima
BRAVO!



Curtir Responder 1 a

Percebe-se que o enunciador da resposta tecnodiscursiva da imagem acima desenvolve uma estratégia discursiva que usa um coletivo de pessoas aplaudindo, visando demonstrar aprovação em relação aos protestos em rede contra o episódio “RESPONSÁVEL”, dizendo-se contrário ao discurso humorístico que mobiliza sentidos e preconceitos de ordem etarista. A palavra BRAVO!, marcada de modo exclamativo e escrita em caixa alta, materializa um gesto de apoio ao discurso do vídeo “#ATUALIZAPORTCHAT”.

Em Possenti (2018), evidenciamos que os discursos humorísticos não são recebidos e interpretados da mesma forma por todos, e há uma certa dificuldade para as diferentes sociedades e culturas compreenderem piadas, charges e vídeos de humor que circulam na mídia, justamente porque há uma divisão e um debate muito fortes entre os que defendem que os discursos devem se fundar em certos limites e os que são adeptos de que os discursos devem se fundar na liberdade de expressão. Consideraremos logo mais essa questão após a apresentação de outras SDs para a constatação dessa ideia.

Vejamos a SD que segue:

SD 15:



Liryss Chrispim

Ah, Cris Guerra! Qual o problema com a criatividade artística do Porchat? Por que reclamar? Afinal, não é este o objetivo da arte dele? Os quadros do programa não visam incomodar alguém, ou algum segmento, de alguma forma? Mas, não é tudo em nome da liberdade de expressão?!... Pois é! Fico só pensando, com meus botões: pimenta, nos olhos dos outros, é frescor, não é mesmo? Fazer piada com Jesus Cristo e com a religião alheia é Arte, mas fazer piada com aquilo que incomoda pessoalmente, não... A "régua" de valores de vocês parece que se inverteu... Pobre Porchat, pobre Cris Guerra e pobre todos os que concordam com isso; não entenderam nada...

Curtir Responder 31 sem

Vemos que o discurso do sujeito da SD 15 se fundamenta nos semas *liberdade*, *sensibilidade*, *respeito* e *valores*, pois o enunciador se apoia na premissa de que a criatividade do artista, ao tomar como exemplo uma mulher madura para fazer humor, dentro do propósito e do efeito de sentido que pretende materializar, é arte, e isso implica a liberdade de expressão no campo em que o artista atua, mas essa acepção é uma estratégia discursiva que mobiliza o recurso da ironia para desaprovar tanto as manifestações discursivas de Porchat quanto as de Cris Pàz.

Os semas sensibilidade/respeito/valores entram em cena para embasar a argumentação do enunciador da SD 15 porque essas palavras servem para demonstrar que Cris Pàz se contradiz quando apela para uma certa sensibilização por parte do humorista ao tratar da questão do envelhecimento da mulher na sociedade.

Por meio de indagações acusatórias, a enunciadora da SD 15 questiona o porquê do espanto com o vídeo “RESPONSÁVEL”, uma vez que Porchat, através da “sua arte”, já fizera piada sobre diversos temas em outras ocasiões, inclusive com o SAGRADO e com o tema religião, e a autora do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” não se manifestou nas redes sociais sobre tais fatos.

A expressão “Mas, não é tudo em nome da liberdade de expressão?!” constitui um aforismo que politiza, de certa forma, toda polêmica em torno do vídeo de Porchat. Assim, o aforismo joga com os sentidos do enunciado, que está posto e materializado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo III, que postula: “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e a segurança pessoal”. A enunciadora produz um tom irônico com relação a essa expressão, acusando Cris Pàz de querer cercear a liberdade de expressão impondo direitos éticos e morais à atividade de fazer humor, mesmo também desaprovando a arte do humor veiculada no vídeo “RESPONSÁVEL”.

Notamos que o argumento do sujeito enunciador joga com os já ditos, com a historicidade da língua, como bem enfatiza a teoria do discurso de ordem pecheutiana.

No final da SD 15, encontramos ainda o aforismo “A ‘régua’ de valores de vocês parece que se inverteu... Pobre Porchat, pobre Cris Guerra e pobre de todos os que concordam com isso; não entenderam nada...”. Ao invés de enunciar *A “régua” da sociedade* para se referir aos valores morais e éticos que controlam a sociedade, o sujeito autor da SD 15 prefere o aforismo para ironizar, e especifica claramente, reprovando todos os sujeitos discursivos que debatem o vídeo “RESPONSÁVEL” na rede social, demonstrando não conversar com as formações discursivas de ambos os lados, pois mostra ser contra qualquer humor ofensivo, de caráter ácido. É como se existisse uma proibição a rir de determinados temas que soam como um insulto a determinados públicos. Com isso, tenta-se estabelecer um limite para o humor, mesmo diante do pressuposto de que

1. Como a literatura, o humor também trata de qualquer assunto. Além disso, luta permanentemente para que nenhuma proibição ou controle possa atingir suas produções. Nos últimos tempos, tanto o humor quanto a literatura tentam fugir do controle do politicamente correto, justificando-se exatamente com base em certa concepção ou defesa de funções e práticas específicas que caracterizam o campo literário e o humorístico. Com esta luta, mobilizando determinados argumentos, contribuem para delimitar – para tentar delimitar – o espaço da literatura ou do humor, em relação, por exemplo, ao direito ou à sociologia, à história, à política (Possenti, 2018, p. 27-28).

A formação discursiva da SD 16 também mantém uma unidade de sentido em relação à SD 15, pois ambas se apropriam de um campo semântico que mobiliza valores religiosos e questionam limites quanto à liberdade de expressão no campo humorístico.

SD 16:



Neide Silva

Interessante você se ofendeu em relação a velhice que foi a história do filme, do Pochar e o filme que ele fez denegrindo a imagem do SENHOR JESUS e seus discípulos ninguém se ofendeu porque hem, portas de fundos foi a pior blasfêmia feita ao filho de DEUS, bando de hipócrita endemoniados

Curtir Responder 31 sem

Notam-se, na SD 16, uma apelação e uma formação discursiva de ordem religiosa que se fundam na acepção de que deve haver um limite para o discurso, ou melhor, para o humor, e o enunciador mobiliza uma memória recente ao fazer menção a episódios em que Porchat teria feito piada com o sagrado, profanando a imagem do SENHOR JESUS, filho de DEUS, que está inscrito na SD 16 em letra capital, intencionando chamar atenção para a prática da blasfêmia contra o “sagrado”. Desta feita, o discurso da enunciativa reverbera que

[...] considera-se que triunfar à custa das fraquezas alheias (escarnecer dos outros) é indigno; que zombarias excessivas são ilícitas e que, embora sorrir seja bom, rir é antissocial, deselegante, grosseiro (denotando incivilidade e indelicadeza) e indecoroso: o imperativo do decoro condena o riso, porque valer-se dos defeitos alheios para triunfar sobre eles é argumento de pouco valor; além disso, pessoas importantes não terão tempo nem motivo para cultivar o riso, pois ele revela fraqueza de caráter (Possenti, 2018, p. 102).

Percebemos, tanto na SD 15 quanto na SD 16, um discurso ideológico de cunho religioso e conservador em detrimento de uma liberdade que “supostamente” macula o sagrado. A seleção lexical nas SDs 15 e 16 mobiliza os semas *sensibilidade* e *respeito* para fundamentar suas objeções e materializar o sentido de que é preciso haver limites para a prática de discursos de humor; sendo assim, utilizando a acepção de Possenti (2018), colocamos duas possibilidades em questão: uma que faz jus à liberdade, que consiste no direito de falar o que se pensa, mesmo que se use um discurso agressivo; e outra que prima pelo limite que supostamente se deve estabelecer ao fazer a arte humorística, sob pena de haver punição para quem ultrapasse os limites do politicamente correto. Em Possenti (2018), depreendemos que o humor é arte, é a expressão do riso, e, dessa forma, essa prática discursiva não deve ser interdita.

Mediante os inúmeros comentários que encontramos no processo de recorte do *corpus* desta pesquisa, há também os comentários discursivos que referendam o direito de existência do humor como uma forma de crítica à realidade, e, à luz de Possenti, depreendemos que “Os ‘textos’ humorísticos, embora, evidentemente, não sejam sempre ‘referenciais’, guardam algum tipo de relação (a ser explicitada, já que humor não é sociologia, nem história) com os diversos tipos de acontecimento” (Possenti, 2021, p. 38). Em se tratando disso, faremos uma análise de um excerto recortado do episódio “RESPONSÁVEL” a fim de mostrar a relação de condições de

produção e a discursivização com a SD 17, logo a seguir, com base na historicidade e nas condições de produção imediatas do vídeo do Porta dos Fundos.

Os excertos na sequência trazem uma discursivização na produção dos seus sentidos, estritamente ligados às condições de produção em que foi feito o vídeo “RESPONSÁVEL” pelo humorista Fábio Porchat, isso porque, de acordo com Orlandi (2012, p. 8), “há múltiplos e variados modos de leitura” frente aos discursos que circulam nas redes sociais.

Com base nisso, vejamos os excertos recortados do vídeo “RESPONSÁVEL”, que conversam com a SD 17, colocada logo após esses excertos.

Fernando (interlocutor 1): Olha aqui. Cês tão se preocupando demais com a mãe dos outros, tá? Eu sei como criar a minha mãe. Ela... Mãe. Ai, meu Deus. Tira a cloroquina da boca. Não pode. Eu falei pra você, meu Deus do Céu...

A mãe de Fernando (interlocutora 2): Mas tá todo mundo tomando.

Fernando (interlocutor 1): Mas você não é todo mundo. Gente, eu preciso... Dona Isabela, não bote na boca. Eu vou contar até três. É um...

No final do vídeo, há ainda uma passagem em que se ouve o barulho de mensagens do *WhatsApp* possivelmente chegando ao celular da mãe com várias *fake news*, como exemplos, temos: “VOCÊ FOI O NOSSO USUÁRIO 1000 CLIQUE AQUI E PEGUE SEU PRÊMIO. / Gente, bom pro coronavírus mesmo é vinagre e água quente. É só deixar bater assim no fundo da garganta. É batata. Pode espalhar, botar nos grupos. Passou no ‘Fantástico’. É verdade. FICA COM DEUS.”

Diante da relação de sentidos produzida na SD 17 com o excerto descrito anteriormente, podemos perceber que a SD 17 significa seu discurso a partir do depoimento do sujeito, usando o recurso discursivo da extimidade para validação dos argumentos elencados pelo sujeito enunciador. A expressão “O mercado já acordou [...]” utiliza uma espécie de aforismo para dizer que “O mercado está pronto”. Existem milhares de empresas que desenvolvem seus produtos concebendo o idoso como um nicho lucrativo por conta principalmente da falta de informação que muitos têm e mesmo assim se aventuram no mundo digital à procura de remédios milagrosos, ou compensações positivas, para os que acompanham tais notícias no mundo digital.

O consumo por parte dessa clientela se ampliou desde o início da pandemia de Covid-19, e a oferta de remédios milagrosos, como a cloroquina, entre outros,

propagados em massa pelo governo brasileiro, bem como fórmulas mágicas de remédios caseiros, espalhados pelas redes sociais nos grupos de *WhatsApp*, tem deixado rastros devastadores em relação à automedicação no auge da pandemia.

Orlandi (2012) atenta para as múltiplas posições de leitor em relação aos discursos materializados, sendo que o discurso político e também o de teor econômico também são mobilizados pelo enunciador da SD 17 para legitimar seus dizeres. Ele, o sujeito enunciador, faz referência à fala da assessora do Ministro Paulo Guedes à época do acontecimento da pandemia de Covid-19, que, na circunstância das ocorrências de mortes pela doença, disse o seguinte:

“É bom que as mortes se concentrem entre os idosos... Isso melhorará nosso desempenho econômico”, disse Vieira, segundo o Portal Brasil 247, em 26 de maio de 2020, 22:42)”.

SD 17:



Marilena Vieira

Eu tenho 53, vi o Vídeo do Porta e não vi preconceito. O mercado já acordou, existem várias empresas ligadas nesse nicho de mercado e é só pelo dinheiro, sabemos. Pra mim a questão ali não é a idade, mas chamar atenção de forma engraçada sobre os esforços, as tentativas de cada um de nós, às vezes equivocadas, de como lidar com a enxurrada de mentiras e outras bobagens que, atualmente estão levando até a vida das pessoas. E se continuarmos nessa toada, com esse governo que está aí, desconfio que não teremos muitos idosos mais adiante, pois a secretária do Guedes não disse que era melhor morrer velhos e doentes para o SUS economizar?

Curtir Responder 1 a

Dessa forma, os argumentos discursivos do enunciador da SD 17 evocam memórias de curto e médio prazos visando significar seu discurso mediante as condições de produção nas quais está inserido. E, diante disso, necessário se faz frisar “que a dominância discursiva está diretamente relacionada ao processo de produção de sentidos dominantes que dá visibilidade à manifestação de sequências discursivas concretas, ou melhor, efetivamente em circulação em dado momento histórico” (Mariani, 2019, p. 279).

A partir das análises, observamos que há implícitos a serem interpretados nas atividades languageiras dos internautas que debatem a questão do etarismo no espaço virtual, as quais concorrem para a produção de diversos sentidos de cunho ideológico, político e ético.

Sendo assim, encontramos nas análises dos recortes do vídeo de Porchat, como também na SD 17, alguns semas subentendidos, tais como: *cuidado/velhice/morte*, cada um significando à medida que se entrecruzam com as relações de sentidos entre os dois excertos analisados em determinado momento.

Diante dos dados referenciados acima, é significada certa postura de ordem neoliberal por parte da secretária do Ministro Paulo Guedes, uma vez que o sema *economia* parece ser a parte mais importante a se considerar quando o assunto é a perda de vidas pela Covid-19, observando que esse fato impacta diretamente na economia do país e, de certa maneira, nos sentidos emanados pela secretária do então ministro, depreendendo-se a seguinte lógica por meio do seu discurso: “Melhor que morram pessoas velhas ao invés de pessoas em idade produtiva no país”.

Visando uma análise do *corpus* que toma por base o discurso digital como um compósito que engloba uma mistura entre o linguístico e o técnico, segundo Paveau (2021), olhemos atentamente para o hiperlink que constitui a SD que segue:

SD 18:



Aldir Gomes Lopes

<https://www.facebook.com/groups/579634842209682/permalink/2114731062033378/>

Paveau (2021, p. 120), citando Saemmer (2015), atesta que

O hiperlink, como palavra ou segmento discursivo clicável e suporte do hipertexto, é um elemento compósito, na medida em que garante uma dupla função linguística e técnica, pela deslinearização de um enunciado primeiro, o que permite atingir um enunciado segundo.

A SD 18 significa no contexto de atuação da rede social pela exposição de um link clicável que direciona os internautas a outro foco; na presente ocasião, achamos pertinente digitar, para, depois, procedermos às análises: <https://www.facebook.com/groups/579634842209682/permalink/2114731062003378/>

O link clicável em azul faz parte de um processo bastante relevante de significação dos discursos, possibilitando a deslinearização dele, podendo expandir ou desviar a atenção referente ao assunto que se debate no espaço virtual, uma vez que, como já citado, não há como controlar um fio discursivo, seguindo um processo

linear de enunciação, já que no ambiente virtual, os discursos digitais podem não se desenvolver em um eixo sintagmático no intradiscurso, como vemos em Paveau (2021). Esse dado deve ser levado em consideração para a promoção dos significados dentro do contexto, embora, por ser um recurso de ordem tecnodioscursiva, o autor da SD possa controlar quem pode e quem deve ver esse conteúdo do hiperlink ou até mesmo apagá-lo no curso da conversação em rede.

Levemos em consideração, também, na produção dos sentidos, o fato de que o enunciador assume um perfil na rede social, logo a foto de seu perfil significa, visto que, à época da produção dos discursos sob análise, estava em voga uma polarização política que dividia o Brasil da seguinte forma: patriotas x não patriotas, comunismo x fascismo. Portanto, sua foto, com a vestimenta da camisa da seleção brasileira, sobressaltando as cores verde e amarelo, é um indício das posições ideológicas que o eu discursivo assume.

As cores verde e amarelo inspiravam muitos brasileiros a se vestirem com as cores da Bandeira do Brasil, mais especificamente as cores verde, azul e amarelo sobressaíam, representando, num imaginário de certo coletivo, o amor pelo Brasil, a civilidade e a luta pela sobrevivência de uma sociedade pautada em valores conservadores, referentes a vários temas, desde a conservação do modelo patriarcal de família até uma desvalorização da ciência, um negacionismo que privilegiava certas práticas que tiveram consequências diretas nos rumos que tomou a pandemia à época de um governo ultraconservador e negacionista. A SD 19, a seguir, representa também as considerações feitas a esse respeito. Vejamos:

SD 19:



Graci Santos

PIOR.

O FÁBIO É COMUNISTA.

NÃO É PATRIOTA. 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷 🇧🇷

Curtir Responder 42 sem

Na SD 19, o que se percebe é que o caminho pelo qual o enunciador instaura discursivamente os sentidos percorre as mesmas estratégias linguísticas que o enunciador da SD 18, tendo por base que seu perfil está representado pelas cores da

Bandeira do Brasil, objetivando, possivelmente, se destacar como um patriota, verdadeiro guardião da moral e dos bons costumes.

A palavra PIOR, inscrita no comentário com letra capital, significa e destaca que, diante dos discursos veiculados pelo vídeo “RESPONSÁVEL”, um fato ainda é mais agravante: “O FÁBIO É COMUNISTA. NÃO É PATRIOTA”. Essa observação por parte do sujeito enunciador evoca discursos de cunho político, e, mais uma vez, essa SD produz toda uma significação em torno da polarização enfrentada pelo país à época dos discursos materializados nas redes sociais. Atestamos essa significação pelas estruturas de cunho discursivo-ideológico das SDs.

A expressão “O FÁBIO É COMUNISTA. NÃO É PATRIOTA” utiliza um tipo de resposta tecnodiscursiva muito utilizada nos debates em redes sociais, que é a *Exposição Pública*, como teoriza Paveau (2021). O enunciador tenta ofender o autor do vídeo “RESPONSÁVEL” recorrendo ao fato de ele ser um comunista, não patriota, pois isso figuraria de forma negativa, já que o comunismo, para os adeptos da direita, é o lado mau da humanidade.

Vale destacar também o emoji de “carinha feia”, inscrito na SD 19, que traduz uma certa raiva, desaprovação ou frustração da parte do enunciador diante do fato político-ideológico de o artista Fábio Porchat ser possivelmente um comunista e não um patriota. Com isso, percebemos que “o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história” (Orlandi, 2012, p. 8). Assim, ele assume uma postura agente num debate na internet tomado pela interpelação ideológica e consubstanciado pelas formações discursivas resultantes da sua vivência no mundo e da sua formação leitora.

Prosseguindo nas análises, na próxima SD, encontramos um tipo de resposta tecnodiscursiva que mobiliza um discurso agressivo, classificada como *Flame Wars*, que é um tipo de resposta que pode incendiar uma discussão on-line entre os internautas. As materialidades reverberadas pelo sujeito da SD 20 constituem um discurso de ciberviolência que levanta questionamentos sobre o papel das plataformas no que tange à regulação desse tipo de discurso, pois “As grandes plataformas da internet têm sido fortemente criticadas por sua incapacidade de gerir a ciberviolência verbal” (Paveau, 2021, p. 89). Contudo, essa forma agressiva de discurso nos fornece pistas para mostrar as formações ideológicas cristalizadas nos discursos dos sujeitos.

SD 20:



Francisco Gerônimo

Mais vagabundo é que acompanha um anticristo safado desse!! E o que é dele está guardado.tenha certeza disso!! O SATANÁS o espera.

Curtir Responder 44 sem

O enunciador da SD 20 utiliza um campo semântico de palavras agressivas como resposta ao assunto debatido no vídeo “#ATUALIZAPORCHAT” como forma de contra-atacar e o faz de forma a mobilizar o sema *inferno* em detrimento do sema *céu*, uma vez que, segundo os processos de significação de sentidos contidos no léxico da SD 20, o sujeito Porchat, autor do personagem Fernando no vídeo, pratica, por meio do humor, a blasfêmia contra o sagrado, e, dessa forma, seu julgamento já estaria consolidado: “O SATANÁS o espera”. Vemos, com isso, que o discurso de cunho moral e religioso reverbera nas posições-sujeito não só da SD 20, mas também de outras sequências discursivas analisadas neste *corpus*.

Vejamos as próximas SDs mostradas na sequência:

SD 21:



Rosimeire Rabeca Valino Rosa

E o desrespeito aos Cristãos foi ridículo , o Estado é Laico,mas nós não somos e acredite a maioria é Cristã. Esquerdistas e Progressistas não mexam com nossas crianças, não mexam com a estrutura familiar.e.não mexam com a fé Cristã ,pois lutaremos firme ! A direita acordou.

Curtir Responder 45 sem

SD 22:



Rosimeire Rabeca Valino Rosa

A pior ditadura é a do Comunismo e aqui não será permitido,pois a.maioria é de direita . Lula na cadeia já.

Curtir Responder 45 sem

As SDs 21 e 22, de uma mesma autoria, continuam a pauta sobre a polarização entre dois lados políticos: direita e esquerda. Os campos semânticos mobilizados são o *religioso*, o *político*, a *família* – versus a luta contra a *ditadura* e o *comunismo*, e o sujeito enunciador (de extrema-direita) cita claramente o nome de um político de esquerda que mobiliza sentimentos de repúdio e de ódio. Subentende-se, nos discursos dos enunciadores, o lema “Deus, Pátria, Família”, comumente verbalizado

pelos cidadãos que se consideram de extrema-direita, conservadores e considerados cristãos da Igreja Católica, podendo representar também alguns segmentos das igrejas evangélicas.

SD 23:



Benedito Dante Dante
 O PORICHA NAO É SÓ UM
 IMBECIL ESQUERDIDTA
 COMUNISTA APOIADOR DE
 DITADOR TERRORISTA PORQUE
 TODA A ESQUERDA APOIA
 DITADURA TERRORISMO E
 TODOS OS DITADORES
 TERRORISTA NAO ACREDITA EM
 DEUS SAO ANTI DEUS ANTE
 JESUS ANTE CRISTO SAO
 CRISTOFOBICO O BORICHA É...

[Ver mais](#)

[Curtir](#) [Responder](#) 43 sem

SD 24:



Naldo Lima
 Mi-mi-mi

[Curtir](#) [Responder](#) [Ver tradução](#) 45 sem

Na SD 23, temos um campo lexical bastante utilizado pelos que são considerados de extrema-direita, seguidores da corrente bolsonarista e do movimento patriota que acabou sendo incorporado ao movimento político de extrema-direita e segue até os dias de hoje, que é a expressão de efeito mimimi.

Sempre que há uma luta em favor de determinadas pautas, como as do feminismo, a questão LGBTQ, questões referentes ao racismo, entre outras, muitos sujeitos que se identificam com as posições ideológicas e políticas de direita reverberam o discurso do “mimimi” para demonstrar que não se importam com tais lutas. Logo, percebemos que as formações discursivas tanto da SD 23 quanto da SD 24 conversam entre si justamente por serem avessas a levantar bandeiras referentes às pautas das minorias, uma marca discursiva do movimento político da esquerda.

As SDs 22 e 23, em seu funcionamento discursivo, fazem remissões à palavra comunismo, dando um sentido diferente do seu original, utilizando uma semântica que prioriza sentidos negativos desse movimento ideológico e representa sintomas de uma época em que ser comunista era estar à margem da sociedade, como pontua Mariani (2019, p. 273) quando assevera que “O jogo de remissões das formas discursivas para diferentes superfícies linguísticas constitui vestígios dos sintomas dos processos de produção do discurso”.

Com base nos processos de remissão para a produção dos sentidos, vemos que os enunciadores utilizam as palavras ou expressões: COMUNISTA, ESQUERDISTA, DITADOR TERRORISTA, DITADURA, TERRORISMO, ANTI DEUS, CRISTOFOBICO, ANTICRISTO, SATANÁS, PROGRESSISTAS e LULA, em oposição às palavras PATRIOTA, DEUS, JESUS, CRISTÃOS, CRISTÃ, ESTRUTURA FAMILIAR e FÉ CRISTÃ. Essas formas remissivas usadas nas SDs anteriores trazem uma discursividade política que criminaliza o comunismo e os comunistas na contemporaneidade. De acordo com Mariani (2019, p. 270),

No Brasil, sobretudo nos últimos três ou quatro anos, as palavras *comunismo* e *comunista* deixaram de circular ligadas a siglas de partidos políticos institucionalmente estabelecidos, cujo funcionamento se encontra democraticamente assegurado desde a promulgação da Constituição de 1989. Associadas a críticas exacerbadas e frequentemente determinadas com adjetivações de baixo calão, as palavras *comunismo* e *comunista*, assim como esquerda (como hiperônimo) circulam de maneira célere, sobretudo em redes sociais (*blogs, twitter, instagram e whatsapp*), principalmente naquelas que divulgam discursos políticos vinculados às posições de poder neoliberais e de extrema direita vigentes a partir das eleições presidenciais de 2018.

A observação com relação às palavras de baixo calão, as quais Mariani (2019) pontua, são atestadas também nas SDs analisadas anteriormente, a exemplo das expressões IMBECIL ESQUERDISTA, DITADOR TERRORISTA, ANTE CRISTO e CRISTOFOBICO (SD 23) e das palavras vagabundo, anticristo e safado (SD 20). Conforme a estudiosa, concordamos que tais SDs analisadas, em suas formas discursivas, possuem “sítios de significação negativizados” e que existem deslocamentos de sentidos do seu campo específico referentes à palavra comunista.

Nas SDs 21, 22 e 23, encontramos a criminalização da ideologia comunista e dos sujeitos que falam a partir dessa posição ideológica, manifestada pelas formações

discursivas nela imbricadas. E, ainda, podemos ver em Mariani (2019) que, no contexto atual, há práticas enviesadas por um processo jurídico de criminalização das ideias e dos sujeitos que se identificam com o partido de esquerda. A partir dessa estudiosa, reafirmamos que, no tecido das materialidades textuais em análise, se configura um “espelhamento da exterioridade sócio-histórica” do nosso tempo, uma vez que a linguagem que os sujeitos utilizam para defender as suas posturas diante da polêmica em torno do etarismo, circunscrito ao gênero feminino, trazem “vestígios e sintomas de uma época” em que o bolsonarismo governava o país, e a discursividade nas redes sociais é permeada por um discurso de extrema-direita, com valores conservadores que demonstram uma maneira de produzir significados que polarizam a sociedade em dois grupos: direita e esquerda.

Ao chegarmos até aqui nas análises, em conformidade com Paveau (2021, p. 179), percebemos que os discursos nativos digitais apresentam marcas específicas de elaboração “que não se deixam observar do exterior, mas que exigem um conhecimento dos dispositivos de escrita e das culturas digitais, bem como das competências nos usos e práticas escriturais [...]”. Desse modo, além de ser um pesquisador, Paveau (2021) acentua que analista desse tipo de discurso – o digital – seja também um usuário desse ambiente, pois essa ação facilita a compreensão e o reconhecimento dos artifícios discursivos utilizados para a produção de efeitos de sentido da linguagem dentro desse terreno virtual. Diante dos elementos materializados nos discursos, a estudiosa se atenta a esses observáveis denominados produções verbais digitais. Consoante a isso, destacamos que “Na web social e relacional, todo enunciado é um link potencial; portanto, o tecnodiscurso on-line difere do discurso off-line por sua subjetividade intrínseca, decorrente de sua contextualização tecnorrelacional (Paveau 2015 b)” (Paveau, 2021, p. 140).

Com efeito, ressaltamos mais algumas materialidades tecnolinguageiras (alguns recortes discursivos em forma de diálogos) que são imprevisíveis e aparentemente são usadas de forma desproposital e aleatória, mas que têm a finalidade e funcionalidade de causar determinados efeitos de sentido dentro do espaço de debate virtual. Vejamos:

Recorte 01:

 **Marcel Botelho** há 2 anos
Com a minha mãe não tive problema, mas meu primo bolsonarista deixou na coleira com uma vasilha de água e um pote de capim

 506  Responder

 35 respostas

 **Denilson de Souza** há 2 anos
Deixe reservado o vermifugo kkkkk

 35  Responder

 **Denilson de Souza** há 2 anos
Zuera zuera

 2  Responder

 **Estevao Alves** há 2 anos
complicado...

 2  Responder

 **Nani Gehardt** há 2 anos
Adorei! Hahaha

 1  Responder

 **Marcel Botelho** há 2 anos
[@Denilson de Souza](#) tinha esquecido pqp

 1  Responder

 **Marcel Botelho** há 2 anos
[@Nani Gehardt](#) não ri dele tadinho, ele é um animal irracional

 8  Responder

Recorte 02:

 **Marcel Botelho** há 2 anos
[@Querida Super Hist](#) simm, e tô adestrando ele, cada vez que ele se finge de morto ou dá a pata, ele ganha cloroquina

 20  Responder

 **Pedreiro** há 2 anos
Como os americanos dizem "left cant meme"

 1  Responder

 **Marcel Botelho** há 2 anos
[@Pedreiro](#) como diria o gado da fazenda da minha tia : muuuu

 8  Responder

 **Marcel Botelho** há 2 anos
[@InaciandO](#) desculpa se fui mal educado, esqueci de te oferecer capim

 23  Responder

 **Carol** há 2 anos
KKKKKKKKKK

 1  Responder

 **InaciandO** há 2 anos
[@Marcel Botelho](#) Jair reeleito em 2022... Tarcísio de Freitas em 2026! Certeza absoluta!

 5  Responder

Os recortes 01 e 02 foram retirados da plataforma de vídeos *YouTube*, na qual está veiculado o vídeo “RESPONSÁVEL”, e observamos que as SDs contidas nele têm a função de incendiar o debate sobre o tema, mesmo que aparentemente não mostre uma correlação direta com o assunto etarismo. A respeito das estratégias discursivas utilizadas pelos enunciadores dos referidos recortes, atestamos, de acordo com a teoria da análise do discurso digital de Paveau (2021), que há o uso de *Flame war* e também a presença de incendiários (flamer), que são “os autores da mensagem” agressiva no debate virtual.

Para melhor entendimento, com base na estudiosa, diremos que esse recurso linguístico, chamado pela autora de “guerra de mensagens incendiárias”, apareceu na internet nos anos 1990, inclusive um marco da era do uso da internet em larga escala, “construída em torno de *flame* (chama), que designa uma agressão verbal violenta, frequentemente fundada em ataques pessoais [...]” (Paveau, 2021, p. 73). Vejamos exemplos desse artifício discursivo retirado dos excertos 01 e 02:

SDs retiradas do recorte 01:

Com a minha mãe não tive problema, mas meu primo bolsonarista deixo na coleira com uma vasilha de água e um pote de capim

Deixe reservado o vermífugo kkkkk

Não ri dele tadinho, ele é um animal irracional

Notamos que a estratégia discursiva do eu enunciador das SDs destacadas do recorte 01 conversa com outros dizeres em tom de agressão e revide. Dizemos revide porque, à época, o então candidato à Presidência do Brasil Jair Messias Bolsonaro (PL) publicou um vídeo em 2018 que viralizou na internet, conforme publicado no portal GCMais, sob o link <https://gcmains.com.br/noticias/2022/10/05/em-video-bolsonaro-oferece-capim-a-eleitores-de-lula/>, oferecendo capim aos simpatizantes do ex-Presidente Lula, líder do Partido dos Trabalhadores (PT). Nota-se que os discursos de teor agressivo, reduzindo os adeptos da ideologia de esquerda a seres animais, falam de outros lugares como uma resposta a dizeres ditos anteriormente pelo representante da extrema-direita.

No recorte 02, também encontramos uma posição discursiva similar. Observemos algumas SDs:

@Querida Super Hist simm, e tô adestrando ele, cada vez que ele se finge de morto ou dá a pata, ele ganha cloroquina

@Pedreiro como diria o gado da fazenda da minha tia : muuu

@InaciandO desculpa se fui mal educado, esqueci de te oferecer capim

A partir das SDs selecionadas, dos excertos 01 e 02, podemos destacar que em análise do discurso digital os dados vão surgindo gradativamente à medida que a animosidade do debate acontece no espaço virtual. Os implícitos surgem através das formas discursivas remissivas, e esses exemplos de dados linguageiros eleitos como constituintes do *corpus* nos levam à percepção de que

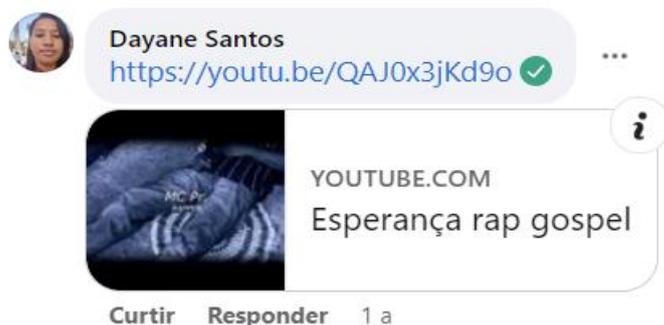
A análise de dados como estes pode levar à conclusão de que os sujeitos são históricos e atuam; que a ideologia está sempre presente, mas não é a única realidade e também é histórica; que os sujeitos estão irremediavelmente dentro e fora do arquivo, quem sabe mesmo arquivando; enfim, que a interação existe e se caracteriza pelo jogo tenso entre o que já houve e o acontecimento circunstancial que ela é, no qual os sujeitos têm um papel que ultrapassa o lugar que ocupam segundo o imaginário (Possenti, 2009, p. 83).

Percebemos, também, baseados em Mariani (2019, p. 280), que grupos se polarizam debatendo um determinado assunto no espaço virtual por meio de formações imaginárias, e os sujeitos produzem “uma rede de discursividades que alimenta uma ilusão de consenso”, o que se encontra materializado nas sequências discursivas que reverberam quando os sujeitos, por suas formações discursivas e balizados por posições ideológicas, usam o discurso remissivo, apenas sendo capazes de interpretação de forma X à luz da compreensão da historicidade e dos interdiscursos emanados pela língua.

Assim, há variadas formas de interpretação dos dizeres que possuem “palavras com funcionamento lógico-retórico compreensível quando inseridas em uma série remissiva” (Mariani, 2019, p. 281), pois, para um usuário da internet que está alheio aos acontecimentos históricos e políticos do seu país, a interpretação das SDs postas em análise soaria como somente uma discussão entre usuários da rede, não entendendo a produção de sentidos nos intradiscursos em análise da mesma forma que o sujeito atento às questões ideológicas, sociais e políticas que interferem na produção dos processos discursivos com base no “sítio de significância” de cada léxico utilizado pelos “escritores” nas redes sociais.

Nas análises dos elementos tecnolinguageiros, através das respostas tecnodiscursivas (Paveau, 2021), vemos que é comum a presença de um campo semântico que potencializa a discursividade de teor agressivo e violento e também irônico, como citado anteriormente neste trabalho, através de *Flame Wars*, *Shitstorms* e *Tweetclashes*.

No tocante aos discursos que têm a característica de deslinearização, como já falamos um pouco anteriormente, segue mais um exemplo disso abaixo:



O hiperlink postado em meio às discussões sobre o vídeo “RESPONSÁVEL”, utilizado pelo sujeito discursivo, remete a outras discursividades de cunho religioso, entre outras, que não é objetivo deste trabalho explorar. Contudo, essa estratégia discursiva é mostrada nesta pesquisa para reforçar a tese de que o discurso digital não traz consigo traços da ampliação e da imprevisibilidade que demarcam os procedimentos de circulação das materialidades no meio digital. Dessa forma, necessário se faz compreender que

Enquanto um escritor off-line controla em grande medida o resultado de sua produção escritural, seja manuscrita ou datilografada/digitada, pela adequação entre suas intenções de escrita e os produtos escritos, o mesmo não ocorre nos universos digitais conectados. De fato, os programas de escrita e os algoritmos, como os procedimentos de circulação (compartilhamentos, reblogagens, capturas de tela), tornam os produtos do ato de escrita altamente imprevisíveis (ver o verbete Imprevisibilidade) (Paveau, 2021, p. 192).

Desse modo, embasados por Paveau (2021), diremos que a escrita no meio digital se caracteriza pela ação em que o sujeito discursivo busca validação e benefício perante seus modos de significar seus discursos através também dos dispositivos sociotécnicos da linguagem em rede social. Vale acrescentar, além disso, que a imprevisibilidade dos tecnodiscursos é originada porque o enunciador-escreitor não pode prever a maneira, a circulação e ainda quais conteúdos das materialidades linguageiras surgem e a forma como elas repercutem on-line, como bem assevera Paveau (2021).

Pensando dessa maneira, observamos que também existe a figura do *troll*, que são um dos novos observáveis importantes para o estudo do discurso nativo digital. A respeito disso, observemos as SDs e os excertos recortados que exemplificam essa constatação:

SD 25:



Ederson Espindola

Aí aí isso foi uma informação.muito importante para todos nois né kkkkkkk

Curtir Responder 45 sem

Vemos que o sujeito discursivo ironiza as discursividades materializadas em rede, sobre a questão do etarismo, mobilizadas pelo vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”. De acordo com Paveau (2021, p. 170), “O troll é uma figura de locutor on-line cujo objetivo é minar as conversas intervindo nas discussões, seja dos fóruns, das redes sociais, dos blogs ou de outra plataforma conversacional”. A ironia é um elemento imprescindível para o efeito de sentido que se funde com o humor, a trolagem que o sujeito enunciador deseja produzir em meio ao calor das discussões on-line. Vejamos mais um exemplo da figura do troll a seguir:



snow há 2 anos

Vocês que invadiram minha vila no coin master?

👍 4 🗨 Responder

▲ 2 respostas



Estevo Alves há 2 anos



👍 🗨 Responder



Ro mã há 2 anos

Eu mesma, Cardi B! HAHHAHAHA

👍 1 🗨 Responder

O *troll* é uma figura importante para a materialização do discurso on-line; ele participa da estruturação das interações tecnolinguageiras, e os sentidos são produzidos através do imbricamento de outros elementos do compósito digital. Observemos que os sujeitos que trolam mantêm seu perfil no anonimato justamente porque a trolagem é uma ação intencional. Segundo Paveau,

A palavra *troll* tem duas etimologias. De acordo com a primeira, a palavra é um empréstimo do inglês e designa de maneira homônima

ao mesmo tempo um enunciador e o discurso que ele produz: um troll produz trolls, isto é, mensagens nefastas para as trocas verbais. [...]. *To troll* quer dizer pescar com a colher, isto é, de forma trapaceira, e a extensão do sentido passa por essa ideia: o sentido da trolagem nos contextos digitais nativos é, de fato, o de postar mensagens para confundir ou enganar os participantes de uma conversação de maneira a miná-la ou destruí-la (2021, p. 171).

Ainda há outra explicação para a origem da figura do troll, que assenta que seu surgimento numa figura mitológica escandinava de aparência feia, cor de pele cinza ou esverdeada, malcheiroso, um monstro que usa uma faca ou uma clava como simbologia marcante, como pontua Paveau (2021). Ainda de acordo com essa estudiosa, “A figura evolui, em seguida, por extensão e enfraquecimento semântico” (2021, p. 171). Já na internet, a autora explica que “o sentido de *troll* apareceu na internet para designar enunciadores intempestivos e mal intencionados [...]” (Paveau, 2021, p. 172).

A inscrição que mobilizou a eleição do *corpus* para análise desta pesquisa foi a seguinte: #ATUALIZAPORCHAT. Depois disso, também surgiu em meio às discussões virtuais a inscrição de diversas outras hashtags (#) a fim de ampliar o debate em rede social sobre determinado tema.

As hashtags ampliam os sentidos discursivos, além de promoverem uma maior circulação das materialidades discursivas, bem como a ampliação da rede de significação, ou seja, “é um compósito, porque se trata de um segmento ao mesmo tempo linguageiro (siglas, palavras, expressões ou frases inteiras) e técnico, devido a sua natureza clicável (assegurada pelo símbolo cerquilha #)” (Paveau, 2021, p. 120). A respeito disso, vale colocar alguns exemplos que traduzem a função das hashtags no processo de discursivização em rede. Vejamos a seguir:

SD 26:



Maria Candida há 1 ano

Essa ideia de 57 anos de vcs tá muito antiga, pelo amor de Deus!!!! Tenho 49 #etarismo #ageismo



4

Responder

SD 27:



Maitez Cun'ha
VALEUUU MESMO !
SENSACIONAL estou com [#almalavadaeenxaguada](#) ...
[#Porchat](#) certamente vai [#entender](#) e colaborar no [#adorável](#) ativismo
[#diversidadedegerações](#) !

Curtir Responder 1 a Editado

SD 28:



jarbas oliveira filho há 2 anos
[#atualizafabioprochat](#). [#atualizaportadosfundos](#). Viva Cris Guerra. E o pior que nem rir eu consegui.

Responder

SD 29:



cristina kopf há 2 anos
Equívoco. [#respeitoaosidosos](#)

Responder

Constatamos que as hashtags estabelecem um tecnodiscurso de ativismo na rede social, logo também concorrem para os processos de ressignificação dos efeitos de sentido sobre determinado tema e ainda evidenciam um truncamento de luta em meio a relações de poder, tão bem explicitadas com a teoria pecheutiana ao teorizarmos sobre o objeto de pesquisa. Sendo assim, é essencial reafirmar que “A questão do poder está no centro da análise do discurso em sua tradição francesa e deve ser considerada pela análise do discurso digital. On-line, os esquemas de análise pré-digital não funcionam e mais é preciso integrar o parâmetro tecnológico” (Paveau, 2021, p. 71).

E ainda ter um dispositivo tecnológico à mão é um dado importante, e a reflexão a seguir nos faz repensar os processos de produção de sentido com o suporte colaborativo da máquina, da técnica e do fenômeno da inseparabilidade, uma vez que

Pouco falamos dos aparelhos neste trabalho, o que alguns pesquisadores chamam ainda de “suportes”, porque a perspectiva ecológica pós-dualista da análise do discurso digital considera o aparelho como elemento intrínseco do ambiente e não uma simples ferramenta “sobre” a qual os discursos seriam produzidos, como se eles tivessem uma autonomia. Mas é preciso integrar, numa

perspectiva de recepção, o uso do aparelho pelos internautas: temos nosso telefone constantemente conosco, e nossos computadores e *tablets* não nos abandonam. Ademais, permanecemos conectados com nossos aparelhos, nosso telefone em particular, por razões práticas, sociais, familiares ou profissionais, que são também obrigações (Paveau, 2021, p. 71).

Entendemos que, quando estamos logados, ao discursivizar, estabelecemos uma relação de sentidos uns para com os outros através da conversacionalidade por meio dos “corpos idiodigitais”, que acompanham a ideia de historicidade da própria ação de leitura e da produção discursiva dos sujeitos, como percebemos em Orlandi (2012).

Em meio à importância dos dispositivos tecnológicos citados por Paveau (2021), é bem compreensível a indignação dos internautas contra o vídeo “RESPONSÁVEL”, de autoria do Porta dos Fundos, quando, nos excertos apresentados na sequência, interpretam que uma mulher de 57 anos não deve e não pode ficar sozinha manipulando o celular.

Vejamos este excerto:

Interlocutora (3): Exatamente. Nessa idade que é muito perigoso largar o celular na mão deles, sabe? Você não sabe o que ela está acessando. Pode estar recebendo fake news aí de um estranho.

O excerto acima não deixa de reverberar um tom etarista, no entanto devemos considerar que se trata do discurso de humor, que, como Possenti (2018) expõe, essa tipologia textual não deve pedir licença para ser o que é e tem uma função artístico-crítica. Diante disso, tal excerto tem a força de fazer com que os indivíduos reflitam sobre o uso consciente da tecnologia. A estudiosa Mariani (2019) reforça o poder que a tecnologia comunicacional exerce na formação discursiva dos sujeitos, na medida em que

Os *zaps* se espalham velozmente, entrando em celulares outros, sem pedir licença, uma vez que são repassados e multiplicados por máquinas programadas para tal finalidade. A mídia jornalística impressa ou digital, por sua vez, cita os *zaps*. Os *zaps* tornam-se notícia, antecipando o que a mídia irá anunciar, mesmo que seja como comprovantes de circulação de *fake News* ou de opiniões de grupos extremistas de direita (Mariani, 2019, p. 280).

De acordo com o *corpus* analisado nesta pesquisa, percebemos que os sentidos instaurados por meio da língua reverberam diversos outros não ditos, isso

porque cada posição-sujeito, pela ilusão da força da ideologia, representa determinadas posições-sujeito com as formações discursivas pelas quais são cooptados. Na época da produção dessas materialidades, diversos acontecimentos estavam ocorrendo no mundo e no Brasil, seja de ordem política, social ou econômica.

Certamente, a preferência pela discursividade X ou Y dos internautas perpassou as condições de produção que os afetava, e a mídia exerceu e ainda exerce grande influência em relação às produções linguístico-discursivas dos sujeitos. Mariani (2019) cunhou o termo *prêt-à-porter*, no âmbito dos estudos discursivos, para designar as materialidades textuais que circulam nas redes, pois elas estão “prontas para serem vistas, lidas, espalhadas e repetidas sem muita reflexão, ou seja, em uma palavra, para serem consumidas, descartadas quase instantaneamente e serem substituídas por outras com efeitos de sentidos similares” (2019, p. 280).

A SD que segue mostra uma função metadiscursiva do discurso que explica o vídeo “RESPONSÁVEL” à luz da epistemologia da função do humor, corroborando a teoria de Possenti (2018). Vejamos:

SD 30:



Leonardo Lira há 1 ano

Gente, a realidade é que o vídeo fala sobre o quanto há de lacunas entre gerações e as preocupações de cada geração. Mostra, em forma de ironia, o quanto a nova geração erra ao infantilizar ou coisificar o idoso ou, para se “livrar” das questões dele, aceita tudo sem muito diálogo ou com uma profunda falta de paciência. O momento é realmente tenso. Tb perdi minha mãe pro câncer ano passado, com 70 anos. Esse vídeo é um alerta de como lidamos ou vemos como imbecil as subjetividades da pessoa idosa. Temos abertura ao novo, com tecnologias e a modernidade, mas infantilizamos ou tratamos com desdém o velho. Damos ou o idoso compra o smartphone, mas não nos importamos em incluí-lo ou alfabetizá-lo digitalmente, e depois ficamos puto quando eles, os idosos, são vítimas de fake news ou consomem programas que achamos tosco. A gente realmente fala com os idosos sobre as mudanças sociais? O vídeo em sí é uma crítica dual. Precisamos vê-lo com olhos racionais e reflexivos, porque, apesar de ser um vídeo humorístico, ele é muito, muito racional e reflexivo.

Mostrar menos

  Responder

Por sua vez, a SD 31 também conversa com os pressupostos da SD 30 e reafirma o caráter político que há na língua, salientando que o contexto imediato e mais amplo visto na teoria de Pêcheux e a força motriz da ideologia são essenciais nos processos de produção dos sentidos.

SD 31:



Gloriosa Glória

Muito chato a sua fala. 🙄

Quantos biscoitos você quer?

O Brasil perdeu o senso e ficou realmente ridículo no pior sentido. Se ela visse realmente as entrelinhas do vídeo.

Mas não preferiu nadar na superficialidade e vagar rasa nos poucos biscoitos que pode conseguir dando texto moralista.

Vai dar texto ao presidente inescrupuloso que está dia e noite fazendo chacota de muitas vidas perdidas. Ah desse você não quer falar.

Prefere atacar as artes, a comédia. Acho que vamos precisar voltar a escrever qualquer aparência com a realidade é mera coincidência.

Isto é pura ficção. Se a ficção lhe incomoda, meu amor, você precisa fazer análise.

Curtir Responder 1 a Editado

Dessa forma, olhando as diferentes perspectivas leitoras sobre a mesma materialidade em análise, os vídeos sobre o etarismo, temos uma explicação razoável para a interpretação do *corpus*: “Os textos nascem de maneiras diferentes e também chegam a seu destino por diferentes vias. Não são lidos da mesma maneira nem com as mesmas expectativas nos diferentes campos [...]” (Possenti, 2018, p. 18).

Para encerrar a priori nossas considerações nesta pesquisa, uma vez que os comentários referentes a esse tema são inúmeros nas redes sociais, diríamos que a teoria da análise do discurso digital tem muito a contribuir em relação ao fazer analítico do pesquisador em Análise do Discurso, isso porque, como diz Orlandi (2012), tais materialidades sacramentam o jogo interacional existente entre o leitor – e, na perspectiva de Paveau (2021), o escreiteiro – e o leitor real dos discursos emanados da rede digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desta empreitada, constatamos que o percurso que trilhamos foi repleto de desafios e descobertas acerca das indagações promovidas pelo objeto de pesquisa. Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, aportamos em um terreno profícuo, movediço, caracterizado pelo estatuto de uma linguagem discursiva nascida no ambiente digital, e, por isso, desafiadora no sentido de promover uma análise levando em conta os saberes da teoria pecheutiana e os elementos tecnodiscursivos da teoria proposta pela análise do discurso digital de Marie-Anne Paveau.

O *corpus*, por ser considerado compósito, que integra tanto os elementos linguageiros quanto o conjunto do ambiente em que os discursos se inscrevem, foi analisado à luz da teoria de Paveau (2021), o que nos proporcionou uma abordagem ecológica dos discursos. Ademais, o tema de pesquisa, ainda que pouco explorado nos estudos do campo discursivo, nos mostrou que o etarismo está enraizado nas ações dos sujeitos em seu cotidiano, sendo ressignificado pelos interdiscursos e pela memória dos dizeres.

É sabido que, na ânsia de explicar a forma como a língua produz significação e sentido sobre o etarismo, pela característica de dispersão e reificação que os fios discursivos possuem, desembocamos em questões da ordem do ideológico, do histórico e do político, pois, sim, a teoria de Pêcheux emana esses sentidos e muitos outros devido às condições de produção e de resistência dos sujeitos nos espaços de poder.

As formações discursivas, as questões ideológicas, as posições dos sujeitos e o aspecto político da linguagem nos tiraram do lugar confortável e comum, e as interpretações das materialidades nos levaram a estabelecer correlações advindas dos efeitos parafrásticos e polissêmicos que reformulam os discursos e inquietam os sujeitos pelos sentidos moventes que regem a linguagem em suas mais variadas formas.

Desde a delimitação do *corpus*, sabíamos que trilharíamos “lugares distantes”, mas ao mesmo tempo revisitados pelos interdiscursos, pela memória discursiva. A teoria de Pêcheux e a de Paveau, bem como as colocações dos demais estudiosos referendados, nos aproximaram de vários sentidos já lá, cristalizados na memória dos sujeitos, e a temática do etarismo no âmbito das questões do gênero feminino moveu-

nos a dizer que a linguagem, em suas nuances e facetas, é um objeto de extrema complexidade, isso porque um aparente e simples vídeo, como o do episódio “RESPONSÁVEL”, de autoria do Porta dos Fundos, protagonizado pelo humorista Fábio Porchat, despertou sentidos e sentimentos que, imbricados com as questões de um tempo, fizeram remissão a diversos acontecimentos de cunho histórico, social e político que são polêmicos, como a questão do feminismo, dos lugares que a mulher ocupa na sociedade e como ela é significada pelas instituições, pelos espaços de poder e pelas redes sociais.

Respondendo a questão norteadora desta pesquisa, poderíamos afirmar não com uma verdade única, mas afetados pelas bases epistemológicas alicerçadas nesta pesquisa, que os compósitos discursivos linguageiros (discursos digitais) ora estudados reafirmam o caráter opaco da linguagem, que as formulações discursivas não se fecham só no sentido e que há muitas formas de se interpretar o tema do objeto proposto para análise.

Contudo, podemos explicitar que, embora o vídeo “RESPONSÁVEL” tenha mobilizado e levantado questões acerca do etarismo e provocado a ampliação das discussões sobre esse assunto, embasados em Possenti (2018) concluímos que o humor é também um espaço para refletirmos criticamente a respeito dos discursos materializados nessa forma de arte. E essa reflexão deve ser crítica, pois a língua(gem) não é neutra, e os sujeitos, ainda que embebidos pela ilusão da transparência da linguagem, cooptados pelas ideologias, por meio da linguagem provocam e levantam questões pertinentes ao seu tempo.

Através dos Parâmetros Tecnodiscursivos da teoria de Paveau (2021), pudemos observar a força que os compósitos digitais exercem sobre as materialidades em forma de comentários postados na Web 2.0. O anonimato-pseudonimato, o deslocamento da relação de poder, a viralidade dos discursos, juntamente com as respostas tecnodiscursivas, a exemplo das *Flame Wars*, concorrem muitas vezes para a ciberviolência no espaço virtual, como atestamos em vários exemplos nas análises das SDs desta pesquisa.

Assistindo, a princípio, ao vídeo “RESPONSÁVEL”, quem diria que o conteúdo dessa materialidade linguística pudesse despertar nos internautas tantos outros sentidos, além do etarismo, da ordem do político e do ideológico, como visto nos comentários do *corpus*? Pois bem, como depreendemos da teoria pecheutiana, os sujeitos falam de vários lugares e, por causa disso, são atravessados por formações

discursivas que abarcam as formações ideológicas, sendo que, aliado a esses mecanismos que controlam os dizeres, vivemos numa sociedade em redes, determinada pelos Aparelhos Ideológicos de Estado de Althusser, tão bem adaptada e explicitada à teoria discursiva de Pêcheux. Dessa forma, como nos mostra a teoria da AD francesa, os discursos são formulados e influenciados pelo contexto imediato e por um contexto mais amplo, ligado à historicidade da língua, e pela memória discursiva dos dizeres.

É de se refletir que, se a mulher na contemporaneidade sofre violência discursiva nos espaços de poder, é também porque a linguagem, por meio dos discursos, reforça estereótipos e preconceitos arraigados numa sociedade patriarcal que vem se ressignificando a partir dos movimentos feministas, e a linguagem (discursos) é um dos instrumentos principais da mudança social, da mentalidade dos sujeitos em sociedade, nas relações de troca.

Uma outra consideração pertinente diz respeito às questões políticas do nosso tempo que se refletem sobremaneira nos discursos que os sujeitos materializam no dia a dia, portanto o fato de uma mulher, no caso a publicitária Cris Pàz, ter se expressado nas redes sociais contra o etarismo no vídeo “ATUALIZAPORCHAT” – isso porque a enunciativa entendeu ser o vídeo “RESPONSÁVEL” um disseminador de preconceito contra as mulheres maduras na sociedade – nos mostra um movimento interessante de liberdade de expressão e empoderamento porque há uma denúncia pelo sintoma de um mal-estar que muitas mulheres sentem, ou sofrem na pele, causado pela prática do etarismo, concretizado seja em comportamentos de ação, seja em atividades languageiras no âmbito das relações nos espaços sociais.

Destarte, se para o humor há a prerrogativa da liberdade de expressão, pois ele é arte, e a arte não está presa ao politicamente correto, como pensamos neste estudo, nos cumpre a tarefa – como espectadores, escritores e interlocutores – de dialogarmos para a construção de uma sociedade que encare o envelhecimento da mulher como um processo natural biológico, por isso tais discursos devem incluir dizeres não da ordem do preconceito, mas da ordem da sensatez, pois, como discursiviza a enunciativa do vídeo “#ATUALIZAPORCHAT”, a sociedade está envelhecendo, e temos de acompanhar as novas demandas que surgem com esse fato, ao invés de inutilizar as pessoas por não terem mais o vigor e nem a beleza de quando eram jovens.

Enfim, a análise dos comentários materializou um desabafo de muitas internautas sobre a prática do etarismo nos espaços sociais, e até mesmo no próprio seio familiar. Logo, não se nega que o etarismo existe, mas o que deixamos de reflexão é que o humor tem força, por sua linguagem criativa, de mobilizar sentidos críticos sobre qualquer tema, como vimos através das análises. O nosso papel enquanto analistas é interpretar e mostrar os mecanismos de produção de sentidos dentro da língua. E assim o fizemos, embora não tenhamos a pretensão de explicar com uma única resposta os sentidos produzidos pelos discursos.

Como a linguagem é passível de muitas significações, e os discursos estão sujeitos a falhas e ao equívoco, diremos que todas as questões de ordem da natureza da linguagem são impregnadas do sentido político e que as posições dos sujeitos são significadas por suas materialidades discursivas ao longo da história, da qual o sujeito e a língua fazem parte.

REFERÊNCIAS

- #ATUALIZAPORCHAT. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal gerocast. Disponível em: <https://youtu.be/6MR3GtG5OOU>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução de Maria Laura V. de Castro. Introdução crítica de José Augusto Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1969]. p. 53-107.
- BOCCHI, Aline Fernandes de Azevedo. O funcionamento discursivo de testemunhos de violência no parto: movimentos de sentido entre o jurídico e o equívoco. *In*: FONTANA, Mónica G. Zoppi; FERRARI, Ana Josefina (Orgs.). **Mulheres em discurso**: gênero, linguagem e ideologia – volume 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 57-82.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- CAVALCANTE, João Roberto; CARDOSO-DOS-SANTOS, Augusto César; BREMM, João Matheus; LOBO, Andréa de Paula; MACÁRIO, Eduardo Marques; OLIVEIRA, Wanderson Kleber de; FRANÇA, Giovanny Vinícius Araújo de. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília, v. 29, n. 4, e2020376, 2020.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 13).
- COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser. Apresentação da edição brasileira. *In*: PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 19-26.
- COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #FIQUEEMCASA: educação na pandemia da Covid-19. **EDUCAÇÃO**, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p200-217>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- CRIS PÀZ. Sem título. 19 jan. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=saved&v=419133722669357>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- DIAS, Cristiane. “Não é só a morte que nivela”: o discurso da cultura digital. *In*: ORLANDI, Eni P.; MASSMANN, Débora (Orgs.). **Cultura e Diversidade**. Trilogia Travessia da Diversidade – Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 63-82.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Título original: *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. 464 p.

FERNANDES, Claudemar Alves. Em Foucault, o sujeito submergido no discurso. *In*: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Presenças de Foucault na Análise do discurso**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 97-124.

FERNANDES, Rafael de Souza Bento. O “discurso do corpo fracassado”: notas preliminares de pesquisa. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALO, Solange Maria Leda (Orgs.). *Análise de Discurso em rede: Cultura e Mídia*. v. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 77-92.

FONTANA, Mónica G. Zoppi; FERRARI, Ana Josefina (Orgs.). **Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia – volume 1**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Onde o autor é leitor todos os caminhos se bifurcam. *In*: GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise *et al.* **Análise do discurso: entornos do sentido**. Araraquara: UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001. p. 63-71.

MALDIDIER, Denise. **A Inquietação do Discurso: (Re)Ler Michel Pêcheux Hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MARIANI, Bethania. As formas discursivas e a ameaça comunista. **Ling. e Instrum. Linguíst.**, Campinas, SP, n. 44, p. 270-289, jul./dez. 2019.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso: História e Práticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 43-51.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1988].

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010. p. 163-252.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. 2. ed., 6. reimpr. São Paulo: Contexto, 2019.

PUENTE, Beatriz. Expectativa de vida sobe de 76,8 para 77 anos no Brasil, diz IBGE. **CNN Brasil**, 25/11/2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/expectativa-de-vida-sobe-de-768-para-77-anos-no-brasil-diz-ibge/#:~:text=A%20expectativa%20de%20vida%20dos,quando%20registrou%2076%2C8%20anos>. Acesso em: 18 set. 2023.

RESPONSÁVEL. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Porta dos Fundos. Disponível em: <https://youtu.be/E2pSmNUhkfQ>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SILVA, José Otacílio da. Althusser. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 71-100.

TFOUNI, Fábio Elias Verdiani. Interdito, silêncio e as modalidades da lógica aristotélica na linguagem. In: TFOUNI, Fábio Elias Verdiani; STUBE, Angela Derlise; PAULON, Clarice Pimentel (Orgs.). **Silêncio e interdito**: discursos em movimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 246 p.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 5, e00068820, 2020.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução Waldéa Barcellos. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 490 p.